

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

***TÁ MUDANDO?* – UMA ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA
REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NA FALA DE VITÓRIA/ES**

VITÓRIA
2019

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

***TÁ MUDANDO?* – UMA ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA REDUÇÃO
FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NA FALA DE VITÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre

VITÓRIA
2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- P654t Pinheiro, Frederico Pitanga, 1994-
Tá mudando? – Uma análise sociofuncionalista da redução fonética do item estar na fala de Vitória/ES / Frederico Pitanga Pinheiro. - 209.
156 f.
- Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.
1. Sociolinguística. 2. Funcionalismo. 3. Sociofuncionalismo. 4. Gramaticalização. 5. Item estar. 6. mudança linguística. I. Scherre, Maria Marta Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

FREDERICO PITANGA PINHEIRO

**TÁ MUDANDO? – UMA ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DA REDUÇÃO
FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NA FALA DE VITÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora e Presidente da Comissão

Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Interna

Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina
Examinadora Externa

Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Suplente Externa

Ao Tempo, por ser justo e por me ensinar tanto

AGRADECIMENTOS

Sempre que paro para pensar em religião, percebo que nunca fui uma pessoa de muita fé. Na ausência de algo místico em que pudesse me apoiar, sempre adotei o Tempo como o meu bastião. Tal postura me leva a acreditar que tudo tem a sua hora para começar e acabar – sem reclamar dos acontecimentos ou das pessoas que vêm ou vão em minha vida, basta que eu saiba lidar com a situação que me foi dada. Por este motivo, seja lá quem está por trás das cordas do tempo, agradeço ao período de quase dois anos que me foi concedido para que eu realizasse esse mestrado.

Em um cenário onde os gastos com a nossa educação são congelados e a história e a pesquisa de nosso país são literalmente queimadas, agradeço a todos e todas que dedicam um momento da sua vida à pesquisa científica. Pesquisar em um cenário de extremo desincentivo não é só um trabalho árduo e honroso, é, também, resistir. Resistamos!

A minha família. Eles nunca compreenderam as escolhas que fiz, mas nunca me impediram de correr atrás dos meus sonhos. Talvez tenha me faltado carinho e paciência na hora de explicar as motivações que me levaram a seguir a carreira que escolhi. Da parte de vocês, talvez tenha faltado uma palavra de incentivo. Espero que um dia eu consiga mostrar o valor de sempre se dedicar aos estudos.

A minha querida orientadora e amiga Maria Marta Pereira Scherre, por me conduzir de forma tão competente e humana durante a nossa caminhada. Muito abrigado pelos conhecimentos compartilhados, pelos livros emprestados, pelas leituras atentas do meu texto e pelas conversas amenas que surgiam durante as orientações. Sorte a minha ter contado com os conselhos de uma pessoa tão gentil e capacitada como você, Marta!

A Lilian Coutinho Yacovenco, pelas inúmeras vezes em que nos encontramos na sala de aula e pelos conhecimentos compartilhados. Foram cinco ou seis disciplinas ao todo? Não me lembro mais (risos)! Se tivesse outra oportunidade, não pensaria duas vezes e matricularia de novo, só pela oportunidade de escutar você falando, mais uma vez, “você aqui de novo?”.

A Edair Maria Görski, por ter aceito o convite para compor a minha banca de qualificação e defesa. Muito obrigado pelos apontamentos valiosos acerca da minha pesquisa.

A Leila Maria Tesch, por me iniciar na pesquisa e me conduzir ao objeto de estudo deste trabalho – não chegaria aqui sem você. Agradeço pelas orientações, pela amizade e pelas conversas (por vezes desesperadas) sobre o cenário político e a vida acadêmica.

A Juliana Rangel Scardua, pela prazerosa amizade que desenvolvemos nesses últimos anos e pelo apoio incondicional. Agradeço pelas trocas de ideias, por sempre me ajudar a encontrar os textos dos quais necessitava, por compartilhar o desespero para cumprir prazos e por me fazer rir toda vez que você tentava fazer uma simples conta de adição ou multiplicação – ainda aguardo você acertar uma operação sem precisar de um esforço sobre-humano (risos). Te desejo tudo de melhor na sua nova caminhada e nem preciso dizer que eu estou aqui para o que você precisar, né?

A Tarsila Machado Pinto, pela amizade e pelas cervejas após às aulas de quinta-feira. Eu não sei se você queria realmente ir ou se ia apenas para me agradar (risos). Independentemente disso, sempre adorei a sua companhia. Você é uma mulher muito gentil, competente e dedicada. Torço muito pelo seu sucesso e pela sua felicidade.

A Marliny Carla Detone Caetano, pelas inúmeras tardes em que me acompanhou na sala 306. Muito obrigado por tornar os meus momentos de estudo mais agradáveis e por sempre me acompanhar em minhas idas à cantina do Onofre. Seja qual for o caminho que você pretende trilhar agora, te desejo o melhor, pois é isso que você merece e nada menos!

A Caroliny Batista Massariol, Carolina Amorim Zanellato, Karina Corrêa Conceição e Ednaildes Bispo da Conceição e demais colegas do grupo PortVix. A dedicação de todos vocês às suas respectivas pesquisas é uma inspiração para mim!

A Iana Lima Cordeiro, por ser, desde a graduação, uma ótima amiga – e, sim, eu estou admitindo isso (risos)! Muito obrigado por sempre lamentar comigo sobre as correrias da vida acadêmica. Do nosso jeito particular, desenvolvemos uma amizade para lá de singular. Você consegue se lembrar de algum dia em que conseguimos concordar em

algo ou que não tenhamos nos atacado gratuitamente? Eu não! O estranho (ou incrível) é a gente se divertir com tudo isso.

A Ana Carolina Oliveira Gonçalves da Silva e Drieli Sarcinelli Almeida Pascoal, por todo coração e amizade com que me honram. Muito obrigado por, dia a após dia, não serem nada daquilo que eu espero, mas tudo aquilo que eu preciso. A companhia de vocês me alegra e me faz muito bem. Amo a nossa *Amizade do pop!*

A Julia Frederica Effgen e família, por serem sempre tão generosos e amigos. Quem diria que aquele curto período em que passei no IFES resultaria em uma amizade tão valiosa? Obrigado por sempre me acolherem e me divertirem.

A Viviane da Penha Nunes, ao Daniel Libardi, a Paula Ghidetti, a Ana Carolina Fracalossi Goulart e tantos outros amigos e amigas que fazem parte da minha vida e que permitem que eu faça parte da vida deles. A pessoa que construo a cada dia também é resultado das experiências que compartilho com esses muitos companheiros.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela assistência financeira à minha pesquisa. Sem esse apoio, todas as experiências incríveis que tive a oportunidade de vivenciar ao decorrer desses últimos dois anos não seriam possíveis.

(...) numa realidade em que tudo se
transforma, estranho seria justamente se
as línguas não mudassem
Carlos Alberto Faraco (2006, p. 73)

RESUMO

Fundamentados em uma abordagem sociofuncionalista, na qual os postulados teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995) se conjugam, a presente pesquisa analisa a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. A partir do banco de dados do PortVix (YACOVENCO, 2009; YACOVENCO et. al., 2012) e coadunando a refinada metodologia de análise laboviana (GUY; ZILLES, 2007) aos mecanismos de gramaticalização (HOPPER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007), esquadrimos as 46 entrevistas compostas por falantes de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e nelas investigamos a influência dos fatores sociais *Sexo/gênero*, *Grau de escolaridade* e *Faixa etária* e dos fatores linguísticos *Função do item*, *Contexto precedente*, *Tempo verbal* e *Pessoa do discurso* no intento de descobrir as motivações por trás do fenômeno em tela. Para a análise quantitativa do nosso trabalho, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os nossos resultados demonstram que há predomínio das formas reduzidas em relação às formas plenas do referido item. Com um percentual de 96,9% de apagamento da sílaba inicial, constatamos que a redução caminha para se consolidar como uma mudança na fala. Também apuramos que a perda de material fônico está diretamente relacionada ao processo de gramaticalização que o *estar* sofre: à medida em que se gramaticaliza, conseqüentemente, expande seus usos para novos contextos, perde significação semântica e propriedades morfossintáticas, ele sofre erosão, mas ganha em funcionalidade. Por fim, também levantamos a hipótese de que a redução fonética do *estar* pode estar relacionada à predominância do seu uso como *verbo auxiliar*. Por associação paradigmática, ele se reduziria para se assemelhar aos seus correlatos monossilábicos *ter*, *ser* e *ir*, se tornando um perfeito exemplar (BYBEE, 2016 [2010]) dessa categoria.

Palavras-chave: item *estar*, redução fonética, Sociolinguística Variacionista, Funcionalismo Linguístico, Sociofuncionalismo, gramaticalização, mudança linguística.

ABSTRACT

Based on a socio-functionalist approach in which the theoretical-methodological postulates of the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) and Linguistic Functionalism (GIVÓN, 1995) are correlated, the present research analyzes the alternation between the full and reduced forms of the item *estar* 'be'. From the PortVix database (YACOVENCO, 2009; YACOVENCO et al., 2012) and in line with the refined Labovian analysis methodology (GUY; ZILLES, 2007) to the grammaticalization mechanisms (HOPPER, 1991; HEINE; KUTEVA, 2007), we screened the 46 interviews composed by speakers of Vitória, the capital of the state of Espírito Santo, and we investigated the influence of the social factors *Sex/gender*, *Years of schooling* and *Age group* and linguistic factors *Function of the item*, *Previous context*, *Verbal tense* and *Speech person* in the attempt to discover the motivations behind the on-screen phenomenon. For the quantitative analysis of our work, we used the software GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Our results show that there is a predominance of reduced forms in relation to the full forms of the mentioned item. With a 96.9% erosion percentage of the initial syllable, we find that the reduction is going to consolidate as a change in speech. We also find that the loss of phonic material is directly related to the process of grammaticalization that is suffering: as it is grammaticalized, consequently expands its uses to new contexts, loses semantic significance and morphosyntactic properties, it suffers erosion, but it gains in functionality. Finally, we also hypothesized that the phonetic reduction of *estar* 'be' may be related to the predominance of its use as an *auxiliary verb*. By a paradigmatic association, it would be reduced to resemble its monosyllabic correlates *ter* 'have', *ser* 'to be', and *ir* 'go', becoming a perfect exemplar (BYBEE, 2016 [2010]) of that category.

Keywords: *estar* verb, phonetic reduction, Sociolinguistic Variationist, Linguistic Functionalism, Sociofunctionalism, grammaticalization, linguistic change.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – RECORTE DE UM PONTO DA VARIAÇÃO AO LONGO DO <i>CONTINUUM</i> DE MUDANÇA	41
QUADRO 2 – INTERFACE ENTRE VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO CONSIDERANDO MAIS DE UM DOMÍNIO FUNCIONAL.....	43
QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS CÉLULAS SOCIAIS DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	48
QUADRO 4 – <i>CONTINUUM</i> DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i> A PARTIR DOS PARÂMETROS DE HEINE E KUTEVA (2007).....	54
QUADRO 5 – ACLIVE DE GRAMATICALIZAÇÃO PROPOSTO POR HOPPER E TRAUGOTT (1993)	55
QUADRO 6 – FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO ITEM <i>ESTAR</i>	81
QUADRO 7 – OUTRAS CATEGORIAS DESEMPENHADAS PELO ITEM <i>ESTAR</i> ..	85
QUADRO 8 – TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i> A PARTIR DA ESTRUTURA DOS ITENS ANALISADOS	93
QUADRO 9 – VARIÁVEIS INDEPENDENTES ANALISADAS PELO PROGRAMA GOLDVARB X.....	101
QUADRO 10 – CONJUGAÇÃO NO FUTURO DO SUBJUNTIVO DE <i>ESTAR</i> E <i>TER</i>	111

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM A FUNÇÃO NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	90
TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM A FORMA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	95
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM AS FUNÇÕES E CATEGORIAS NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	96
TABELA 4 – FREQUÊNCIA DE REDUÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i> POR INFORMANTE NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	97
TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM A FORMA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX APÓS REVISÃO DAS FUNÇÕES E CATEGORIAS.....	99
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM AS FUNÇÕES E CATEGORIA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX APÓS REVISÃO DAS FUNÇÕES E CATEGORIAS	99
TABELA 7 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>SEXO/GÊNERO</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	102
TABELA 8 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>GRAU DE ESCOLARIDADE</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	104
TABELA 9 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>GRAU DE ESCOLARIDADE</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> APÓS AMÁLGAMA DOS NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	104
TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM <i>ESTAR</i> DE ACORDO COM FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	106

TABELA 11 – PESOS RELATIVOS DOS FATORES DA VARIÁVEL <i>FAIXA ETÁRIA</i> EM SEU ÚLTIMO NÍVEL POSSÍVEL DE SELEÇÃO	107
TABELA 12 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>FUNÇÃO DO ITEM</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	108
TABELA 13 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>TEMPO VERBAL</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	110
TABELA 14 – EFEITO DA VARIÁVEL <i>PESSOA DO DISCURSO</i> NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX.....	112

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

DF – Domínio funcional

ES – Espírito Santo

E1 – Entrevistador 1

E2 – Entrevistador 2

I – Informante

LCU – Linguística Centrada no Uso

PortVix – Projeto O Português Falado na Cidade de Vitória

PR – Peso Relativo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1. DO ESTRUTURALISMO À SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	22
2.1.1. A Sociolinguística Variacionista	25
2.2. A LINGUÍSTICA FUNCIONAL.....	27
2.2.1. A Linguística Centrada no Uso	30
2.2.2. Delimitando o termo gramaticalização	33
2.2.2.1. <i>A Teoria da gramaticalização</i>	34
2.3. O SOCIOFUNCIONALISMO	37
2.3.1. A interface entre variação e gramaticalização	41
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	44
3.1. A VARIÁVEL DEPENDENTE	44
3.2. O CORPUS ANALISADO: PROJETO O PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE VITÓRIA – PORTIVIX	47
3.2.1. As variáveis independentes analisadas na amostra PortVix	48
3.2.1.1. <i>As variáveis sociais</i>	48
3.2.1.2. <i>As variáveis linguísticas</i>	53
3.3. A FERRAMENTA ESTATÍSTICA: GOLDAVARB X.....	66
3.4. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO	68
4. O ITEM ESTAR	70
4.1. AS FUNÇÕES DO ITEM ESTAR.....	71
4.1.1. Casos especiais: as múltiplas funções, os inferíveis e os não-classificáveis	81

4.2. A GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i>	86
5. A ANÁLISE ESTATÍSTICA DO ITEM <i>ESTAR</i> NA FALA DE VITÓRIA	95
5.1. A ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS	101
5.1.1. Sexo/gênero	101
5.1.2. Grau de escolaridade	103
5.1.3. Faixa etária	105
5.2. A ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	107
5.2.1 Função do item	108
5.2.2. Tempo verbal	109
5.2.3. Pessoa do discurso	111
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES	124
APÊNDICE A – CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX	124
APÊNDICE B – OCORRÊNCIAS DE <i>EXPRESSÕES CRISTALIZADAS</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX QUE UTILIZAM O ITEM <i>ESTAR</i>	126
APÊNDICE C – OCORRÊNCIAS DE <i>MARCADORES DISCURSIVOS</i> NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX QUE UTILIZAM O ITEM <i>ESTAR</i>	150
APÊNDICE D – TIPOS DE SOBREPOSIÇÃO DE FUNÇÃO DO ITEM <i>ESTAR</i> (CASOS DE <i>MÚLTIPLAS FUNÇÕES</i>)	153
APÊNDICE E – TABELA DO QUI-QUADRADO E TESTES DE SIGNIFICÂNCIA..	155

1. INTRODUÇÃO

Em diversas situações cotidianas, podemos notar que a língua é heterogênea, variável e suscetível a mudanças. Ao prestarmos um pouco mais de atenção à fala ou à escrita, perceberemos que há mais de uma forma para se expressar um mesmo valor de verdade dentro de um mesmo contexto. O questionamento que pode surgir aos mais curiosos é tentar entender o motivo pelo qual conseguimos nos entender em meio à diversidade linguística.

Precisamos compreender, primeiramente, que tanto a variação quanto a mudança são intrínsecas à língua e, diferentemente do que se pode pensar, elas não tornam a estrutura em algo caótico, como aponta Tarallo (1999). Nos últimos tempos, uma abundância de estudos de cunho variacionista tem demonstrado que há um conjunto de princípios linguísticos, sociais e estilísticos que condicionam o uso de formas variantes. Em outras palavras, isso equivale a dizer que a variação e a mudança linguística podem ser sistematizadas.

Conjugando os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e do Funcionalismo Linguístico (GIVÓN, 1995; CUNHA, 2012; CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003), o presente trabalho investigará a redução fonética do item *estar* a partir de um viés sociofuncionalista (TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016), em um banco de dados composto por 46 entrevistas realizadas com habitantes da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Em uma abordagem que coaduna o tratamento estatístico laboviano (GUY; ZILLES, 2007) aos mecanismos de gramaticalização (MEILLET, 1912; LEHMANN, 2002 [1982]; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 2014; BYBEE, 2016 [2010]), buscaremos avaliar quais são as motivações e contextos favorecedores do fenômeno em tela.

Atualmente, o referido item pode ser utilizado sob duas formas variantes, a plena e a reduzida, como é possível visualizar, respectivamente, nos exemplos (1) e (2) a seguir:

(1) Oh... eu acho que a... a escola pública é ruim. Igual meu neto, por exemplo, meu neto estuda aqui no Susete. Já roubaram dele a... a coisinha de/de/de lápis, a bolsinha de lápis. Ele não **está** aprendendo nada (...)

(PortVix, célula 16: mulher, 26 a 49 anos, nível fundamental)

(2) Então pronto! Ele não **tá** muito preocupado com as... as universidades federais não, muito menos é... privatizar agora. Eu acho que isso não... talvez uns vinte ano, trinta ano... tem que ter muito peito pra privatizar.

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

Em relação à fala, a variação entre as formas plenas e reduzidas não sofre nenhum estigma por parte dos usuários da língua, uma vez que o fenômeno ocorre abaixo do nível da consciência social. Como veremos mais à frente, a alternância entre essas duas variantes encontra-se no final do seu processo de mudança, pois as formas erodidas são utilizadas quase categoricamente em relação às formas integrais.

Elencamos sete grupos de fatores a fim de que pudéssemos captar as particularidades da alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*, três externos e quatro internos à língua. No plano social, consideramos o *Sexo/gênero* do informante, seu *Grau de escolaridade* e a sua *Faixa etária*; no plano linguístico, examinamos a *Função do item*, o *Contexto precedente*, o *Tempo verbal* e a *Pessoa do discurso*.

Além disso, levantamos a hipótese de que a variação e mudança do *estar* ligam-se diretamente ao seu processo de gramaticalização. Quando o item aqui investigado transita de sua função fonte e parte de um *status* gramatical para outros ainda mais gramaticais, ele passa a ser utilizado em novos contextos, perde significação semântica e propriedades morfossintáticas e, conseqüentemente, sofre redução do seu material fônico, mas, em contrapartida, ganha em funcionalidade.

A gramaticalização, processo de mudança no qual itens ou construções lexicais, em contextos específicos, passam a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, podem sofrer novos processos de gramaticalização e adquirirem funções ainda mais gramaticais, é amplamente discutida pela Linguística Funcional. Recorrentemente, a Sociolinguística Variacionista vem se apropriando dos

mecanismos e princípios de gramaticalização com o propósito de enriquecer suas descrições.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar e descrever a variação e a mudança do *estar*, levando em consideração o seu processo de mudança gramatical em uma interface entre variação e gramaticalização (NARO; BRAGA, 2000; GÖRSKI; TAVARES, 2017). A justificativa para a sua realização se encontra na carência de estudos sobre a redução fonética do referido item. Mesmo que na fala o apagamento da primeira sílaba se trate de uma mudança quase consolidada, não encontramos um estudo definitivo sobre o fenômeno.

Após esta introdução, a presente pesquisa está organizada em mais cinco capítulos. No capítulo 2., apresentamos os referenciais teóricos que guiaram as nossas análises: a Sociolinguística Variacionista, o Funcionalismo Linguístico e a interface entre esses dois campos – o Sociofuncionalismo.

No capítulo 3., são abordados os processos metodológicos que utilizamos. Discorremos acerca do fenômeno variável foco de nossas análises, explicamos e exemplificamos os fatores escolhidos para a análise, caracterizamos o *corpus* utilizado para realizar a coleta de dados e apontamos os nossos objetivos geral e específicos.

A partir do capítulo 4., iniciamos nossas análises. Nele, listamos as funções que o item *estar* desempenha e falamos sobre o seu processo de gramaticalização. No capítulo 5., são feitas as análises e discussões da redução fonética do item *estar* na fala dos habitantes de Vitória/ES.

Por fim, no capítulo 6., elaboramos as nossas considerações finais e, em seguida, listamos as referências bibliográficas que utilizamos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro passo para desenvolvermos o nosso trabalho é delimitar e definir o arcabouço teórico que guiará a presente pesquisa. Assim sendo, faz-se necessário especificar quais são os pressupostos de cada teoria que sustentarão a nossa análise e argumentação acerca da alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*.

Para iniciarmos este capítulo, faremos uma breve introdução histórica que abordará o desenvolvimento da Linguística desde o *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) até o surgimento da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]). Logo após, iremos elencar os princípios basilares da Teoria da Variação e Mudança Linguística, para deixarmos claro para o leitor que a variação e a mudança são fenômenos intrínsecos ao sistema linguístico.

Em uma segunda seção, apontaremos os principais aspectos da Linguística Funcional (GIVÓN, 1995; CUNHA, 2012; CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003) e de uma das suas vertentes, a Linguística Centrada no Uso (BYBEE, 2016 [2010]). Dessa corrente, retiramos os conceitos de língua e gramática que adotamos em nossa pesquisa.

O processo de gramaticalização de itens e construções é um dos principais interesses dos funcionalistas e, por acreditarmos que a redução fonética do *estar* tem relação direta com o seu processo de mudança gramatical, dedicaremos, ainda dentro da seção sobre o Funcionalismo Linguístico, uma parte à Teoria da Gramaticalização (MEILLET, 1912; LEHMANN, 2002 [1982]; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; TRAUGOTT, 2014; BAYBEE, 2016 [2010]).

Com o intento de entrelaçar os pressupostos teóricos variacionistas e funcionalistas, elencaremos as características fundamentais do Sociofuncionalismo (TAVARES, 2013; TAVARES; GÖRSKI, 2015; CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016) e, ao abordarmos a interface entre variação e gramaticalização (NARO; BRAGA, 2000; GÖRSKI; TAVARES, 2017), encerraremos o presente capítulo esclarecendo como a

aplicação de uma análise quantitativa laboviana associada ao processo de mudança gramatical, ou seja, à gramaticalização, pode ser vantajosa para um estudo linguístico.

2.1. DO ESTRUTURALISMO À SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Convencionalmente, associamos a Ferdinand de Saussure a elevação da Linguística ao *status* de ciência autônoma. O *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]), obra póstuma do mestre genebrino publicada em 1916 pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye, rompe com a perspectiva histórica que, até então, era amplamente difundida nos estudos linguísticos feitos pelos comparativistas, no século XIX.

No *Curso*, Saussure (2006 [1916]) nos esclarece que a linguagem possui um lado individual e outro social, sendo impossível concebê-los separadamente. Dessa reflexão, são formulados os conceitos de *langue* (língua) e *parole* (fala). A primeira é definida como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade do indivíduo” (2006 [1916], p. 17); a segunda, como

um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1.º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2.º o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (2006 [1916], p. 22).

Mesmo que Saussure reconheça a relevância da fala, o linguista diz que esta deve ser tema de investigação da Linguística Externa e somente a língua é que deve ser tomada como o objeto da Linguística Interna (considerada pelo genebrino como a linguística propriamente dita (cf. SAUSSURE, 2006 [1916], p. 28)). Ela devia ser estudada a partir de si mesma, seguindo suas leis intrínsecas. Assim sendo, o Estruturalismo Saussuriano concentra-se em questões que são interiores ao sistema linguístico, excluindo de suas concepções qualquer elemento externo, como o falante e a sociedade.

O estruturalismo norte-americano, por sua vez, possui características muito próprias. Representado, principalmente, pelo linguista Leonard Bloomfield¹, essa corrente se aproxima da antropologia ao focar suas pesquisas na descrição das inúmeras línguas indígenas que havia nos Estados Unidos. As análises dessas línguas serviram de suporte para a verificação das características culturais e sociais dos índios.

Com forte base behaviorista, Bloomfield priorizou o aspecto formal da linguagem, em que a aquisição da língua se dava por meio da relação entre estímulo e reação, ou seja, pautada na experiência que os falantes desenvolviam ao se comunicarem. Segundo Câmara Junior (1975), entre os principais legados do linguista, está a tentativa de estabelecer uma metodologia de investigação linguística que servisse a qualquer língua do mundo.

Em contraponto às ideias bloomfieldianas, surge, em 1950, o Gerativismo. Para Noam Chomsky (1975), principal expoente dessa corrente teórica, os estudos linguísticos deveriam focar no conhecimento anterior à experiência, buscando compreender o que permite a cada indivíduo produzir frases em sua língua. Com uma visão biológica acerca da linguagem, essa nova corrente estipula que o inatismo é o princípio basilar da gramática gerativa. A mente humana possuiria, então, um órgão específico responsável pela linguagem chamado de faculdade da linguagem.

Do mesmo modo como Saussure distingue a *langue* da *parole*, os gerativistas diferenciam a competência do desempenho (CHOMSKY, 1975). Enquanto a competência diz respeito à capacidade inata dos seres humanos de reconhecer as leis que regem a construção de enunciados, podendo explicá-los como gramaticais ou agramaticais, o desempenho se resume ao uso efetivo dessas regras. É com o intuito de descrever o funcionamento da mente humana que Chomsky elege a competência como objeto de estudo do Gerativismo.

Nessa primeira metade do século XX, há de se notar que, apesar de suas particularidades, tanto o Estruturalismo saussuriano quanto o Estruturalismo norte-americano e o Gerativismo se concentraram em aspectos internos à língua. Fatores sociais, históricos e culturais não faziam parte das análises dessas correntes. Ao polo

¹ Seu livro *Language* (1993) foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento linguístico norte-americano, principalmente por causa do destaque dado aos aspectos metodológicos.

da Linguística focado apenas em aspectos intrínsecos à linguagem, é dado o nome de formalismo (DIK, 1978).

Não é adequado dizer que não havia estudos linguísticos com um enfoque social nesse período². Embora em menor número, existiam linguistas preocupados em entender a relação entre língua e sociedade, porém, era o formalismo que imperava. Foi apenas na segunda metade do século XX que pesquisas desenvolvidas à luz do paradigma funcional (DIK, 1978), que adotavam uma perspectiva funcionalista e social em relação à língua, começaram a se ampliar e a ganhar destaque.

Em 1966, nos Estados Unidos, é realizado o simpósio *Direções para a Linguística Histórica*. Nesse evento, como apontam Coelho et al. (2015, p. 57),

o debate proposto por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog [...] resgatou a discussão sobre o estudo da mudança linguística e, principalmente, sobre as suas motivações sociais. Seu objetivo era propor um novo conjunto de fundamentos para o estudo da mudança. Para isso, os autores consideravam minuciosamente as propostas dos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas em relação ao tema.

De maneira oposta ao que as correntes anteriores propuseram, Weinreich, Labov e Herzog não consideravam a língua como um sistema homogêneo, autônomo e desvinculado da sociedade. Para eles, a língua é um sistema heterogêneo ordenado em que a variação e a mudança são constituintes inerentes (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Sob essa ótica, os autores postulam os fundamentos para uma teoria da variação e mudança empiricamente orientada, área que será denominada como Sociolinguística.

Para Labov (2008 [1972], p. 215), é impossível estudar a língua fora do seio da sociedade, uma vez que ela é uma forma de comportamento social. Assim sendo, o pesquisador afirma que a terminologia *Sociolinguística* é redundante, pois não

² Martinet (1955) e Meillet (1912), por exemplo, eram dois linguistas que já lançavam algum olhar à relação entre língua e sociedade. Além deles, Jakobson – um dos principais representantes do *Círculo Linguístico de Praga* (PAVEAU, 2006), assim como o próprio Saussure, combate o aspecto individual da *langue* como uma forma de certificar o nível social da língua (cf. CRUZ, 2016, p. 38-39).

poderíamos conceber um estudo linguístico sem levar em consideração a sociedade e seus falantes.

O linguista ainda nos alerta para o fato de que há várias vertentes de pesquisa que podem ser incluídas na Sociolinguística, como a Sociologia da Linguagem e a Etnografia da Fala, por exemplo. É importante salientarmos, portanto, que o presente trabalho se guiará a partir dos pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, da qual falaremos mais amplamente na seção seguinte.

2.1.1. A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista (também denominada por alguns como Sociolinguística Quantitativa, Sociolinguística Laboviana ou Teoria da Variação e Mudança Linguística) possui como principal expoente o americano William Labov. Os estudos desenvolvidos pelo linguista foram fundamentais para consolidar esse campo de estudos, já que, por meio deles, foi possível constatar a sistematização da variação e da mudança linguística.

Um dos exemplos clássicos desses estudos é a pesquisa desenvolvida por Labov (cf. 2008 [1972], p. 19-62) em 1963, na ilha de Martha's Vineyards, estado de Massachusetts. A análise pioneira buscava averiguar a mudança do primeiro elemento de dois ditongos usados pelos falantes da região, o /ay/ e o /aw/, e a relação desse fenômeno com macrofatores sociais, como sexo/gênero, faixa etária e a ocupação profissional dos ilhéus. Além da influência dos condicionadores extralinguísticos, Labov constatou que a utilização mais centralizada de /ay/ e /aw/ era feita por informantes que queriam, de forma inconsciente, reiterar seu pertencimento àquela localidade; em contrapartida, menos centralizações eram realizadas pelos vineyardenses que não possuíam esse sentimento de pertencimento, por aqueles que desejavam deixar a ilha e pelos turistas, que só frequentavam a ilha no período do verão.

Refinando as técnicas utilizadas em Martha's Vineyards, um outro estudo igualmente relevante foi aplicado na cidade de Nova York em 1966 para verificar a estratificação

do /r/ (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 63-90). Ao analisar três lojas de departamento de diferentes níveis sociais, o americano constatou que a pronúncia do /r/ nas palavras *fourth* e *floor* aumentava conforme o *status* que era atribuído a cada estabelecimento. Dessa forma, maiores índices de /r/ foram obtidos para a loja *Sacks*, que atende aos clientes com mais prestígio social; índices medianos foram encontrados para a loja *Macy's*, cujo público-alvo possui prestígio intermediário; enquanto os menores índices foram constatados para a loja *S. Klein*, que atendia uma clientela de baixo *status* social.

Podemos notar que os dois estudos desenvolvidos pelo linguista trabalham a língua em uso, sem desvinculá-la de seu contexto social. Além disso, também trazem um novo conceito de língua ao concebê-la como um objeto heterogêneo e ordenado, no qual variação e mudança são fenômenos inerentes.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a ideia de que a língua é um sistema homogêneo, como proposto pelos estruturalistas e gerativistas, é inconcebível. Nas palavras dos próprios autores: “Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 36).

Tal como podemos perceber pela citação abaixo, a variabilidade das línguas naturais não se dá ao acaso e por isso é caracterizada como estruturada. Há uma série de regras que regem a variação e a mudança e é interesse central dos sociolinguistas descrever e explicar a regularidade por trás da variabilidade intrínseca ao sistema linguístico.

A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125).

Para dar conta da variação, outro conceito é inserido no modelo da heterogeneidade ordenada: “a variável linguística – um elemento variável dentro do sistema controlado

por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 105). Ao propor suas análises, Labov (2008 [1972]) nos mostra que uma variável linguística pode ter mais de uma forma para expressar um mesmo significado – as variantes.

Bago (2007, p. 77) faz o alerta de que “a avaliação é essencialmente social, isto é, não é propriamente a língua que está sendo avaliada, mas, sim, a pessoa que está usando a língua daquele modo”. Portanto, em alguns casos, uma das variantes pode ser estigmatizada em relação a outra, daí surgem o interesse dos sociolinguistas em verificar não apenas os elementos internos ao sistema linguístico que regem os fenômenos de variação e mudança, mas, também, os extralinguísticos.

Fenômenos de variação e mudança podem estar acima (*from above*) ou abaixo (*from below*) do nível da consciência social (LABOV, 2001). Nos casos com consciência social, é possível que uma das variantes de determinada variável sofra estigma – como é o caso da ausência de concordância nominal de número (SCHERRE, 1988; SCARDUA, 2018). Quando não há consciência social da mudança, é comum que ambas as variantes não sofram avaliação por parte dos falantes – a exemplo da alternância entre a expressão e o apagamento do sujeito pronominal (PAREDES SILVA, 1988; MASSARIOL, 2018).

Por estudarmos a língua em seu contexto social, buscando compreender os fatores linguísticos e sociais que regem a sua variabilidade, nos pautaremos nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista a fim de descobrir as motivações por trás da redução fonética do item *estar* e da alternância entre suas formas plenas e reduzidas.

2.2. A LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Definir o Funcionalismo é, ao mesmo tempo, uma tarefa simples e complicada. É simples, acreditamos, devido aos inúmeros trabalhos e textos feitos à luz do seu arcabouço teórico que estão disponíveis aos curiosos, aos estudantes dos cursos de Letras e aos linguistas; por outro lado, é complicado ao passo que o rótulo engloba abordagens distintas e, também, na medida em que ele é utilizado como “uma

expressão de alcance mais amplo oposta ao chamado formalismo, designativa de qualquer abordagem teórica que leve em conta que a função primordial da língua é a comunicação nas situações reais de interação entre os seres humanos” (MARTELOTTA; ALONSO, 2012, p. 87).

São atribuídas ao Círculo Linguístico de Praga as primeiras análises ditas funcionalistas. Alicerçada por um movimento de base estruturalista, a Escola de Praga foi fundada em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius e enfatizava o caráter multifuncional da linguagem (CUNHA, M. A. F. da, 2012a), ressaltando a importância das suas funções expressiva (ou emotiva, centrada no remetente), conativa (centrada no destinatário) e referencial (centrada no contexto) (MARTELOTTA, 2012).

Outros funcionalismos surgem após o Círculo Linguístico de Praga. Entre eles, podemos citar a gramática sistêmico-funcional de Michael A. K. Halliday (1994) – que defende que a linguagem é um sistema semiótico e seu desenvolvimento deve ser analisado com base nos papéis sociais que cada falante exerce; a gramática discursivo-funcional, proposta, inicialmente, por Simon C. Dik (1978; 1997) – que postulava que o interesse central do funcionalismo são os processos que resultam no êxito comunicacional dos indivíduos ao interagirem por meio de expressões linguísticas; e a Linguística Funcional Norte-americana – representada por linguistas como Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, entre outros. Falaremos um pouco mais dessa última vertente logo abaixo.

Em via oposta ao Estruturalismo e ao Gerativismo, a Linguística Funcional Norte-americana se empenha em compreender a relação existente entre as estruturas gramaticais da língua e as múltiplas funções comunicacionais que elas desempenham. O campo começa a receber destaque a partir da década de 70 ao advogar em favor de “uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (MARTELOTTA; KENEDY, 2003, p. 17).

Por compreenderem que a linguagem é um instrumento de comunicação social e reconhecerem que apenas fatores internos são insuficientes para dar conta da natureza funcional das línguas, os funcionalistas norte-americanos buscam sempre observar dados reais de fala e/ou escrita. Ao incluírem a semântica e a pragmática em suas análises, eles consideram de extrema relevância observar os propósitos dos

interlocutores ao proferirem uma sentença e em qual contexto discursivo dada manifestação ocorre.

Segundo Cunha, M. A. F. da (2012), há, dentro dessa vertente, a concepção de que discurso e gramática estão fortemente entrelaçados: devido às vicissitudes do discurso, a sintaxe toma forma. Assim sendo, podemos dizer que o uso leva à regularidade e, dessa maneira, a gramática é constituída – daí a apreensão de que a gramática é emergente (HOPPER, 1987, 1998; GIVÓN, 1995). Conseqüentemente, se as regras gramaticais são moldadas (e modificadas) pelo uso, isso quer dizer que as línguas variam e mudam.

É importante ressaltar que os funcionalistas, de maneira geral, não concebem a mudança em razão das relações sincrônicas entre os seus elementos ou exclusivamente das alterações que ocorrem nesses constituintes ao decorrer do tempo, de um ponto de vista diacrônico. A abordagem é pancrônica, sendo que o foco é apurar quais os agentes comunicativos e cognitivos que regem o ato comunicativo, elementos estes que se manifestam de maneira universal na língua.

Os diversos estudos acerca do processo de gramaticalização (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; BYBEE, 2016 [2010]) desenvolvidos na base teórica do Funcionalismo testemunham a regularidade das mudanças linguísticas, por este motivo, muitos pesquisadores têm voltado um olhar atento para esse processo – especificamente, esse assunto será aprofundado no item 2.2.2.. Mas não apenas a gramaticalização é um ponto central da corrente funcionalista, outros temas como a iconicidade, a marcação, a transitividade oracional, os planos discursivos, a informatividade, a discursivização e a lexicalização de igual maneira recebem destaque.

No intento de sumarizar os postulados funcionais, vale lembrar o resumo feito por Givón (1995, p. 9), em seu livro *Functionalism and Grammar*. Nele, o linguista estabelece nove pontos que os funcionalistas vigorosamente defendem:

- a linguagem é uma atividade sociocultural
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas
- a estrutura é não arbitrária, motivada e icônica
- mudança e variação estão sempre presentes

- o significado é dependente do contexto e não atômico
- as categorias não são discretas
- a estrutura é maleável, não rígida
- as gramáticas são emergentes
- as regras gramaticais permitem algumas exceções³

Feito o levantamento dos principais aspectos do Funcionalismo Linguístico, falaremos, no item abaixo, sobre a Linguística Centrada Uso (LCU), corrente que alguns consideram uma evolução do Funcionalismo Norte-americano. A nossa visão, entretanto, é a de que a LCU possui características próprias em relação às outras vertentes funcionalistas e, por isso, também deve ser vista como tal.

2.2.1. A Linguística Centrada no Uso

A Linguística Centrada no Uso (LCU)⁴, segundo alguns autores (cf. TOMASELLO, 1988; CEZARIO; CUNHA, 2013; BYBEE, 2016 [2010]), se desenvolve diretamente do Funcionalismo Norte-americano e, ao final das contas, é apenas um novo rótulo para essa vertente. A nossa visão, entretanto, é a de que a LCU possui características próprias que a afastam dos estudos funcionais norte-americanos ao dar maior ênfase aos aspectos cognitivos da linguagem.

A LCU é uma das vertentes do Funcionalismo Linguístico que une as tendências elaboradas por pesquisadores funcionalistas e cognitivistas. Como nos aponta Cunha, M. A. F. da (2012b), o casamento entre essas duas correntes é bastante frutífero, uma vez que ambas compreendem que há uma estreita relação entre as estruturas linguísticas e os usos que os falantes fazem delas em contextos reais de uso. Além disso, elas também compartilham alguns pressupostos teórico-metodológicos, a

³ Tradução nossa. Original: *language is a social-cultural activity/ structure serves cognitive or communicative function/ structure is non-arbitrary, motivated, iconic/ change and variation are ever-present/ meaning is context-dependent and non-atomic/ categories are less-than-discrete/ structure is malleable, not rigid/ grammars are emergent/ rules of grammar allow some leakage*

⁴ Também denominada como Linguística Cognitivo-funcional (CUNHA, M. A. F. da, 2012b) ou Linguística Funcional Centrada no Uso (CUNHA; BISPO; SILVA, 2014).

exemplo da não autonomia da sintaxe, a não distinção estrita entre léxico e sintaxe e a inclusão da semântica e da pragmática nas análises.

A teoria centrada no uso compreende a língua como um sistema adaptativo complexo, já que os universais ou semelhanças entre as línguas são emergentes e dinâmicos, exibindo variação e gradiência, e não são estáticos ou dados (BYBEE, 2016 [2010]). A gramática, dentro dessa perspectiva, emerge e se estrutura a partir de aspectos comunicativos e cognitivos da linguagem – uma contraposição à Gramática Universal inata proposta por Chomsky (1975).

Há o entendimento de que se deve investigar, sobretudo, os processos cognitivos de domínio geral que regem a estrutura das línguas e não tanto as categorias ou construções linguísticas propriamente. Ao se analisar os procedimentos não específicos para o funcionamento da linguagem, “não apenas estreitamos a busca por processos específicos à língua, mas também situamos a linguagem no contexto mais amplo do comportamento humano” (BYBEE, 2016 [2010], p. 26).

Além dessas concepções, “[c]entral à posição baseada no uso é a hipótese de que as circunstâncias de uso impactam a representação cognitiva da língua” (BYBEE, 2016 [2010], p. 35). Registramos em nossa memória ocorrências da experiência linguística, as quais

são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares. Desse modo, um exemplar é construído a partir de um conjunto de ocorrências que são consideradas semelhantes pelo organismo como as mesmas em alguma dimensão (BYBEE, 2016 [2010], p. 43).

A essas representações é dado o nome de feixe de exemplares.

Levando-se em conta a organização hierárquica da memória, duas ou mais palavras que recorrentemente são utilizadas conjuntamente arquitetam uma relação sequencial chamada de *chunking*, que possui efeito em todos os níveis da gramática. Esse processo é a causa da criação e utilização

de sequências de palavras formulaicas ou pré-fabricadas, como *take a break* ('dar um tempo'), *break a habit* ('perder a mania') *pick and choose* ('escolher a dedo'), e também é o mecanismo primário que leva à formação de construções e de estrutura de constituinte (BYBEE, 2016 [2010], p. 65).

Vale a ressalva de que as concepções de memória enriquecida e de palavras formulaicas ou pré-fabricadas propostas por Bybee (2010 [2010]) nos remetem às relações sintagmáticas e paradigmáticas⁵, engendradas por Saussure (2006 [1916]). Segundo o mestre genebrino,

no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo [...]. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: *re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos* etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que precede ou ao que o segue, ou a ambos (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 142, grifos do autor).

Essa seria as relações sintagmáticas, enquanto as relações paradigmáticas se dariam fora do discurso, quando “as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 143). Essa agregação pode, entre outras possibilidades, apreciar a analogia dos significados dos itens, formando uma coleção como *ensino, instrução, aprendizagem, educação*, etc. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 145).

Se tomamos a expressão inglesa *you drive me crazy* (você me deixa louco), por Bybee (2010 [2010], p. 54 e 68), veremos que ela é formada por meio de relação sintagmática e representaria um *chunk*, uma vez que essas palavras alinhadas irão adquirir um sentido cristalizado ao serem utilizadas em conjunto. A possível substituição de *crazy* por unidades semelhantes, como *mad* ou *up the wall*, armazenadas em nossa memória como feixes de um exemplar, se dá por meio da analogia das relações paradigmáticas.

⁵ Chamadas por Saussure (2006 [1916]) de relações associativas.

Nesta dissertação, por entendermos que a língua é um sistema adaptativo complexo e que a gramática emerge à medida em que os falantes a utilizam, também elencamos os pressupostos da LCU como uma das bases para a nossa pesquisa. Além disso, os processos cognitivos de domínio geral *chunking* e *memória enriquecida* (representação por feixe de exemplares), esclarecidos acima, são igualmente fundamentais para a compreensão do fenômeno a ser analisado.

2.2.2. Delimitando o termo *gramaticalização*

Como dito na seção sobre o Funcionalismo Linguístico, a gramaticalização é um dos assuntos mais debatidos pelos funcionalistas. Entretanto, antes de começarmos a elaborar o assunto foco deste subitem, é importante lembrarmos as palavras de Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 26): “a diversidade de termos e tendências sob uma mesma rubrica é o primeiro indício de que a gramaticalização ainda se encontra em constituição como paradigma explanatório definitivo”.

Levando em consideração o excerto supramencionado, é essencial frisarmos que aquilo que, convencionalmente, é englobado sob o rótulo de gramaticalização pode não ser um consenso entre todos os pesquisadores – daí a necessidade de definirmos o escopo que iremos considerar ao utilizar esse termo.

Na tentativa de elaborar uma delimitação teórica, Heine (2003) faz a distinção entre os termos *gramaticalização*, *estudos de gramaticalização* e *Teoria da gramaticalização*. O primeiro diz respeito ao fenômeno linguístico; o segundo, aos trabalhos que lidam com as análises desse fenômeno; o último, às tentativas daqueles que propõem um arcabouço teórico para a explicação de tal fenômeno.

Portanto, abordaremos abaixo a Teoria da gramaticalização. Em linhas gerais, apontaremos o que alguns teóricos formularam (e ainda formulam) acerca desse processo. Mais à frente, no momento de nossas análises, quando usarmos algum princípio específico da gramaticalização, iremos explicá-lo.

2.2.2.1. A Teoria da gramaticalização

A primeira noção de gramaticalização surge fora do ocidente, no século X – à época, os chineses já distinguiam símbolos vazios e preenchidos. Mais à frente, no século XVIII, os filósofos franceses Etienne Bonnot de Condillac e Jean-Jacques Rousseau argumentavam que a estrutura gramatical e palavras abstratas são historicamente derivadas de lexemas concretos. Contemporâneo de Condillac, o inglês Horne Tooke tinha como ponto central de seu trabalho a noção de que substantivos e verbos eram palavras necessárias, partes essenciais do discurso; por sua vez, advérbios, preposições e conjunções eram abreviações ou mutilações das palavras necessárias. No século seguinte, Franz Bopp, com base na gramática comparativista, traz inúmeros exemplos do desenvolvimento de auxiliares, afixos e desinências a partir de materiais lexicais (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1993, p. 5-11).

Embora essas análises anteriormente citadas e muitas outras possam ser classificadas como estudos de gramaticalização, é atribuído a Meillet (1912) o primeiro uso moderno dessa expressão. Segundo o francês, esse fenômeno se processa do léxico para a gramática e ocorreria toda vez que uma palavra autônoma (substantivos, verbos e adjetivos) passasse à função de um elemento gramatical (preposição, advérbios, auxiliares, entre outros).

Da sua empreitada pioneira em busca de compreender a mudança gramatical, é possível inferir que a gramaticalização serve como suporte teórico para fazer um estudo histórico da língua, no intento de se descobrir a origem e as mudanças de morfemas gramaticais. Por outro lado, também é possível observar esse processo de modo sincrônico, em que forma fonte e forma(s) gramaticalizada(s) convivem em um mesmo espaço de tempo, sendo possível traçar certa gradação entre esses elementos.

Lehmann (2002 [1982]), assim como já fazia Kuryłowicz (1965), considerava que o processo de gramaticalização não ocorre apenas do léxico para a gramática, mas, também, de um item menos gramatical para um mais gramatical.

Propostas mais atuais, como a de Hopper e Traugott (1993), sugerem que não sejam apenas itens lexicais, mas que qualquer material linguístico pode adquirir novas

funções gramaticais. Os autores definem a “gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais, em certos contextos linguísticos, passam a desempenhar funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”⁶ (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. XV).

Na visão de Bybee (2016 [2010]), a mudança gramatical de itens lexicais acontece dentro de construções particulares e esse processo gera novas construções. Além disso, ela também ressalta o efeito da frequência de uso para o desenrolar desse fenômeno:

um aumento na frequência de ocorrência desempenha importante papel nas mudanças que ocorrem, ao passo que, ao mesmo tempo, algumas mudanças, em troca, levam a aumentos na frequência de ocorrência. Esse efeito autoalimentador explica a força que empurra para frente uma mudança por gramaticalização (BYBEE, 2016 [2010], p. 171).

Para Traugott (2014), a gramaticalização acarreta o desenvolvimento de expressões procedurais como tempo, aspecto, modalidade, caso, pronomes pessoais, complementizadores e outros conectivos. Além disso, a depender da visão de gramática adotada, a linguista faz a ressalva de que marcadores pragmáticos (ou discursivos) podem ser incluídos no processo de mudança. Em sua compreensão, ela diz que qualquer aspecto semântico da estrutura da língua é um componente da gramática, por isso a gramaticalização também abrange os marcadores.

Alguns teóricos questionam se a gramaticalização realmente pode ser tratada como uma teoria, como fazem os citados acima. Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) se baseiam nas ideias de Newmeyer (2001) para pontuar que, para ser considerada como tal, ela deveria possuir um conjunto próprio de leis.

Algo que muitos apontam como peculiaridade da gramaticalização é a sua unidirecionalidade. Haspelmath (2004) diz que essa característica é uma das mais importantes restrições na mudança linguística ocasionada por esse processo. Indo mais além, ele ainda ressalta que mudanças gramaticais são quase onipresentes,

⁶ Tradução nossa. Original: *grammaticalization as the process whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions.*

dando a entender que a maioria das mudanças linguísticas estejam relacionadas a à gramaticalização.

A unidirecionalidade traz a ideia que as mudanças se processam sempre da esquerda para a direita, partindo de um domínio mais concreto para um mais abstrato (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007). Uma vez que uma forma fonte foi gramaticalizada, ela não retorna ao seu estado anterior – o processo é irreversível. Os casos analisados e considerados como desgramaticalização / degramaticalização / antigramaticalização (cf. LEHMANN, 2002 [1982], p. 14-17), segundo Haspelmath (2004), são raros, questionáveis e não tornam menos interessante a adoção da unidirecionalidade como um princípio.

Entre os modelos aqui apresentados, há aqueles considerados como redutivos (MEILLET, 1912; KURYŁOWICZ, 1965; LEHMANN, 2002 [1982]), pois operam com base na perda semântica dos itens analisados – nesses casos, a unidirecionalidade possui destaque significativo. Outros são mais abrangentes (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; BYBEE 2016 [2010]; TRAUGOTT, 2014) ao considerarem que se há, por um lado, perda semântica, por outro, há ganhos funcionais – aqui, a unidirecionalidade desempenha um papel menos expressivo e a expansão pra novos contextos e frequência de uso recebem mais destaque.

Outra crítica que fazem é o fato de a gramaticalização não ser propriamente um fenômeno, mas, sim, um conjunto de vários outros. Bybee (2016 [2010], p.178) ressalta que não há dúvida de que essa afirmação seja correta: “a gramaticalização é um epifenômeno que envolve a coocorrência de vários tipos de mudança, que também ocorrem de forma independente: ou seja, redução fonética, inferência e desbotamento semântico”. Para a autora, se a língua é um sistema adaptativo complexo e está baseada em processos de domínio geral, a natureza da gramática é essencialmente epifenomenal.

Redução fonética não é, como vemos, necessariamente uma mudança ligada ao processo de gramaticalização. Entretanto, faz-se mister destacar que esses dois fenômenos parecem estar intimamente ligados. Prova disso são oferecidas ao observarmos as formulações de Lehmann (2002 [1982]) e Heine (2003), já que ambos os pesquisadores incluem em seus mecanismos de gramaticalização a perda de massa fônica como possível. A própria Bybee (2016 [2010]) nos alerta para o fato de

que a elevação da frequência de uso causada pela gramaticalização pode levar à redução fonética de um item ou construção.

Como se percebe, as águas da gramaticalização não são rasas nem tranquilas, há muito o que se debater sobre o assunto e a discussão não se encerra aqui. Não sendo o objetivo do presente trabalho se aprofundar nesse mar teórico, cabe a nós dizermos que navegaremos através das visões mais abrangentes, considerando, sobretudo, as concepções de Hopper e Traugott (1993), na tentativa de compreender o fenômeno foco deste trabalho: a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*.

2.3. O SOCIOFUNCIONALISMO

O Sociofuncionalismo é uma orientação de pesquisa que surge no Brasil no final dos anos 1980 e incorpora tanto os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista quanto do Funcionalismo na tentativa de compreender os fenômenos linguísticos (TAVARES, 2013). Segundo Neves (1999), a alcunha nasce no *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL/UFRJ)⁷ com o intuito de se analisar a variação e a mudança como reflexos da organização do processo comunicativo.

Em um primeiro momento, pode parecer controversa a junção dessas duas correntes. William Labov (1994), o principal expoente dos estudos sociolinguísticos, chega a ressaltar que o Funcionalismo Linguístico é superestimado e, a partir da análise de diversos fenômenos variáveis, afirma que os resultados favorecem a visão mecanicista da mudança, proposta pelos neogramáticos através das leis fonéticas. Naro (1998) faz, entretanto, a ressalva de que há um bom número de trabalhos no português brasileiro que evidenciam a natureza funcional da variação. Segundo o linguista, é possível reconhecer

casos em que a variação é puramente mecânica, sem qualquer efeito funcional, bem como casos em que os dois tipos estão em concorrência. [...] a variação funcionalmente motivada deve ser encontrada em algum trecho

⁷ <http://www.lettras.ufrj.br/peul/pesquisadores%205.html>

não-final do ciclo, enquanto a variação mecanicamente regida poderá ser encontrada no final do ciclo (NARO, 1998, p. 118-119).

Se a variação e a mudança podem possuir aspectos funcionais, o casamento entre a Sociolinguística e o Funcionalismo é possível. Aqueles que se empenham nesta tarefa deverão, é claro, proceder com cuidado ao tentar cruzar dois campos de estudo distintos. Embora haja convergências em certos aspectos, outros são conflituosos e cabe ao pesquisador lidar com esses embates. Na presente dissertação, nos concentraremos mais nos pontos que ligam essas teorias do que nas características que as separam, com especial destaque para o modo como elas compreendem os processos de variação e mudança linguística – para um quadro mais completo acerca desses encontros e desencontros, o leitor pode conferir Tavares (2013), Tavares e Görski (2015).

A primeira convergência que apontaremos é a natureza heterogênea que tanto os sociolinguistas quanto os funcionalistas atribuem à língua. Para ambos, ela não é algo estático: há variação e há mudança. Comum às duas linhas também é a noção de que esses fenômenos são contínuos e graduais. Por tal motivo, esses pesquisadores realizam suas análises com base na língua em uso a fim de que se possa captar como a mudança se espalha através do espectro social.

Ambas as correntes também creem no princípio do uniformitarismo, que prevê que as forças linguísticas e sociais que atuam no presente são as mesmas que agiram no passado. Assim sendo, por meio do estudo de fontes atuais, é possível traçar hipóteses de como as mudanças se processaram.

Evocando o princípio da estratificação (*layering*), proposto por Hopper (1991), é possível fazer a ligação entre o objeto de estudo dos sociolinguistas e dos funcionalistas. Por conta da gramaticalização, um item pode se tornar uma camada de dado domínio funcional e o diagnóstico acerca desse elemento só será completo se considerarmos todos os outros construtos que co-ocorrem no mesmo domínio. Essa noção de que novas camadas emergem para demarcar uma função encontra seu reflexo na teoria variacionista quando convocamos o conceito de *variável linguística*, que são duas ou mais formas de se dizer uma mesma coisa (TARALLO, 1999; LABOV, 2008 [1972]). Isto posto, chegamos à conclusão de que o objeto de

estudo dos sociofuncionalistas são essas diferentes camadas ou variantes e que seu objetivo é controlar os fatores linguísticos, sociais e estilísticos que condicionam as escolhas do falante⁸.

Como já dito acima, um aspecto interessante a se notar é que, tanto para a Sociolinguística quanto para o Funcionalismo Linguístico, a mudança é tomada como algo gradual. Os estratos de um domínio funcional ou as variantes de uma variável dependente tendem a ser solucionadas com o decorrer do tempo. Solicitando outro princípio proposto por Hopper (1991), o da especialização, percebemos que os usos para se representar um dado domínio funcional podem se especializar. Ao sofrer abstração e generalização, uma forma poderia assimilar totalmente os papéis desempenhados pelo domínio e eliminar uma situação de estratificação funcional. Labov (1994) postula que o primeiro estágio da mudança linguística é a variação – há sempre um período de variação para que a mudança possa efetivamente se consolidar (ou não). Para o Funcionalismo e o processo de gramaticalização, o ponto de partida é outro: ocorre a mudança e depois há a variação.

Há de se notar os ganhos que o casamento entre sociolinguistas e funcionalistas pode trazer. Tavares e Görski (2015, p. 264) resumizam em três pontos as vantagens dessa união: 1) o primeiro deles diz respeito ao “controle mais refinado do grupo de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático (planos discursivos, *status* informacional dos referentes, graus de integração etc.) com tratamento analítico escalar”; 2) o segundo enfatiza a possibilidade de se tratar como variável fenômenos tipicamente funcionais; 3) o último ressalta a consideração mais detalhada que pode ser dada à dimensão social da variação, “refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falantes e ouvinte na situação comunicativa”.

Há, obviamente, de se ressaltar que o pesquisador que se proponha a fazer um estudo de natureza sociofuncionalista terá de adotar postura mais variacionista ou mais funcionalista em determinados momentos. Isso, de forma alguma, desmerece o trabalho que está sendo realizado, pois a adoção de um ponto de vista teórico é parte fundamental na prática científica. Assim sendo, declaramos que a pesquisa em tela,

⁸ Na seção 2.3.1. *A interface entre variação e gramaticalização*, a ser discutida a seguir, abordaremos mais profundamente a questão da convergência entre o objeto de estudo dos sociolinguistas e dos funcionalistas.

que se enquadra dentro do escopo do Sociofuncionalismo por coadunar conceitos sociolinguísticos e funcionalistas, adotará mais características variacionistas pois o nosso foco é a variação resultando conseqüentemente em uma mudança e não na inovação em si. Os funcionalistas, por sua vez, entendem sob o rótulo da mudança tanto a propagação social quanto a inovação (casos de fusão, analogia, empréstimo, entre outros).

Uma última observação que deve ser feita é que há,

dentro do próprio funcionalismo, uma fase chamada funcionalismo clássico, mais voltada para o estudo de fatores que explicam a motivação da estrutura gramatical e as diferenças de efeitos comunicativos pelo uso de diferentes estruturas, e a nova fase, chamada Linguística Centrada no Uso ou Linguística Funcional Centrada no Uso. [...] É possível um pesquisador da linha sociofuncionalista utilizar os fatores clássicos funcionalistas ou ir em busca de fatores cognitivos, como categorização e analogia, para explicar tanto a variação quanto a mudança (CEZARIO; MARQUES; ABRAÇADO, 2016, p. 50)⁹.

Um estudo sociofuncionalista pode, portanto, adotar um enquadre mais tradicional, ou não, a depender daquilo que pretende utilizar em sua análise. Em nossa pesquisa, adotamos uma base funcional mais cognitivista por consideramos cruciais os processos de domínio geral *chunking* e *memória enriquecida* (representação por feixe de exemplares), além da LCU, como um todo, ser um dos nossos pilares teóricos.

No item a seguir, discutiremos a interface entre a variação – um dos principais interesses dos sociolinguistas – e a gramaticalização – um dos assuntos que mais interessam aos funcionalistas. Como veremos, esse olhar duplo, proporcionado pelo Sociofuncionalismo, é muito frutífero e enriquecedor na hora de se analisar um fenômeno linguístico.

⁹ Já discutimos no item 2.2.1 *A Linguística Centrada no Uso* o fato de a LCU ser considerada uma evolução do Funcionalismo Linguístico.

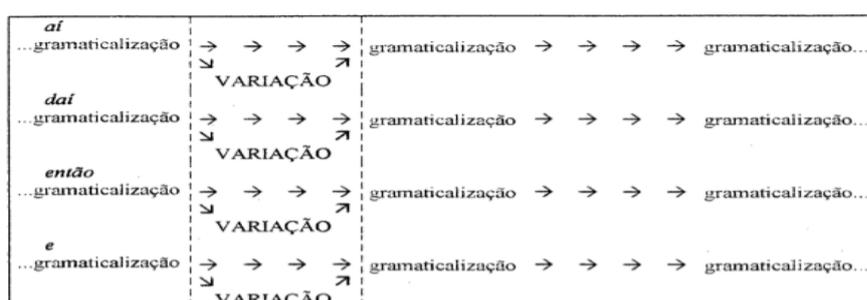
2.3.1. A interface entre variação e gramaticalização

Como abordado na seção 2.3., os objetos de estudo dos variacionistas e funcionalistas convergem. Faz-se necessário, entretanto, lançarmos um olhar mais atento à concepção de mudança que cada uma dessas correntes adota para melhor entendermos como a ponte entre os campos pode ser construída.

Em termos labovianos (LABOV, 1994), a mudança é ocasionada pela variação: a alternância entre formas para se designar um mesmo significado pode acarretar uma mudança, em que uma delas suplantar a outra. Na perspectiva da gramaticalização, por outro lado, a mudança precede a variação. Levando em consideração o princípio da estratificação (*layering*) de Hopper (1991), que propõe que novas camadas, dentro de um domínio funcional, estão sempre surgindo e coexistindo com camadas mais antigas, entendemos que a mudança de um item e sua eventual inserção em um novo domínio ocasionam a variação.

Inicialmente, poderíamos imaginar que o cruzamento entre variação e gramaticalização não é possível, uma vez que a primeira diz respeito à alternância de formas e segunda se refere ao *continuum* de mudança de um único item. Nada nos impede, entretanto, de fazer um recorte ao longo do *continuum* de mudança de um item e analisar o momento em que ele concorre com outros elementos linguísticos pela representação do domínio funcional, com fez Tavares (1999) ao estudar os conectores *aí*, *daí*, *então* e *e* que desempenham a função sequenciadora retroativa-propulsora na fala de Florianópolis.

QUADRO 1 – RECORTE DE UM PONTO DA VARIAÇÃO AO LONGO DO CONTINUUM DE MUDANÇA



Fonte: Tavares (1999, p. 61)

Se temos mais de uma camada (ou forma) para representar um domínio funcional, o princípio da estratificação se relaciona com o conceito de variável linguística. Entretanto, é importante nos atentarmos para o fato de que as camadas de um domínio funcional podem ter funções similares ou idênticas. Naro e Braga (2000, p. 130) nos lembram que “um estudo variacionista requer a equivalência no mesmo nível semântico/denotativo entre as variantes, exigência dispensada pela gramaticalização”. Tomado esse alerta, Görski e Tavares (2017, p. 50) ressaltam que é “tarefa do sociolinguista excluir da análise dados em que não ocorre equivalência funcional (e, portanto, também não ocorre a possibilidade de intercâmbio contextual entre as formas variantes)”. Assim sendo, se quisermos proceder com a interface entre variação e gramaticalização em que o fenômeno será tomado como uma variável dependente, é primordial que recortemos as variantes que desempenhem a mesma função em determinado contexto.

Uma outra possibilidade é “afrouxar a exigência variacionista se as eventuais diferenças de sentido puderem ser controladas através das variáveis independentes” (NARO; BRAGA, 2000, p. 130) – dessa maneira, os fatores de uma variável independente correspondem às formas gramaticalizadas de uma forma fonte o que, grosso modo, equivale dizer que cada função desempenhada corresponde a um domínio funcional específico. Além disso, fazer o controle por meio de grupo fatores pode “revelar traços das fontes lexicais e/ou gramaticais prévias das formas variantes que ainda estejam sendo preservados em seus usos mais recentes” (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 53).

Há, portanto, duas maneiras de se realizar o cruzamento entre variação e gramaticalização. Uma delas é considerar o princípio da estratificação (HOPPER, 1991), fazendo o recorte de um ponto do *continuum* de mudança e selecionar um domínio funcional para tratar as suas camadas como as variantes de uma variável dependente, como faz Tavares (1999) ao analisar a função sequenciadora retroativa-propulsora. Outra possibilidade é trabalhar com todo o *continuum* de gramaticalização de um item ou construção e adotar os domínios funcionais (DF) como os fatores de uma variável independente, sem adotar o princípio da estratificação.

QUADRO 2 – INTERFACE ENTRE VARIAÇÃO E GRAMATICALIZAÇÃO CONSIDERANDO MAIS DE UM DOMÍNIO FUNCIONAL

DF		DF		DF		DF		DF
verbo	→	verbo de	→	verbo	→	expressão	→	marcador
principal	Gramaticalização	ligação	Gramaticalização	auxiliar	Gramaticalização	cristalizada	Gramaticalização	discursivo
↓		↓		↓		↓		↓
Variação		Variação		Variação		Variação		Variação
Estar/tá		Estar/tá		Estar/tá		Estar/tá		Estar/tá

Na pesquisa em tela, optaremos pelo modelo em que a interface é feita por meio da adoção de todo *continuum* da gramaticalização como uma variável independente. Ao tratar cada função desempenhada pelo *estar* como um fator, verificamos, à luz da análise quantitativa laboviana, o papel desempenhado pelas ocorrências mais e menos gramaticalizadas do referido item na alternância entre as suas formas plenas e reduzidas.

Görski e Tavares (2017) apontam que é muito vantajoso relacionar esses dois campos ao se realizar um estudo linguístico. Segundo as autoras, a contribuição

da sociolinguística variacionista para o estudo da gramaticalização reside na possibilidade de, ao submeter os dados a procedimentos estatísticos comumente adotados para a análise multivariada, identificarmos até mesmo alterações sutis em padrões de distribuição linguística e extralinguística das formas variantes, diacronicamente ou entre gerações de falantes (GÖRSKI; TAVARES, 2017, p. 39).

Por acreditarmos que a redução fonética do *estar* tem forte relação com seu processo de mudança gramatical, sendo aquela resultado desta, fez-se fundamental a construção de uma ponte entre variação e gramaticalização a fim de que pudéssemos compreender melhor a alternância entre as formas plenas e reduzidas do referido item.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar a presente pesquisa, nos baseamos na metodologia da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008 [1972], GUY; ZILLES, 2007). Ao adotarmos tal postura, faz-se necessário esclarecer qual a nossa variável dependente, quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o fenômeno variável que estudamos e as hipóteses que traçamos para cada um deles. Além disso, também é fundamental apontar e caracterizar qual o *corpus* utilizado para a coleta de nossos dados e qual foi o tratamento estatístico que realizamos em nossas análises. Prestados esses esclarecimentos, formulamos os nossos objetivos geral e específicos a fim de que o leitor saiba quais são as metas que tentamos alcançar com o nosso trabalho.

3.1. A VARIÁVEL DEPENDENTE

Antes de mais nada, um fator importante que deve ser relatado é que não temos conhecimento de estudos prévios feitos até o momento que abordem as causas que levaram à redução fonética do item *estar*. Em ferramentas de busca voltadas para a comunidade acadêmica, como o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes¹⁰ ou o Google Acadêmico¹¹, não encontramos muitos trabalhos que pudessem nos dar algum direcionamento teórico ou metodológico. Há, sim, várias pesquisas que versam sobre a utilização do *estar*, como as de Mendes (1999, 2005), sobre a perífrase *estar* + gerúndio, e a de Coelho (2006), que aborda a expansão gramatical de uma série de itens – entre eles, o *estar*. O primeiro, inclusive, menciona em sua dissertação de mestrado (MENDES, 1999) que, na fala paulistana, as ocorrências da perífrase *estar* + *gerúndio* apresentam aproximadamente 80% de redução e que esse processo se relaciona à sua auxiliarização, resultado de sua gramaticalização e consequente perda de carga semântica. De qualquer forma, o foco foi apenas na construção

¹⁰ <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

¹¹ <https://scholar.google.com.br/>

especificada e o autor não realizou uma análise quantitativa acerca do processo de mudança gramatical do item.

A variável dependente alvo de nossas análises é a redução fonética do referido item. Segundo Mollica (2013, p. 11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural”. Esta variável pode ser realizada por meio de duas variantes no português brasileiro: as formas plenas – nas quais o *estar* não perde nenhum elemento do seu segmento fônico inicial; e as formas reduzidas¹² – aquelas em que parte do segmento inicial do *estar* é dissipado.

Trata-se de um fenômeno linguístico que, ao nosso ver, está abaixo da consciência social (*from below*) (LABOV, 2001) no qual sua variante inovadora – as formas reduzidas – não sofre nenhum estigma¹³. Para ilustrá-lo da forma mais representativa possível, daremos, abaixo, o exemplo de um *super token* retirado da amostra PortVix (a ser discutida no subitem 3.2.). De acordo com Tagliamonte (2006), esse é o tipo ideal de dado para representar uma variável linguística, já que no mesmo trecho do discurso de um informante encontramos a alternância da variável dependente sob análise.

¹² O nosso controle de formas reduzidas de *estar* focou na queda da primeira sílaba do item. Se há casos em que, por exemplo, a forma infinitiva *estar* mantém (ou não) o *r* em sua redução, esse não foi nosso eixo de investigação. O mesmo vale para a conjugação *estou* – não averiguamos se a realização era *tô* ou *tou*, apenas nos concentramos no apagamento da sílaba inicial.

¹³ Devemos ressaltar, entretanto, que, para ter certeza se a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* realmente se trata de um fenômeno que está abaixo do nível da consciência social, é necessária a realização de um teste de percepção acerca dessa variação – algo que não entrou no escopo do nosso trabalho.

(3) Por/pelo fato da minha vida **estar** toda aqui, ou seja, eu tenho minha família aqui, apesar de ser a mesma igreja que tem lá, mas não é a mesma coisa, são pessoas diferentes. Eu **tô** acostumado aqui. A faculdade **está** aqui. Minha vida toda **tá** aqui. E eu **estando** lá durante a semana, fica difícil final de semana fazer as coisas aqui. Então, isso acaba atrapalhando. No começo é bom você conhecer outro lugar diferente. Eu conheci vários lugares que, se eu não tivesse ido pra lá, eu não conheceria.

(Portvix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

Como nos lembra Guy (2007 [1993], p. 39), “na maioria das pesquisas empíricas, hipóteses serão formuladas, testadas, refinadas, talvez sejam descartadas e outras novas, criadas”, ainda mais se levarmos em consideração que estamos lidando com um fenômeno linguístico que foi pouco explorado. Por esse motivo, gostaríamos de lembrar que as variáveis independentes que serão elencadas a seguir (no item 3.2.1.), por vezes, podem não encontrar respaldo teórico na literatura sociolinguística ou nas formulações sobre gramaticalização e foram baseadas nas nossas reflexões enquanto estudiosos da língua.

É de responsabilidade do linguista selecionar e identificar quais os contextos favorecedores ou inibidores das variantes de um fenômeno variável. Ainda de acordo com Mollica (2013, p. 11), “as variáveis independentes ou grupo de fatores podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, amentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência”.

Na presente pesquisa, analisamos a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* na fala de Vitória/ES. Para tanto, utilizamos o banco de dados do PortVix e verificamos o comportamento dos fatores sociais *Sexo/gênero*, *Grau de escolaridade* e *Faixa etária*; e dos fatores linguísticos *Função do item*, *Contexto precedente*, *Tempo/modo verbal* e *Pessoa do discurso*.

3.2. O CORPUS ANALISADO: PROJETO O PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE VITÓRIA – PORTIVIX

A fim de dar visibilidade e enquadrar a variedade capixaba no cenário nacional, o projeto *O Português Falado na Cidade de Vitória* (PortVix) surge nos anos 2000, organizado por Lilian Coutinho Yacovenco sob a orientação das professoras Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva¹⁴ e Christina Abreu Gomes¹⁵, do *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL/UFRJ)¹⁶.

Atualmente, coordenado pela própria Lilian Coutinho Yacovenco e pelas professoras Maria Marta Pereira Scherre e Leila Maria Tesch, o PortVix¹⁷ conta com um banco de dados composto por amostras tanto da fala quanto da escrita. Na fala, há um conjunto de entrevistas composto por informantes da capital capixaba (YACOVENCO, 2002; YACOVENCO et al., 2012) e outro com informantes de Santa Leopoldina (FOEGER, 2014; LOPES, 2014), região do interior do Espírito Santo. O *corpus* escrito é constituído por cartas pessoais do século XIX e XX e por jornais de diferentes sincronias.

Para a análise do trabalho em tela, utilizaremos a amostra de fala composta pelos informantes da cidade de Vitória. Ao todo, são 46 entrevistas sociolinguísticas de, aproximadamente, 60 minutos cada e estratificadas pelo sexo, faixa etária e grau de escolaridade dos falantes. Feitos à luz da metodologia laboviana, com o intuito de superar o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]) e fazer emergir o vernáculo dos capixabas, os momentos de entrevistas abordaram, por vezes, assuntos que remetiam à infância, às possíveis situações de risco que os entrevistados passaram, além de tentar desviar o foco dos temas das perguntas feitas.

No quadro abaixo, retirado de Yacovenco (2002), podemos verificar a organização dessa amostra: são dois sexos (masculino e feminino), três graus de escolaridade (nível fundamental, entre 1 a 8 anos de escolarização; nível médio, entre 9 a 11 anos

¹⁴ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4788545J6>

¹⁵ <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787111Y5>

¹⁶ <http://www.letras.ufrj.br/peul/pesquisadores%205.html>

¹⁷ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4608139232355870>

de escolarização; e nível superior, com 11 anos de escolarização ou mais) e quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 ou mais anos).

QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS CÉLULAS SOCIAIS DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Faixa etária	07-14		15-25		26-49		50 ou +		Totais
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio			3	3	2	2	2	2	14
Ensino Universitário			2	2	2	2	2	2	12
Número total de informantes entrevistados									46

Fonte: Yacovenco (2002, p. 108)

3.2.1. As variáveis independentes analisadas na amostra PortVix

3.2.1.1. As variáveis sociais

A fim de compreender as motivações sociais por trás da redução fonética do item *estar* e a conseqüente alternância entre suas formas plenas e reduzidas, analisamos três grupos de fatores condicionadores extralinguísticos na amostra composta por 46 informantes da capital do Espírito Santo, Vitória /ES. São eles: o *Sexo/gênero*, o *Grau de escolaridade* e a *Faixa etária*.

a) **Sexo/gênero:**

O controle da variável *Sexo/gênero* nos estudos sociolinguísticos demonstra que o comportamento linguístico masculino e feminino não é aleatório, “o gênero é um

poderoso fator diferenciador em quase todos os casos de estratificação social estável e mudança em progresso que têm sido estudadas” (LABOV, 2001, p. 262)¹⁸.

Labov (2001) formula três princípios ao analisar a correlação entre variação linguística e o sexo dos informantes. O pesquisador constata que, a depender da característica do fenômeno que está sendo esquadrihado, homens e mulheres adotarão determinadas posturas. Em casos de variação estável, a tendência é que elas utilizem mais frequentemente as variantes de prestígio em relação a eles – Princípio 2. Quando se tratar de uma mudança acima do nível da consciência social (*from above*), ou seja, quando os falantes tiverem percepção acerca do estigma sofrido ou não pelas variantes, a inclinação delas é empregar mais a forma de prestígio do que eles – Princípio 3. Entretanto, nas vezes em que a mudança ocorrer abaixo do nível da consciência social (*from below*), eventos em que as variantes não sofrem estigma, a predisposição delas a utilizar a forma inovadora é, também, maior do que a deles – Princípio 4.

Ao postular esses princípios, o linguista americano aponta um comportamento contraditório das mulheres: 1) tratando-se de uma variação estável, elas assumem postura conservadora ao apresentarem um alto grau de conformidade com as normas estabelecidas pela comunidade de fala; 2) nos casos de mudança acima do nível da consciência social, elas tomam a frente do processo e utilizam mais a forma conservadora, demonstrando, novamente, conformidade com as regras determinadas; 3) em mudanças abaixo do nível da consciência social, elas também são líderes do processo ao utilizarem com maior frequência a forma inovadora, mas são menos conformistas por se afastarem das normas vigentes. A esse comportamento ambíguo desempenhado pelo sexo feminino, Labov (2001, p. 293) deu nome de *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais fortemente do que o homem às normas sociolinguísticas que são claramente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando elas não são”¹⁹.

¹⁸ Tradução nossa. Original: *gender is a powerful differentiating factor in almost every case of stable social stratification and change in progress that has been studied.*

¹⁹ Tradução nossa. Original: *Women conform more closely than men to sociolinguistics norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.*

Com base no Princípio da Marcação Linguística e Social²⁰ de Givón (1995)²¹, Scherre e Yacovenco (2011) destacam que a mulher possui papel duplo na mudança linguística. Em certa contraposição ao Princípio da não conformidade, as autoras generalizam que “em configurações menos marcadas – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação ou na mudança” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 139); por outro lado, “em configurações mais marcadas – e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 139).

Embora a literatura sociolinguística preveja certos comportamentos para os sexos feminino e masculino, é sempre importante nos atentarmos para o fato de que

A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas como também à forma de organização social de uma dada comunidade de fala (PAIVA, 2013, p. 35).

Além do estigma imputado a cada variante, entram em jogo os papéis que homens e mulheres desempenham na comunidade a qual pertencem. Outro fator importante ressaltado por Labov (2001) e que deve ser observado é se as mulheres possuem ou não acesso às normas de prestígio. Isto é, embora seja previsível o comportamento dos falantes em relação à variável *Sexo/gênero*, não podemos defini-los como universais ou estáticos.

Tendo em vistas todas essas informações e considerando que a redução fonética do item *estar* é um fenômeno que, na fala, encontra-se em fase final de mudança e ocorre abaixo do nível da consciência social, é de extrema importância controlar o

²⁰ Givón (1995, p. 64-66) esclarece que o Princípio da Marcação não é baseado apenas na saliência da percepção fisiológica humana, mas, também, na interação entre os aspectos culturais da cognição. É a nossa organização social e as relações poder que nos levam, por exemplo, à assimilação de que o masculino não é marcado enquanto o feminino é.

²¹ O Princípio da Marcação proposto por Givón (1995) prevê que os itens cognitivamente mais complexos tendem a ser marcados estruturalmente. São três os critérios estabelecidos para se definir a marcação: 1) complexidade estrutural: itens marcados tendem a ser mais complexos ou maiores que os itens não marcados; 2) distribuição de frequência: os itens marcados ocorrem com menos frequência do que itens não marcados; e 3) Complexidade cognitiva: os itens marcados exigem mais atenção, maior esforço mental e processamento do que itens não marcados.

comportamento masculino e feminino nesse processo. É de se esperar que elas assumam a liderança e favoreçam mais as formas reduzidas do *estar* do que eles.

b) Grau de escolaridade:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que o aluno seja capaz de refletir acerca dos usos que se pode fazer da língua nas mais diversas situações e respeitar as diferentes variedades do português, como podemos notar abaixo nos trechos retirados do documento, que versam acerca dos objetivos da disciplina Língua Portuguesa:

utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso;

conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito lingüístico;

reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades (BRASIL, 1998, p. 32-33).

A literatura sociolinguística, por meio da análise de vários fenômenos variáveis, constata que o papel desempenhado pelas instituições regulares de ensino é outro. Como destaca Votre (2013, p. 52, grifos do autor), a “escola move campanha em prol da pureza do idioma, na variante padrão, e atua constante na luta contra *barbarismos*, *solecismos* e *estrangeirismos*”.

O autor prossegue dizendo que o ensino descritivo estabelece como aceitáveis as formas de prestígios e que estas são amplamente detalhadas e abordadas em manuais prescritivos. Por outro lado, esses mesmos manuais repudiam ou nem sequer mencionam as formas estigmatizadas. Percebemos, diante desse cenário, que a escolarização tem função central na aquisição da variante padrão por parte dos informantes e pode atuar como favorecedora ou inibidora da mudança, a depender do prestígio das variantes que estão em jogo.

Não negamos que haja outras instituições e atividades que influenciem o letramento de um indivíduo. A relação com a mídia e os demais espaços sociais aos quais ele tenha acesso também são, por exemplo, instigadores desse processo (VOTRE, 2013), mas, neste trabalho, focamos na escolarização.

Controlar o tempo que um informante manteve contato com o ensino regular é de extrema valia em um estudo linguístico. No nosso caso, mesmo se tratando de um fenômeno que, na fala, ocorre abaixo do nível da consciência social, não sofre estigma e não recebe tanta atenção por parte das instituições formais de ensino, poderemos observar a partir dessa variável independente se aqueles que possuem um maior grau de escolaridade são inibidores das formas reduzidas, possível consequência das correções que as formas reduzidas do item *estar* sofrem em processos formais de escrita, como redações escolares e textos acadêmicos.

c) Faixa etária:

Segundo Labov (1994), para descobirmos se um determinado fenômeno linguístico se trata de uma variação estável ou uma mudança em curso, há dois tipos de estudos que podem ser feitos, um em tempo aparente e outro em tempo real.

Em um estudo em tempo aparente, a expansão (ou não) das variantes é observada em uma única sincronia por meio das distintas faixas etárias dos informantes que compõem o grupo que está sendo analisado. Essa metodologia é possível, pois, de acordo com Naro (2013a, p. 44), dentro do campo da Linguística é amplamente difundida a concepção de que “o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica mais ou menos estável”, mesmo que não haja nenhuma evidência empírica acerca dessa postura. Dessa forma, a fala de uma pessoa de 60 anos corresponderia à língua de quarenta e cinco anos atrás, já que, por volta dos 15 anos de idade, o seu vernáculo já se consolidou.

Há duas abordagens possíveis ao se realizar um estudo em tempo real: uma delas é o estudo painel, no qual os dados de um mesmo grupo de informantes são analisados em períodos distintos de suas vidas; a outra é o estudo de tendências, que é

caracterizado pela análise dos dados de informantes diferentes em sincronias distintas, porém, é primordial que esses falantes possuam perfil social semelhante.

A natureza do *corpus* do PortVix nos permite a realização de um estudo em tempo aparente, uma vez que, por meio da divisão das quatro faixas etárias, podemos verificar se são os mais novos ou os mais velhos que favorecem o fenômeno variável que focalizamos e como é o comportamento do grupo que está iniciando sua carreira profissional (15 a 25 anos) e daqueles que já estão consolidados no mercado de trabalho (26 a 49 anos).

Como a literatura sociolinguística aponta, o esperado é que os informantes de idade mais avançada utilizem com maior frequência as formas mais antigas da língua e aqueles que são mais jovens façam maior uso das formas inovadoras. A tendência daqueles que estão adentrando ou já estão no mercado de trabalho é utilizar as formas mais conservadoras, devido às pressões trabalhistas. No caso da redução fonética do item *estar*, acreditamos que os mais novos estejam à frente desse processo de mudança, favorecendo mais fortemente do que as outras faixas etárias as formas reduzidas.

3.2.1.2. *As variáveis linguísticas*

Não apenas as variáveis externas, mas, também, as internas são importantes para que possamos compreender a redução fonética do item *estar* e a variação entre suas formas plenas e reduzidas. A seguir, discutiremos os fatores linguísticos que analisamos no *corpus* retirado do banco de dados do PortVix. São eles: *Função do item*, *Contexto precedente*, *Tempo verbal* e *Pessoa do discurso*.

a) Função do item:

A partir do controle dessa variável independente poderemos constatar como a forma fonte, as menos e as mais gramaticalizadas influenciam a redução fonética e a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. Como muitos teóricos

apontam, a perda de conteúdo semântico e a expansão para novos contextos de uso, consequências do processo de gramaticalização, podem levar à perda de material fonético (HEINE, 2003; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2016 [2010]).

Não nos deteremos em explicar e exemplificar aqui cada uma das funções que o referido item desempenha, uma vez que, no capítulo 4., iremos abordá-las e classificá-las devidamente. Faz-se necessário, entretanto, estabelecermos o *continuum* de gramaticalização do *estar* para que possamos entender melhor a hipótese que elaboramos para o grupo de fatores *Função do item*.

QUADRO 4 – CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *ESTAR* A PARTIR DOS PARÂMETROS DE HEINE E KUTEVA (2007)²²

Verbo principal > Verbo de Ligação > Verbo Auxiliar > Expressão cristalizada > Marcador discursivo

Não queremos dizer com esse *continuum* que uma *expressão cristalizada*, por exemplo, se gramaticalize a partir de um *verbo auxiliar* ou que um *marcador discursivo* seja resultado da mudança gramatical de uma *expressão cristalizada*. Pretendemos apenas mostrar para o leitor que, quando o item *estar* desempenha a função da extrema esquerda (*verbo principal*), ele possui mais conteúdo semântico e, na medida em que caminha para a direita, perde valor semântico e ganha em funcionalidade gramatical. Ao estabelecermos essa ordem, somos capazes de classificar as funções como fonte, mais ou menos gramaticalizadas.

Além delas, a fim de considerarmos todos os dados possíveis, também controlamos algumas categorias especiais. Foram discriminados os casos em que o item apresentava mais de uma função, aqueles que não possuíam complemento que indicasse a sua função, mas eram inferíveis pelo contexto maior ao qual pertenciam e

²² Falaremos acerca dos parâmetros de gramaticalização de Heine e Kuteva (2007) no capítulo 4. quando abordarmos a gramaticalização do item *estar*.

aqueles que, devido a alguma interrupção ou reformulação do discurso do informante, não eram possíveis de ser classificados.

Acreditamos que as funções mais à esquerda do *continuum* de gramaticalização sejam desfavorecedoras das formas reduzidas do *estar* enquanto aquelas mais à direita sejam favorecedoras e impulsionem para frente seu processo de mudança. Os casos de dupla função devem apresentar efeito intermediário, já que, para uma única ocorrência do item, é possível a simultaneidade de funções mais e menos gramaticalizadas.

b) Contexto precedente:

Com esse fator, buscaremos verificar se há algum contexto fonético que influencie a perda de massa fônica do *estar*. Consideramos que há algumas palavras que aparecem anteriormente ao item que favorecem o seu apagamento enquanto outras o desfavorecem. Levamos essa variável em conta uma vez que o processo de gramaticalização de construções e itens pode resultar em sua mudança para um clítico, como propõem Hopper e Traugott (1993, p. 7):

QUADRO 5 – ACLIVE DE GRAMATICALIZAÇÃO PROPOSTO POR HOPPER E TRAUGOTT (1993)

Item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Ao analisar a construção *estar + gerúndio* no português falado em São Paulo, Mendes (1999) fez um breve teste com um único falante para verificar se a forma reduzida *tá* estaria se tornando um clítico. O autor constatou que uma das três pronúncias de *tá* desse informante não possuía acento tônico, sendo compreendido como um clítico em relação ao gerúndio. Entretanto, ele também ressalta que são necessários estudos mais profundos acerca desse fenômeno.

A nossa ideia é que os palavras que terminem seu segmento fônico em /s/, por exemplo, favoreçam a erosão fonética do item *estar* – algo como “as mulheres tão dominando o mercado de trabalho” ou “a lavagem dos porcos tava quente à beça”, em que o fim dos sujeitos *as mulheres* e *a lavagem dos porcos* suprimiria a primeira sílaba de *estão* e *estavam*.

Contexto precedente favorecer da redução:

(4) Fica no neuro, na... na memória do neurônio, entendeu? Aí ele libera o... o... é... hormônio pra dor, Surbitol. É... aquele adrenalina, tudo que é pra senti dor, e o endorfina, serotonina, que é... que é ã/pra não senti dor, não é liberado. Então, então ficou gravado no neurônio, entendeu? Ficou gravado a dor. Então eles acham que dando esses remédios que eles estão nessa pesquisa pra dor no mundo inteiro (...)

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

(5) Qualquer ca/coisinha, eles tão... matando as pessoa, sai briga todo final de semana!

(PortVix, célula 14: homens, 26 a 49 anos, nível fundamental)

Contexto precedente desfavorecer da redução:

(6) Agora, invadir assim eu não/eu já acho errado. Ninguém pode invadir a privacidade de ninguém, mesmo que esteja abandonado.

(PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental)

(7) (...) e pedi pra/parei uma policial e pedi pra coisar o rádio... o cara tava em Carapina. Até chegar lá... engarrafamento de seis horas da tarde ali não é brincadeira não!

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

c) Tempo verbal:

Levando em consideração que a frequência de uso é relevante tanto no processo de gramaticalização quanto na redução fonética de itens e construções (BYBEE, 2016 [2010]), o interesse em controlar os tempos verbais e as formas nominais do *estar* é verificar se as conjugações que ocorrem com maior frequência favorecem o desgaste fônico do item. Abaixo, seguem os exemplos dos tempos e formas nominais que encontramos no banco de dados que analisamos:

Presente do indicativo:

(8) Bom, ela, a Cathedral, ela foi/não é considerada mais como cristã, uma banda evangélica, ou seja, não está mais no ramo do Gospel, foi pró ramo Popular Brasileiro. Ela saiu correto, porque teve uma entrevista, eu não me lembro muito bem, mas muita gente falou sobre a entrevista que eles deram no Jô Soares, né?

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

(9) Exato... e o pessoal que tá no Vital vai lá pra Campinho, vai lá pra Guarapari, vai conhecer outros lugar, então é turismo.

(PortVix, célula 44: homem, 50 anos ou mais, nível universitário)

Pretérito perfeito do indicativo:

(10) Abandonado não, a pessoa estaria viajando fora, esteve ali, a sua, sua residência ali, eu acho que... ninguém pode pular no quin/no... quintal dos outros, invadir, arrombar a casa dos outros, fazer nada. A menos que seja pro bem da pessoa.

(PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental)

(11) Eu já tive um dia... é... no interior do Nordeste sem tem o que comer. Você chega no... no restaurante, comida é o troço mais simples que tem. Uma semana depois, no interior do Paraná, é uma refeição, ele bota tudo na mesa que tem... igual tem... tem o self-service.

(PortVix, célula 43: homem, 50 anos ou mais, nível universitário)

Pretérito imperfeito do indicativo:

(12) Eu, por exemplo, cê quer vê... quando foi detectado o problema de mãe, ela estava a dois anos atrás fazendo um tratamento de reumatismo (ininteligível). O médico tratando com um outro remédio pra dores, que é reumático. Aí foi isso aí, quando eu desconfiei, ela, a mamãe, chegou um ponto ela/cê vê como funciona esta máquina burocrática deles né, é como se a gente obedecesse, nós fossemos obrigado a obedecer a hierarquia dentro da saúde. Até parece que a saúde faz isso com a gente, né?!

(PortVix, célula 28: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

(13) Eu já tava olhando pra ele, assim, rezando: “Ave Maria cheia de graça, pelo amor de Deus!” Chegou na última prateleira, ele não chegou, entendeu? Aí eu botei a mão na cabeça e falei assim: “bicho! Deus existe mesmo, cara! Pelo amor de Deus, me salva agora!”

(PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

Futuro do presente:

(14) O problema seria no... relacionamento futuro, né? Na... vamos supor, eu tô com vinte. Se eu namorasse com uma mulher de quarenta... quando eu tiver com quarenta, ela estará com sessenta...

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

(15) (...) porque eu vou colocar o fixo e acho que vou dois anos com ele, só que, nesse tempo, eu vou tá colocando outros aparelhos, assim, o freio de burro, como é chamado.

(PortVix, célula 01: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

Futuro do pretérito:

(16) Abandonado não, a pessoa **estaria** viajando fora, esteve ali, a sua, sua residência ali, eu acho que... ninguém pode pular no quin/no... quintal dos outros, invadir, arrombar a casa dos outros, fazer nada. A menos que seja pro bem da pessoa.

(PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental)

(17) Bom... aí eu... eu não sei. Eu acho que, tipo assim, o que eu penso hoje, liberar a maconha, por exemplo, eu acho que até poderia, porque é uma coisa consumida. Querendo ou não, é muita... acho que, tipo assim, depo/ eu acho que deve ser uma das drogas mais consumidas depois do cigarro e do álcool, então pelo menos geraria imposto pro governo, já que se vendesse você pelo menos **taria** fazendo uma coisa, assim, legalizada.

(PortVix, célula 25: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

Presente do subjuntivo:

(18) Não sei, né? Mais porque... porque é essa onda de ficar, né? Ficar... começando ficar, já não... você fica com uma, fica com duas, fica com... uma ali, fica com três pessoas na mesma festa. Talvez por isso **esteja** ajudando. Agora, no casamento, é... não sei te falar, né? Teria que perguntar pra uma pessoa com mais experiência no casamento... não sei, né? De repente, a pessoa acha que é isso e... namora, namora, namora, namora aí... se quando resolve casar parece que a pessoa muda.

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

(19) (...) é muito importante, mesmo que **teja** um desastre o casamento, mas faz isso pelo filho, pelo menos não separa não. Depois de crescer, tudo bem, né?! Aí dá pra explicar pro menino que é... que às vezes é melhor que o casal... que o pai e a mãe dele fiquem longe, porque assim não brigam tanto e... e podem viver melhor.

(PortVix, célula 36: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

Pretérito imperfeito do subjuntivo:

(20) (...) se alguma pessoa **estivesse** armado numa hora dessa, poderia ter saído tiro lá, entendeu? Lá oh... o/os seguranças lá prenderam... na hora da entrada tinham vários seguranças lá... e revistaram as pessoas... poderia ser o cara que fosse, mas tinha que revistar.

(PortVix, célula 04: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

(21) Se eu fosse fazer alguma alteração, seria pouca que eu concordo com a escalação que ele usa. Tem um jogador que eu gostaria que **tivesse** lá, seria o Beletti... é... é isso, apesar do Cafu ter tanta experiência e tudo mais...

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

Futuro do subjuntivo:

(22) (...) se eu for/se eu for o único de aspirante ou de tenente, por exemplo, se não **estiver** tenente, capitão essas coisas todas, serei eu.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(23) (...) e o tempo que eu **tiver** com eles fazer que for o melhor tempo possível, entendeu? Sempre... é... trazer/ fazendo... sou sempre assim/ sempre fui muito alegre, muito brincalhona, então sempre trazendo alegria pra ele, mostrando amor, carinho, entendeu?

(PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

Infinitivo:

(24) (...) o pessoal do bloco, ele tem esse privilégio porque... eles pagam pra **estar** ali naquele meio... já o outro não tem dinheiro pra isso. O pipoquinha... o pipoquinha é um... Zé que mora lá no bairro tal tal, ele acompanha, ele tira até um proveito daquele negócio sem pagar nada.

(PortVix, célula 44: homem, 50 anos ou mais, nível universitário)

(25) Aquela coisa da Feiticeira tá virando... uma pessoa muito forte então fica todo o mundo em volta daquele assunto, sabe? Desperta uma polêmica assim... acho que é isso.

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

Gerúndio:

(26) E eu estando lá durante a semana, fica difícil final de semana fazer as coisas aqui. Então, isso acaba atrapalhando. No começo é bom você conhecer outro lugar diferente.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(27) Rapaz, isso é um negócio... é um negócio complicado. Bem... você trai a pessoa... cê... cê... cê gosta muito dessa menina. Cê ge/geralmente não vai trair ela, entendeu? A não ser que seja a menina... a outra menina vem tem pressionar, aí se vai falar “não. Não... num gosta, quero tal”... gosta muito dessa pessoa, se você não gosta tanto, cê só fica com essa pessoa vamos dizer assim, aí sim! Aí facilita traição... tal... de repente... a... a vontade é tanta que cê acaba pulando a cerca mesmo tando casado.

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

Para além desses casos elencados acima, há aqueles em que não há a marcação de tempo verbal, como ocorre para algumas *expressões cristalizadas* e em todas as ocorrências de *marcadores discursivos*. Para essas eventualidades, usamos o fator não se aplica.

Ausência (não se aplica):

(28) Exatamente, que é uma grana muito alta, gente! Cem reais numa noite pra você... tá doido! E às vezes você nem pode curtir tanto porque você tem que voltar dirigindo, não pode beber, você não pode ficar até tarde que dá sono... é horrível! Mas,

assim, eu gostaria muito que todas as rodovias fossem iguais a rodovia do sol ficou. Muito boa, sabe?²³

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

(29) Sempre. Nós temos/nós temos um dos melhores atendimentos acho que... nacional! Aqui não tem comparação, tá?²⁴

(PortVix, célula 17: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

d) Pessoa do discurso:

Ao controlar a variável *Pessoa do discurso*, poderemos verificar qual o comportamento dos pronomes singulares e plurais no fenômeno sob análise. Sendo o plural mais extenso, mais saliente e, por conseguinte, mais marcado que o singular, pressupomos que os pronomes singulares sejam favorecedores das formas reduzidas do item *estar* enquanto os pronomes plurais as desfavoreçam.

Em relação ao pronome *a gente*, embora seja uma variante da primeira pessoa do plural, acreditamos que ele também favoreça as formas reduzidas tal qual os pronomes singulares, uma vez a sua conjugação corresponde à terceira pessoa do singular.

Outra ressalva importante que deve ser feita é que não há casos de segunda pessoa do singular *tu* no *corpus* analisado, todas as ocorrências são de *você*, suas variantes *ocê* e *cê* (CALMON, 2010) ou *senhor/senhora*.

²³ No banco de dados do PortVix, há apenas ocorrências reduzidas do item *estar* exercendo a função de *expressão cristalizada* sem a marcação de tempo.

²⁴ No banco de dados do PortVix, há apenas ocorrências reduzidas do item *estar* exercendo a função de *marcador discursivo*.

Primeira pessoa do singular:

(30) (...) olha que coisa ridícula! No estado tem... eu fui saber isso no dia, só tem três viaturas desse negócio pra quando bate, pro estado inteiro! Então, quando eu bato... se meu carro tiver condição de sair do lugar igual tinha condição... eu tenho que me dirigir a um lugar pro cara fazer perícia. Agora... **eu estava nervosa!** Como é que eu vou dirigir pra um lugar? Posso até causar outro acidente, né?

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

(31) Gosto... muito... esses dias, até minha mãe implicou comigo, porque eu e meus colegas, assim, resolvemos ir lá pra Camburi, né? De bicicleta. Aí... como a gente ia escondidos da mães, né? Aí... o/o colega da/da minha vizinha aqui da gente pediu o... o filho dela lá, né? Pra ela, aí... minha mãe/quando eu cheguei em casa, ela me pegou no tranco... **porque eu tava lá em Camburi entendeu?**

(PortVix, célula 04: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

Segunda pessoa do singular (você, ocê, cê, senhor/senhora):

(32) (...) e chamou até atenção dele, que queria sair junto comigo. Ele disse “não... **o senhor não está com ela...** ela vai sair primeiro”. E eu usava aquele sapatão, aí eu disse “se ele vier botar a mão”... porque ele nunca, nunca fez isso que eu num deixava! Ai, Deus me livre! Sempre tratava ele no respeito... aí num foi preciso que o juiz mesmo mandou ele ficar no lugar.

(PortVix, célula 20: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

(33) Eu acho que sim, porque muitas vezes você pede uma revelação ao Senhor, ele te dá. Quando você consulta ele, ele te fala que você pode continuar com aquela pessoa, aí você vai continuando com aquela pessoa e vai continuando assim e muitas vezes você num gosta dela de verdade, **cê tá porque o senhor...** falou que... o Senhor afirmou. É porque eu gosto dele e vai continuando... continuando... fica obcecada por isso, entendeu?

(PortVix, célula 07: mulher, 07 a 14 anos, nível fundamental)

Terceira pessoa do singular:

(34) Oh... eu acho que a... a escola pública é ruim. Igual meu neto, por exemplo, meu neto estuda aqui no Susete. Já roubaram dele a... a coisinha de/de/de lápis, a bolsinha de lápis. **Ele não está** aprendendo nada (...)

(PortVix, célula 16: mulher, 26 a 49 anos, nível fundamental)

(35) (...) eu sei **que ele tá pagando muito dinheiro**, não vou passar numa particular. Eu sei que eu tenho dinheiro, tenho dinheiro suficiente pra passar numa particular, mas eu acho que isso não é legal pra eles. Eu acho que vale a pena eu mostrar isso pra eles, entendeu?

(PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

Primeira pessoa do plural (nós):

(36) Tenho. Marcou a minha infância mesmo. De um não, né? De três. Foram Júmila, Diego, Roberto. E eles cresceram junto comigo e hoje **nós não estamos mais tão juntos assim**, apesar Diego e Roberto continuam morando do lado da minha casa, mas... cada um seguiu um rumo, né? A gente quase não se esbarra mais (...)

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

(37) (...) e locadora, né? Mas, agora, o cara botou uma antena aí que o vídeo não funciona e **nós tamo danada** (risos). Mas eu gosto muito de filme de romance... gosto de ação... *Face a face*, cê viu?

(PortVix, célula 30: mulher 26 a 49 anos, nível médio)

Primeira pessoa do plural (a gente) – há apenas ocorrência reduzidas:

(38) Domingos Martins **a gente tava** fazendo tipo um trabalho sobre cultura, aí a gente foi conhecer... ah não lembro direito... eu lembro que... acho que foi em Domingos Martins mesmo. A gente viu uma família de pomeranos... ah foi legal! Não dá pra recordar muito bem assim, não (...)

(PortVix, célula 03: homem, 07 a 14 anos, nível fundamental)

Segunda pessoa do plural (vocês, ocês, cês senhores e senhoras) – há apenas ocorrências reduzidas:

(39) (...) quando vocês tavam vindo em São Pedro cinco, eu acho que vocês passam um pedacinho de lixo, né? Já repararam que vocês passam por um lixão ali? E bem lá pra frente assim tem uma... uma viatura do Pro Paz? Eles falam que ali é estratégico, que ali é deserto, só passa carro lá, carro pra cá (...)

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

Terceira pessoa do plural:

(40) (...) se... o casal não vive bem... vai influenciar de forma negativa nos filhos e se eles se separam... TAMbém vai influenciar de uma forma negativa. É... infelizmente... o que seria mais certo seria eles... tentarem amenizar a situação fazendo a cabeça das crianças... preparando-a... a cabeça das crianças... pra... receber uma certa noticia ou de divórcio... ou ... preparando pra... mostrar que o pai e a mãe dele que eles não estão bem (...)

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

(41) Eles já tão intimidando bastante os deliqüentes, né? Eu achei que foi uma boa iniciativa do prefeito. Não tem coisa melhor que eles fizeram até hoje, né?

(PortVix, célula 17: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

Como ocorre na variável independente *Tempo verbal*, em alguns casos de *expressões cristalizadas* e na totalidade dos *marcadores discursivos*, não há marcação de pessoa. Para essas ocorrências, também utilizamos o fator não se aplica.

Ausência (não se aplica):

(42) A beleza e depois cozinhar (risos). Se desse pra associar beleza com inteligência, já estaria ótimo, né?!

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

(43) Ah, eu gosto de jogar baralho, sempre gostei jogar buraco assim... e joguinho de computador... normal... eu gosto de Play Station, só que Playstation a gente não tem, só jogo quando eu vou na casa do meu primo. Eu jogo computador, mesmo assim não jogo muito não, já joguei mais. Eu gosto de jogar baralho a/às vezes a gente joga aqui em casa, nós quatro. Aí que tá, quem é filho único não pode, entendeu? Não tem esse negócio assim.

(PortVix, célula 25: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

(44) (...) Enem também, entendeu? É uma maneira que o governo encontrou, tá? Dá uma peneirada... então eu acho que nesse ponto aí os investimento que foi feito na educação mesmo... que o governo faz... agora... então eles querem que o go/que Fernando Henrique vigie tudo, que o governo vigie tudo... não... se eu mando... se tem aquelas verbas que o governo dá... não dá um (ininteligível)... pra dar pra... pra comunidade, não tem?²⁵

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

3.3. A FERRAMENTA ESTATÍSTICA: GOLDAVARB X

Conforme Naro (2013b, p. 25), a “metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis de manifestações linguísticas”. Uma análise linguística fundamentada no modelo da Sociolinguística Variacionista requer que um volume muito grande de dados seja analisado a fim de que possamos interpretar com clareza quais são os fatores internos e externos que condicionam um fenômeno variável e para obtermos resultados estatisticamente seguros acerca da variação e mudança linguística.

Segundo Guy e Zilles (2007), por meio de um estudo quantitativo, podemos dar conta do encaixamento da variação e da sua sistematicidade, além de sermos capazes de apreender a sua eventual relação com a mudança linguística. Sankoff (1988) aponta

²⁵ No banco de dados do PortVix, há apenas ocorrência reduzidas do item *estar* exercendo a função de *marcadores discursivos*.

que o uso de métodos estatísticos é ideal para que possamos proceder com esse tipo de análise, uma vez que a variação é regida por princípios variáveis e não categóricos.

Amplamente utilizado em pesquisas de vertente laboviana para as investigações quantitativas, o *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) é a versão mais recente do pacote *Varbrul*, que consiste em “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguísticas” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). A ferramenta nos fornece a frequência absoluta e relativa das variáveis dependente e independentes. Além disso, por intermédio da análise de regressão logística, as funções *step-up* e *step-down* realizam, simultaneamente, diversos testes de significância estatística²⁶ dos fatores condicionadores (SANKOFF, 1988).

Em sua primeira etapa, a ferramenta estatística aqui utilizada calcula a média global de uma das variantes (o *input*) e mede a aproximação entre o modelo (fatores, pesos associados aos fatores, o modelo matemático logístico e o próprio *input*) e os dados observados por meio do *log-likelihood*. Na primeira etapa (*stepping up*), são avaliados os efeitos dos fatores de cada uma das variáveis independentes de forma isolada, conferindo a todas um *log-likelihood* e um nível de significância. A depender do nível de significância, um dos fatores condicionadores será selecionado e, de forma sucessiva até que todos os grupos sejam eleitos ou nenhum deles obtenha um nível de significância menor que 0,05 (valor convencionalmente usado dentro das ciências sociais), o *GoldVarb X* analisa o grupo selecionado em relação aos demais, atribuindo novos *log-likelihood* e nível de significância. Na segunda etapa (*stepping down*), o contrário é feito: o programa computacional investiga todas as variáveis independentes de forma conjunta e elimina aquelas que não são estatisticamente significativas.

Em meio a esses testes, são gerados os pesos relativos (PR) – valores a serem considerados em nossos raciocínios. Essa grandeza indicará o efeito de determinado fator sobre o uso de uma variante dentro de um conjunto. “O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal

²⁶ De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 86), os testes de significância estatística fornecem padronizações de referência com base no valor de qui-quadrado (tabela disponível no Apêndice E, página 154) “que podem ser comparadas com as distribuições conhecidas para avaliar a probabilidade de que os dados observados provenham de tal distribuição”.

variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

Sankoff (1988) alerta que, ao considerarmos os PR, é melhor que nos pautemos em suas diferenças do que em seus valores absolutos, uma vez que estes podem ser remodelados em função da ferramenta estatística e modelo matemático utilizados. Assim sendo, observarmos a distribuição dos pesos dentro do universo de cada variável independente.

Por fim, é importante advertir o leitor de que a análise sociolinguística não se resume aos números:

o trabalho quantitativo não é um substituto, mas apenas um acessório para a análise lingüística. O programa Varbrul apenas realiza manipulações matemáticas sobre um conjunto de dados. Ele não nos diz o que os números significam, muito menos faz lingüística por nós. Se estamos perguntando: “Qual seria a melhor generalização lingüística?”, a resposta vem de nossa teoria lingüística, não de um programa estatístico (GUY, 2007 [1988], p. 65).

Em nosso trabalho, investigamos estatisticamente a ocorrência ou não da redução do item *estar* e quais são os fatores condicionadores da sua variação e processo de mudança. Além disso, por meio da variável independente *Função do item*, pudemos associar um estudo de gramaticalização à metodologia de análise laboviana.

3.4. OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICO

O objetivo geral da presente pesquisa é analisar a alternância entre as formas plenas (*está, estou, estava, estaria, estivesse, etc.*) e reduzidas (*tá, tô, tava, taria, tivesse, etc.*) do item *estar*, verificando quais são os fatores condicionadores dessa variação. Como veremos mais à frente no capítulo 5., o referido fenômeno está quase se consolidando como uma mudança na fala, em que as forma plenas estão sendo suplantadas pelas formas reduzidas. Assim sendo, buscaremos, na análise dos dados do PortVix, as motivações por trás desse processo.

Em nossa concepção, a gramaticalização é a causa da erosão fônica do *estar*, o que nos levou a realizar um estudo acerca da mudança gramatical desse item. Acreditamos que, à medida em que ele estende seu uso para novos contextos e passa a ser utilizado em um domínio mais abstrato, perde conteúdo semântico e privilégios morfossintáticos, ocorre a sua perda de massa fônica. Por outro lado, há ganhos em termos de funcionalidade.

Antes de realizarmos tais atividades, precisamos, primeiramente, mapear as funções desempenhadas pelo item *estar*. No *corpus* esquadrinhado, verificamos cinco funções (*verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo*) e outras três categorias complementares que consideramos relevantes para o nosso trabalho (*múltiplas funções, inferíveis e não-classificáveis*). No capítulo 4. a seguir, explicaremos e exemplificaremos cada uma dessas funções e categorias para, no capítulo 5., apresentarmos os resultados de nossas análises com as devidas interpretações.

4. O ITEM *ESTAR*

De acordo com Cunha, A. G. da (1997, p. 238), o verbo *estar*²⁷ é derivado do vocábulo latino *stāre* e significa “ser em um dado momento, ficar”. Mendes (1999), ao analisar os usos de *estar* ao longo do tempo em dados de língua escrita, verificou que, em suas acepções mais antigas, no século XIII, o item podia significar simplesmente “ficar de pé” ou, também, indicar uma localidade com a presença de um sintagma preposicional ou adverbial – dessa forma, funcionando como *verbo principal*. Um século adiante, o autor apura que o referido item funciona como uma cópula ao transformar o sintagma adjetival da sentença em um predicativo. A partir do século XV, o pesquisador constata a utilização da construção *estar + gerúndio*, na qual o item funciona como um auxiliar da forma nominal.

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 830), encontramos a seguinte definição, que, além de trazer exemplos de *estar* funcionando como *verbo principal* e *de ligação*, também mostra uma construção com o verbo que pode ser considerada uma expressão cristalizada:

na maioria das acepções, *estar* conserva seu sentido básico, isto é, um estado situado no tempo (e suas derivações de sentido), como em “está muito magra”, “ninguém está em casa” etc.; já acompanhado de determinadas preposições, *estar* tende a tornar-se um suporte para as categorias verbais (tempo e modo), acrescentado de matiz aspectual que lhe é atribuído pela preposição, formando com esta uma outra unidade lexical, do tipo locução (por exemplo, *estar para* = exprime a iminência ou possibilidade de algo acontecer).²⁷

Outras *expressões cristalizadas* bastante recorrentes na língua são encontradas no dicionário *Aurélio* (FERREIRA, p. 380), como: *estar careca de*, *estar cagando para*,

²⁷ A utilização do termo *item* ao invés de *verbo* para se referir ao *estar* possui motivação funcionalista. Vale lembrar ao leitor que, segundo o Funcionalismo Linguístico, as categorias não são discretas e, portanto, classificar o *estar* como um *verbo* poderia levar à leitura inicial e equivocada de que não trabalhamos com outras funções, como a *expressão cristalizada* e o *marcador discursivo*. Além disso, a nomenclatura *item* não causa nenhum desentendimento dentro da Teoria da Variação e Mudança Linguística e, portanto, acreditamos que ela seja a mais adequada a um estudo de vertente Sociofuncionalista – que considera tanto os pressupostos variacionistas quanto os funcionalistas.

estar com alguém e não abrir, estar mais para lá do que para cá, não estar com nada, estar sujo com, etc.

Há ainda outra função desempenhada pelo item *estar*, a de marcador discursivo. Pena-Lima e Gomes (2012)²⁸ e Martelotta (1997), ao analisarem, respectivamente, o português falado no estado do Pará e as entrevistas do *corpus* formado pelo grupo Discurso e Gramática²⁹, constataram que a forma reduzida *tá* é utilizada no nível do discurso para a organização do texto produzido pelos falantes. Na visão de Traugott (2014), a depender da noção de gramática que se é adotada, os marcadores discursivos também podem integrar a gramática – discutiremos mais amplamente essa questão no item 4.1. *As funções do item estar*.

A nossa intenção nesta seção é justamente caracterizar os usos do item *estar* que encontramos no *corpus* analisado. Utilizando os exemplos retirados do banco de dados do PortVix, definiremos aquilo que consideramos como *verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo*. Após essa classificação, discutiremos o seu processo de gramaticalização, propondo um *continuum* (ou *continua*) na tentativa de estabelecer o caminho que as formas gramaticalizadas percorreram em seu trajeto de mudança.

4.1. AS FUNÇÕES DO ITEM *ESTAR*

A fim de delimitarmos as funções desempenhadas pelo item *estar* consideradas em nosso trabalho, utilizamos um conjunto de quatro gramáticas – três de cunho normativo (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; CUNHA; CINTRA, 2001 [1984]; BECHARA, 2009 [1999]) e uma de vertente funcionalista (CASTILHO, 2010). Nos compêndios, facilmente encontramos informações acerca dos *verbos plenos, verbos de ligação e verbos auxiliares*. Por outro lado, pouco ou nada foi elaborado acerca das *expressões*

²⁸ As autoras utilizam a nomenclatura *marcador pragmático* para se referir a essa função do item *estar*. No nosso trabalho, entretanto, utilizamos o termo marcador discursivo.

²⁹ <http://www.discursoegramatica.letas.ufrj.br/>

crystalizadas e dos *marcadores discursivos*, por isso buscamos nos estudos linguísticos suas definições.

a) Verbo principal:

Primeiramente, falaremos acerca do *estar* exercendo a função de *verbo principal*³⁰: Rocha Lima (2017 [1958]) e Bechara (2009 [1999]) não classificam o que vem a ser a função principal de um verbo. O segundo, entretanto, admite que alguns deles possuem vasto conteúdo léxico enquanto outros fazem referência vaga à realidade, necessitando de complementação. Cunha e Cintra (2001 [1984]) estabelecem que um *verbo principal* é aquele que possui significação plena e papel nuclear na oração. Em posicionamento semelhante, Castilho (2010, p. 397) ressalta que para receber essa classificação os verbos precisam funcionar “como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e uma sequência obrigatória de pontos num percurso”.

Abaixo, podemos observar essas características elencadas acima:

(45) (...) porque com quarenta e cinco minutos você **está** no Rio... quarenta e cinco minutos. Eu já fiz voo do Rio aqui... uma vez uma/um avião deu problema no Rio (...)
(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

(46) Não **tá** aqui, não. Emprestei. Aí a... é mesmo assim, sabe? uma história de... de você/se vocês lerem algum dia alguma coisa psicografada... que seja história, não... explicando o que que é... cês vão ver... tudo que tem sentido... tudo tem... como é que fala?

(PortVix, célula 30: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

(47) (...) então essas crianças que deveriam **estar** com a professora auxiliar A... (...)
(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

³⁰ Nas gramáticas analisadas, Cunha e Cintra (2001 [1984]) adotam a nomenclatura *principal* enquanto Castilho (2010) prefere a terminologia *pleno* para designar aqueles verbos que possuem alta carga semântica. Adotaremos o termo elencado por Cunha e Cintra e reservaremos a expressão *pleno* para nos referir às formas fonológicas do item *estar* que não sofrem redução fonética.

(48) Primeiro, eu tenho que mostrar todos os... coisas que eu tenho que fazer, pros meus filhos principalmente, né? Porque eu sei que eles vão sofrer bastante... vai ter dias muito importantes pra eles que eu não vou poder tá com eles, né?...

(PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

(49) Não, ela tava de calça. A sorte dela... a sorte dela que ela tava de calça.

(PortVix, célula 08: mulher, 07 a 14 anos, nível fundamental)

(50) Tem prestígio. São bem vistos. O corpo de bombeiros rara/raramente você vê um bombeiro morto em ação. Quando ele morre, é em virtude de acidente, aquela coisa toda. Agora... você não vê um bombeiro correndo risco de vida igual... sexta-feira retrasada, nós tivemos um militar que estava de folga, mas... e por gostar do que ele faz ou se sentir um profissional, ele resolveu intervi (ininteligível) uma questão lá da do Bradesco.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(51) Papai, quando tava de folga, pegava a gente, levava a gente/levava no convento... passeava... dava uma volta na praia...

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

(52) Não (ininteligível), pegar um filhinho... com saudade de criança, eles estão... mas agora, do meu pai... tem um monte (risos)! Não, assim, é modo de falar... tem um pequenininho agora com meu pai... ele com a mulher tem um pequenininho, D. (...)

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

(53) Não, tem muita gente que compra, assim, muita gente que compra é... sai cedo de casa, chega lá “Ah, eu tô com muita fome, eu vou comprar uma coxinha pra mim comer, uma latinha de refrigerante”. Aí vai lá e compra e fica por aquilo mesmo... e muita gente, assim, não olha, né?

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

(54) (...) eu tava com dez anos... ia completar dez anos...

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

Em (45) e (46), temos os usos mais prototípicos do item *estar*, que é quando ele indica a localidade de algo ou alguém. Porém, encontramos alguns outros casos que são bastante recorrentes no *corpus* retirado do banco de dados do PortVix: nos exemplos contidos em (47) e (48), podemos observar que *estar* também pode sinalizar que um sujeito se encontra na companhia de alguém. Já em (49), notamos que o verbo pode fazer referência à maneira como uma pessoa acha-se vestida. Ele também pode apontar, como percebemos em (50) e (51), a situação ou o modo como alguém se encontra em dado momento. Em (52) e (53), tal qual em (50) e (51), o item *estar* também assinala o modo como alguém se encontra, porém, há alguma alteração física ou sentimental para o sujeito – como em “estou como fome”, “estou com febre”, “estou com dor” ou “estou com saudade”. Por fim, no exemplo (54), vemos que *estar* também pode especificar a idade de alguém.

Em todos os dados elencados acima, podemos constatar que o item *estar* é o núcleo do predicado e possui um significado de indicar uma localidade, quem acompanha um determinado sujeito ou um modo ou situação em que alguém ou algo se encontra (incluindo como a pessoa está vestida e até mesmo a sua idade). Essas significações são muito próximas daquela que é encontrada em Cunha, A. G. da (1997) e do conceito mais corriqueiro que *O Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2009) atribui ao verbo. Portanto, possuem um valor semântico altamente preenchido. Levando em consideração esses fatores, classificamos os referidos exemplos e casos similares como *verbo principal*.

b) Verbo de ligação:

Os *verbos de ligação*, por outro lado, não possuem essa carga semântica e, segundo a classificação de Rocha Lima (2017 [1958]), são aqueles encarregados de relacionar o predicado ao sujeito – a função predicativa passa, então, a ser exercida pelo nome e não pelo verbo. Nos termos de Cunha e Cintra (2001 [1984], p. 133), eles “servem para estabelecer união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente idéia nova ao sujeito; funcionando apenas como elo entre este e seu predicativo”. Bechara (2009 [1999]), por sua vez, nos alerta que há uma distinção que é tradicionalmente feita entre verbos nocionais e relacionais – os relacionais seriam aqueles de significado léxico vazio e responsáveis pela função de cópula. Para

Castilho (2010), os verbos responsáveis por fazer uma cópula entre elementos nominais (alcunhados de funcionais) transferem o papel que deveria ser desempenhado propriamente por eles para o elemento que está à sua direita. Normalmente, esses constituintes são sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais ou sintagmas preposicionais.

Embora não utilizem uma nomenclatura em comum, as informações presentes nas quatro gramáticas concordam, de certa maneira, que o verbo que neste trabalho chamamos *de ligação* é o responsável por estabelecer um laço entre o sujeito e um outro elemento nominal. Sua função é gramatical e seu valor semântico é esvaziado, indicando somente que a característica que o sujeito porta é temporária, como podemos observar nos exemplos (55) a (58):

(55) (...) pra mim, foi meio que complicado. Assim... porque eu não... não... não sou... não **estou** muito acostumada a lidar com essas perdas, né? Todos os vestibulares que eu fiz, eu passei. Todas as... entendeu? E, de repente agora, eu fui fazer a prova do... do... pro inglês e eu não consegui.

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

(56) Nossa! Entrei numa depressão, menina... hoje eu **tô** ótima! Mas entrei numa depressão... só Deus! Essa televisão ficava lá no quarto, eu ficava deitada direto (...)

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

(57) Eu disse: “o senhor vai me desculpar, mas, já que chegou a esse ponto, eu vou assinar”. Minha filha já **está** casada, né? E... ela mesmo dizia que eu não mereço isso... ele nem sabe a idade dela mais. Perguntaram que idade ela tinha... já pensou... e ele é muito levado e acabou morrendo, minha filha...

(PortVix, célula 20: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

(58) Aquilo foi que eu aborreci. Eu falei assim: “a senhora dá sorte que a senhora é uma mulher... a senhora, porque se fosse um homem nós ia embolar aqui. Porque a senhora **tá** errada e querendo que... ah, vou chamar a perícia aí pra/prá você ver!”

(PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental)

c) Verbo auxiliar:

De mesmo modo que os *verbos de ligação*, os *verbos auxiliares* também possuem carga semântica esvaziada. De acordo com Rocha Lima (2017 [1958]) e Cunha e Cintra (2001 [1984]), eles formam locuções verbais ao se ligarem às formas nominais de infinitivo, gerúndio e particípio. Os auxiliares, segundo Castilho (2010), perdem a capacidade de organizar a sentença e o sintagma verbal e, assim como Bechara (2009 [1999]), aponta que são de responsabilidade deles as flexões de pessoa, número, tempo e modo nas locuções que constituem.

(59) (...) Ninguém **está** vendo isso, então, comecei achar isso tudo esquematizado e parei de assistir Big Brother. Não achei mais graça, não.

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

(60) Mas o *The Sims* também **tá atrapalhando** a memória, porque... ele... ocupa muita memória, aí vai ter que tirar... e vai/meu pai vai comprar *The Sims* de *PlayStation* talvez.

(PortVix, célula 02: homem, 07 a 14 anos, nível fundamental)

(61) Tipo assim, rotas de fuga, né? Aí, pensa comigo, ocorreu um assalto no Centro de Vitória, acionaram a polícia: “oh! os assaltantes **estão** se dirigindo a Jardim Camburi”. Então, vai ter uma viatura lá que vai si/tipo assim, servir de bloqueio.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(62) (...) Eles **tão** brigando por isso. Porque a prefeitura/o ano passado, a prefeitura tinha mandado uma verba pro colégio de vinte nove mil e... esse ano, eles mandaram só quatro... aí vai ficar meio difícil esse negócio de passeio. Se a gente tiver, a gente que vai ter que pagar, os alunos que vão ter que pagar pra fazer passeio.

(PortVix, célula 09: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

d) Expressão cristalizada:

Para além dessas três funções, o *estar* também pode se ligar a outros itens e formar um único conjunto – chamaremos os arranjos de *expressões cristalizadas*. Esse processo cognitivo de agrupamento é denominado por Bybee (2016 [2010], p. 66) como *chunking* e, segundo a autora, “todos os tipos de expressões

convencionalizadas, das pré-fabricadas às idiomáticas e às construções, podem ser consideradas *chunks* para fins de processamento e análise”.

Ainda de acordo com a linguista, o *chunking*

é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas e se combinam para formar unidades mais complexas. [...] Na linguagem, *chunking* é básico para a formação de unidades sequenciais expressas como construções, constituintes e expressões formulaicas. Sequências repetidas de palavras (ou morfemas) são embaladas juntas na cognição de modo que a sequência possa ser acessada como uma unidade simples. É a interação do *chunking* com categorização que dá a sequências convencionais graus variados de analisabilidade e composicionalidade (BYBEE, 2016 [2010], p. 26)

No banco de dados analisado, percebemos que, por vezes, os *chunks* formados com o *estar* conservam as flexões de pessoa, número, tempo e modo, como em (63); por outras, elas são apagadas, como em (64). Além disso, ele perde completamente a sua carga semântica, porém, adquire novo valor lexical ao desenvolver, em união com os demais constituintes da *expressão*, um outro significado.

(63) Não, meu amigo falou comigo “vão... vão... vão fazer um negócio aí” e tal, tal etc. Você entra na política, assina a ficha, aí eu falei “não, mas eu não quero isso, não, rapaz”. “Não, mas vai... inclusive, você vai ficar seis meses sem trabalhar... se for candidato você pode ficar seis meses sem ir no serviço”, eu falei “opa! Então eu **tô nessa**”.

(PortVix, célula 44: homem, 50 anos ou mais, nível universitário)

(64) Pô! Vou ficar pagando cadeira de praia aqui? **Cê tá doido!** Mas os caras têm uma estrutura pra atender o turista, você vê isso, com certeza você vê e aqui no Brasil você não vê.

(PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

A construção “tô nessa” adquire um novo sentido lexical de indicar que uma pessoa deseja se envolver ou se envolve casualmente com algo, mas ela admite flexões já

que precisa de um referente específico para assinalar quem está envolvido e em que momento isso ocorre. No caso da expressão “cê tá doido”, não pode haver um referente específico para o pronome *você* e ela não admite outro tempo, pessoa ou modo verbal, pois, caso fosse flexionado, o verbo desempenharia função de cópula, ligando o sujeito *cê* ao predicativo *doido*, e, conseqüentemente, perderia seu novo valor semântico de indicar que alguma situação é absurda³¹.

e) Marcador discursivo:

Por fim, a última função desempenhada pelo item *estar* que identificamos é a de *marcador discursivo*³². Maschler e Schiffrin (2001, p. 191) propõem que esses elementos sejam considerados “como um conjunto de expressões linguísticas compostas por membros de classes de palavras tão variadas quanto as conjunções (*e, mas, ou*), interjeições (*oh*), advérbios (*agora, então*) e frases lexicalizadas (*você sabe, quero dizer*)”³³. Além disso, as linguistas também ressaltam que eles podem abranger quatro domínios distintos: o cognitivo, o expressivo, o social e o textual – destacando a multifuncionalidade que os marcadores possuem.

Segundo Martelotta (1997, p. 91), quando um elemento linguístico muda e passa a exercer o papel de um *marcador*, ele

deixa de servir a propósitos referenciais externos, para assumir funções pragmático-discursivas no sentido de viabilizar, no ato da comunicação falada, a relação produção/recepção, que pode ser comprometida por fatores ligados à atenção dos participantes, a contextos de improviso, que geram constantes quebras e reformulações, a pausa para reflexão, etc.

³¹ No banco de dados retirado do *corpus* do PortVix, encontramos uma quantidade considerável de *expressões cristalizadas* que utilizam o item *estar*. Seria exaustivo e um desvio de foco explicar todas as ocorrências e, por este motivo, anexamos ao final desta dissertação uma lista que contém esses casos (Apêndice B, página 125)

³² Anexamos ao final da dissertação uma lista com todas as ocorrências de *marcador discursivo* (Apêndice C, página 149).

³³ Tradução nossa. Original: as a set of linguistic expressions comprised of members of word classes as varied as conjunctions (e.g. and, but, or), interjections (oh), adverbs (now, then), and lexicalized phrases (y’know, I mean)

Na visão de Martelotta (1997), há dois processos distintos de mudança que podem ocorrer: a gramaticalização e a discursivização – no entanto, ele mesmo assume que tal posicionamento não é um consenso entre todos os linguistas. Embora admita não ser possível traçar uma linha divisória entre esses dois fenômenos, Martelotta (2004) diz que um item que sofre gramaticalização passa a funcionar como um operador argumentativo e a desempenhar função referente à organização textual interna; por outro lado, um item que sofre discursivização assume a função de *marcador discursivo* e desempenha o papel de modalizar e reorganizar a produção falada. Vemos, então, que a visão desse autor é a de que *marcadores* surgem a partir de processos de discursivização.

Traugott (1995), por sua vez, não acredita que a discursivização seja um processo distinto da gramaticalização. De acordo com a pesquisadora, os *marcadores discursivos* também são parte da gramática, pois eles apresentam restrições sintáticas e propriedades entonacionais próprias. Além disso, outras características como a decategorização, redução fonética, expansão de uso para outros contextos pragmáticos e perda de conteúdo semântico – aspectos recorrentes nos processos de gramaticalização – são observados na mudança de itens que passam a desempenhar a função de *marcador*, o que constitui mais uma evidência de que sua origem seja ocasionada por mudança gramatical.

Como em nossa pesquisa adotamos a concepção de que a língua é um sistema adaptativo complexo e a gramática é algo emergente, acreditamos que a compreensão de *marcador discursivo* proposta por Traugott (1995) se aproxima mais dos conceitos até aqui trabalhados por nós e, por este motivo, iremos adotá-la.

Por fim, percebe-se que os *marcadores* apresentam menos traços semânticos que as demais funções aqui elencadas e funcionam, principalmente, como um recurso para organizar o discurso:

(65) A questão de greve... toda greve é legal... mas ganhando pouco, funcionário ganha pouco... realmente... ninguém trabalha sem ter um incentivo. Que incentivo? A pessoa ser bem remunerada, a pessoa ter é... condições de subir dentro da... da empresa ou dentro do órgão público, que isso é difícil demais. Cê sabe muito bem!

Tudo através de concurso público. (ininteligível) vamos tirar através da UFES, a greve... o pessoal faz greve, mas e o sindicato? Que vai... que... que... os cabeça do sindicato que vai e leva, quer dizer... a uma greve... até na saúde... agora se não tivesse oh... acho se... pra não existir greve, deveria ter, no caso, pessoas competentes, **tá?**

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

(66) Então... é que você tem que ter jogo de cintura (ininteligível) e gostar do que faz... e saber! Você tem que saber quando o aluno perguntar! E quando você não souber uma coisa fala assim “oh... realmente eu já ouvi falar alguma coisa... não sei... mas eu vou verificar, **tá**, meu filho? Porque agora eu tenho que... mas eu vou verificar direitinho... procurar... e depois eu te dou a resposta, **tá?**”

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

(67) Aí... **tá**... Nossa, meu braço doía tanto que eu fui e mostrei pra ela assim (...)

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

(68) A doutora fez um dia em mim aqui, cê **tá entendendo?** Porque a minha pressão caiu toda, por causa de remédio.

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

Ao total, são cinco as funções desempenhadas pelo item *estar* que controlamos no presente estudo, como pode ser observado no quadro a seguir:

QUADRO 6 – FUNÇÕES DESEMPENHADAS PELO ITEM *ESTAR*

Função	Características
Verbo principal	O <i>estar</i> é núcleo do predicado verbal e possui valor semântico preenchido.
Verbo de ligação	O <i>estar</i> é responsável pela cópula entre o sujeito e seu predicativo e não possui valor semântico, apenas indica que dada característica de um referente é passageira.
Verbo auxiliar	O <i>estar</i> é um auxiliador responsável pelas flexões de pessoa, número, tempo e modo das locuções que forma com o verbo principal. Também não possui valor semântico.
Expressão cristalizada	O <i>estar</i> se agrupa a outros itens para formar uma única unidade linguística e o conjunto, como um todo, adquire um novo significado lexical.
Marcador discursivo	O <i>estar</i> apresenta menos traços semânticos que as demais funções e exerce, principalmente, o papel de ser um organizador das informações produzidas.

Ao decorrer de nossas análises, entretanto, percebemos que alguns usos do item *estar* não se encaixavam em nenhuma dessas funções e, por este motivo, precisamos levar em consideração um grupo de categorias especiais com o intuito de que nenhum dado fosse negligenciado. Na subseção a seguir, falaremos um pouco mais sobre essas ocorrências.

4.1.1. Casos especiais: as múltiplas funções, os inferíveis e os não-classificáveis

a) Múltiplas funções:

Por vezes, notamos que o item *estar* desempenhava, para uma única ocorrência, mais de uma das cinco funções elencadas na seção anterior. Essa sobreposição não é uma surpresa, já que, tratando-se de um processo gramaticalização, é comum que o item passe por um período em que haja contiguidade de conceitos, como ocorre com o verbo *ir*, por exemplo:

em uma frase do tipo *João vai comprar um carro*, à qual cabe tanto uma leitura de movimento (*Aonde João vai?*) quanto uma leitura de futuridade (*O que João vai fazer?*). Contextos como esse permitem que, em momentos posteriores, somente a leitura de futuridade esteja disponível, como em *O prédio vai cair*, deixando de lado a leitura de movimento, que exige um sujeito animado que se move (**Aonde o prédio vai?*) (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES E CASSEB-GALVÃO, 2007, p. 48)

Nos exemplos abaixo, podemos observar o *estar* exercendo *múltiplas funções*. Em (69), ele tanto pode ser classificado como *verbo principal* quanto como *verbo auxiliar*. Já em (70), ele acumula as funções de *verbo principal* e *verbo de ligação*. Por sua vez, em (71), três funções são condensadas: *verbo principal*, *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*.

(69) (...) é... conjugar os verbos tudo certinho, sabe? As coisa impecáveis... assim, as conjugações todas perfeitas... assim, concordância perfeita, assim, ela sempre foi... e eu acho que isso é uma coisa desse método dessa creche, dessa escolinha da... da escola, entendeu? De... de... tipo assim, mostrar à criança... é... a coisa que, tipo assim, tratar a criança como uma pessoa inteligente, não apenas como uma criança, entendeu? Tratar como uma pessoa que tá ali aprendendo é... é... mostrar se a pessoa ali... “pra mim fazer” não! “Pra eu fazer”, “eu faço”, entendeu?

(PortVix, célula 27: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

(70) Às vezes, eu tô deitada ali na... no quarto... eu fico com a lu/quase escuro porque a lâmpada é em cima da cama, né? assim logo no meio assim a gente deita fica aquele... foco em cima da gente, aí eu deixo tudo no escuro (risos), só a televisão ligada.

(PortVix, célula 19: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

(71) (...) e a criança tava lá brincando quietinha... realmente, eu não avisei pra... pra... secretária da escola lá na frente dizer “olha, se as mães do fulano, quando elas chegarem...” e as salas são uma ao lado da outra, né?!

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

O motivo de considerar esses casos sob um único rótulo e não apenas classificá-los duas vezes a partir de uma das categorias discretas (*verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada, marcador discursivo*) é poder verificar com mais precisão a influência do processo de gramaticalização do *estar* em seu processo de redução fonética³⁴.

b) Inferível:

Também consideramos como um caso à parte aqueles dados que não podiam ser classificados sem ser levado em conta o contexto maior ao qual pertenciam. Os *inferíveis* foram controlados especificamente para que verificássemos o comportamento das construções que não apresentavam contexto explícito no plano oracional, como podemos verificar abaixo:

(72) (...) o da minha irmã era mais complicado. O médico tinha que pegar a caneta... mostrar... entendeu? Eu tava no dia que ela/que ela fez a radiografia.

(PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

(73) (...) aí a mãe dela ficou sabendo, né? Porque ela falou pra mãe dela que num sei o que... falou que ela achava que tava grávida, mas ela num tava, aí isso parou na boca do pastor, aí... o pastor pediu pra eles se afastarem entendeu? Da igreja... num pediu pra ele sair, pediu pra ele se afastar um... um pouco, né? Mas ele entrava na igreja lá em Jardim da Penha... voltou, entendeu?

(PortVix, célula 04: homem, 07 a 14 anos, nível fundamental)

(74) Não, é... assim... eu não gostei muito da mudança por que os meus colegas estão à tarde... os que eu mais vivia em grupinho, assim... mas, assim... eu acho que eu não trocava de tarde por de manhã não, porque de manhã parece que o tempo passa mais rápido. Eu acho que eu só mudaria mesmo por causa dos/do pessoal...

³⁴ Anexamos ao final da dissertação uma lista com todos os tipos de ocorrências de múltiplas funções (Apêndice D, página 152).

do grupo... porque o pessoal da manhã aí tem um que é patético, um menino que se acha o tal, dentro da sala vive se achando o engraçadinho.

(PortVix, célula 05: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

Embora não haja a presença de um locativo explícito em (72), podemos perceber pelo contexto que a informante quer indicar o local no qual se encontrava – o *estar* seria, portanto, classificado como *verbo principal*. O mesmo ocorre nos demais exemplos: em (73), mesmo com o predicativo do sujeito apagado, é possível que recuperemos pelo encadeamento das informações o adjetivo *grávida*, o que nos levaria a classificar o item destacado como sendo *de ligação*; em (74), compreendemos que a informante quer dizer que seus amigos *estão estudando* no período da tarde, ou seja, o item funciona como um *auxiliar*.

c) Não-classificável:

A fim de que pudéssemos examinar todas as ocorrências possíveis, também levamos em consideração os casos que, devido a alguma interrupção ou reformulação da fala do próprio informante, eram impossíveis de ser classificados. A finalidade de contabilizar até os *não-classificáveis* foi para que tivéssemos uma noção global da redução fonética do item *estar* e, também, verificar se essa categoria apresentaria alguma relevância estatística.

(75) Olha eu já **tô**/eu sei que elei/eu não tenho vontade de votar mais, sabe?

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

(76) Aí eu **estaria**/eu teria que estudar mais ainda pra fazer um concurso público ou me empenhar bastante pra ser um advogado ou alguma coisa desse tipo, né? Então ficaria lutando aí mais um bom tempo pra ter no mínimo a remuneração que eu tenho hoje, né? Isso em relação à questão de autossustentação.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(77) E o pior que eles falaram que **tavam**/que quando a gente... a gente passou de ônibus, eles viram a gente... ficaram acenando, só que a gente não viu! Mas o mais engraçado foi isso... aí ficou/a gente foi e ficou lá a noite... dois dias... a tinha... é... um riachozinho, né?

(PortVix, célula 24: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

Assim sendo, adicionamos às cinco funções que elencamos previamente (*verbo principal, verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo*) mais três categoriais:

QUADRO 7 – OUTRAS CATEGORIAS DESEMPENHADAS PELO ITEM *ESTAR*

Categoria	Características
Múltiplas funções	Casos em que o <i>estar</i> exercer, em uma única ocorrência, mais de uma função;
Inferível	Casos em que o <i>estar</i> não apresenta uma estrutura completa, mas a sua classificação pode ser feita levando-se em conta o contexto maior ao qual pertence.
Não-classificável	Casos em que o <i>estar</i> , devido a alguma interrupção ou reformulação da fala do informante, não pode ser adequadamente classificado.

Acreditamos que, ao acrescentar essas três categoriais em nossas análises, podemos ter um quadro mais refinado da mudança do item *estar*. Mais à frente, quando dermos início ao exame quantitativo de nossos dados, explicaremos melhor o tratamento que demos a cada uma dessas funções e categorias.

4.2. A GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *ESTAR*

O objetivo agora é discutir o percurso de mudança gramatical do item *estar*. Embora saibamos que a gramaticalização possua uma fundação que é por natureza diacrônica (HEINE, 2003), é possível que, por meio de uma análise sincrônica, se defina o quão gramaticalizados os integrantes de um *continuum* são. Tomando como base o banco de dados do PortVix, propusemos duas trajetórias de gramaticalização para o *estar*: na primeira delas, levamos em consideração a sua extensão para novos contextos de uso, o seu apagamento semântico, a sua perda de privilégios morfossintáticos e a sua redução fonética; na segunda, consideramos as estruturas das ocorrências para tentar entender como cada uma das quatro funções (*verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressões cristalizadas* e *marcador discursivo*) evoluíram a partir do *verbo principal*.

Antes de mais nada, vale lembrar que há um conjunto de mecanismos que normalmente ocorrem de forma inter-relacionada nos processos de gramaticalização (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34). São eles:

- a. extensão, ou seja, o surgimento de novos significados gramaticais quando expressões linguísticas são expandidas para novos contextos (reinterpretação induzida pelo contexto)
- b. dessemantização (ou desbotamento semântico), ou seja, perda (ou generalização) de significado
- c. decategorização, ou seja, perda de propriedades morfossintáticas características de formas lexicais ou outras menos gramaticalizadas
- d. erosão (redução fonética), ou seja, perda de substância fonética.³⁵

De forma sequencial, é comum que os percursos de gramaticalização se iniciem com a extensão dos itens ou construções para uso em novos contextos. Em razão disso, esses itens e construções, que normalmente são utilizados em contextos concretos, passam a ser empregados em contextos mais abstratos. À medida que essas unidades são utilizadas com mais frequência em novos contextos e necessitam dele

³⁵ Tradução nossa. Original: a. *extension*, i.e. the rise of new grammatical meanings when linguistic expressions are extended to new contexts (context-induced reinterpretation) b. *desemanticization* (or “semantic bleaching”), i.e. loss (or generalization) in meaning content c. *de-categorialization*, i.e. loss in morphosyntactic properties characteristic of lexical or other less grammaticalized forms d. *erosion* (“phonetic reduction”), i.e. loss in phonetic substance.

para ocorrer, elas perdem os privilégios de categoria autônoma (como as marcas morfológicas, por exemplo) e se apropriam de atributos de categorias secundárias como os advérbios, pronomes, clíticos e afixos. O esvaziamento semântico e o aumento da ocorrência de uso podem, conseqüentemente, levar à diminuição do material fonético.

Cada um desses parâmetros se relaciona a uma dimensão da língua em uso: a extensão é de natureza pragmática; a dessemantização diz respeito aos aspectos semânticos; a decategorização é de ordem morfossintática; e a erosão abrange o nível fonético. Com exceção da extensão, todos os demais parâmetros envolvem perda de propriedades, mas isso não quer dizer que o processo de gramaticalização pode ser reduzido a uma degeneração estrutural, pois também há ganhos (HEINE; KUTEVA, 2007, p. 34) – ao passo em se estende, um item ou construção passa a adquirir as características do novo contexto em que é utilizado.

Ao observar o aclave de mudança proposto por Hopper e Traugott (1993), é possível notar que o processo de regularização linguística se inicia a partir de um item ou construção que possui conteúdo semântico bem definido, passa a desempenhar funções gramaticais, depois se torna um clítico para, finalmente, transformar-se em um afixo flexional (item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional). O item *estar*, em sua caminhada de *verbo pleno* a *marcador discursivo*, passa por algumas dessas etapas ao se gramaticalizar, expandindo seus usos e adquirindo novas funções.

Como *verbo principal*, o *estar* pode assumir uma gama de significações semânticas (verificar a seção 4.1. para conferi-las) e, conseqüentemente, possui maior liberdade de ocorrência. Ao se gramaticalizar e se estender para novos contextos de uso, o referido item passa a desempenhar as funções gramaticais de *verbo de ligação* e *verbo auxiliar*. Assim sendo, o *estar* perde o valor semântico nocional que possuía e serve apenas como uma cópula entre porções nominais do texto e um marcador de pessoa, número, tempo e modo da forma nominal que acompanha, respectivamente.

Importante ressaltar que “expressões linguísticas lexicais ou menos gramaticalizadas são pressionadas para a expressão de funções mais gramaticais”³⁶ (HEINE, KUTEVA;

³⁶ Tradução nossa. Original: *lexical or less grammaticalized linguistic expressions are pressed into service for the expression of more grammatical functions.*

2007, p. 33). Por este motivo, o *verbo de ligação* é menos gramaticalizado do que o *verbo auxiliar*, já que o primeiro, além da função de cópula, também recebe as marcas de pessoa, número, tempo e modo verbal, enquanto o segundo tem como função especificamente essas marcações. De certa maneira, é como se disséssemos que o *verbo de ligação* possui função sintática e morfológica, ao passo que o *verbo auxiliar* possui fundamentalmente função morfológica.

As *expressões cristalizadas* são ainda mais gramaticais, sobretudo se considerarmos que essas construções são resultado do processo cognitivo de domínio geral denominado de *chunking* (BYBEE, 2016 [2010]). Para que isso ocorra, entretanto, é necessário que o item perca seu valor semântico original. Os novos significados são mais abstratos do que os originais, extremamente dependentes dos constituintes linguísticos que se acoplam ao *estar* e do contexto situacional em que a construção é usada. Como resultado, a utilização dessas unidades é mais restrita. Interessante notar que algumas *expressões* podem apresentar flexão de pessoa, número, tempo e modo enquanto outras não são marcadas (conferir os exemplos (63) e (64)).

O *marcador discursivo* é o extremo do processo de gramaticalização quando consideramos a carga semântica do verbo e a perda de privilégios morfossintáticos. Ele apresenta menos traços semânticos que as demais categorias e funciona, principalmente, como um organizador do discurso no momento em que este é produzido. Suas ocorrências no *corpus* do PortVix merecem destaque: dos 145 dados, apenas um se manifesta sob a forma *tão* (exemplificado abaixo em (78)), os demais são exclusivamente casos de *tá* ou seus derivados, como *tá bom?*, *tá entendendo?*, *tá vendo?*, *então tá*. Além disso, essa distribuição também demonstra a perda dos privilégios morfológicos e sintáticos que o item sofre: a tendência é ele não receber qualquer tipo de flexão e aparecer sempre ao final da sentença (com exceção das ocorrências que preenchem pausa).

(78) (...) Não... os professores, tipo assim, o professor, ele tem que fazer o seu... o seu... a sua matéria do dia, não é isso? Pra dar aquele ensino do dia, a aula dele. O que eles têm na mão, eles vão fazer o que eles aprendem dia-a-dia, porque a prefeitura tá sempre dando qualificação aos professores, **não tão?**

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

Levando em consideração esse percurso, vemos que o *estar* é um item de conteúdo com uma série de significações possíveis (*verbo pleno*). Ele se regulariza e passa a compor a gramática (*verbo de ligação, verbo auxiliar, expressão cristalizada e marcador discursivo*). Se considerarmos a carga semântica, as características morfossintáticas e a função específica de cada uma das categorias, é possível traçar um *continuum* de gramaticalização que vai do valor mais ao menos preenchido, como exposto no quadro 4, apresentado no subitem 3.2.1.2.:

QUADRO 4 – CONTINUUM DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *ESTAR* A PARTIR DOS PARÂMETROS DE HEINE E KUTEVA (2007)

Verbo principal > Verbo de Ligação > Verbo Auxiliar > Expressão cristalizada > Marcador discursivo

Dessa forma, levantamos a hipótese de que a dessemantização e a decategorização que o *estar* sofre nesse percurso pode levar à perda de material fônico. Sendo assim, é de se esperar que, conforme o item *estar* se gramaticalize, ele apresente mais redução fonética. Mesmo com diferenças percentuais modestas, isso é visível nos resultados encontrados: das 928 ocorrências de *verbo principal*, 95,5% dos dados são casos de forma reduzida; das 827 ocorrências de *verbo de ligação*, 96,4% dos dados são casos de forma reduzida; das 1.677 ocorrências de *verbo auxiliar*, 97,6% dos dados são casos de forma reduzida; das 239 ocorrências de *expressões cristalizadas*, 98,3% dos dados são casos de forma reduzida; e das 145 ocorrências de *marcadores discursivos*, 100,0% dos dados são casos de redução³⁷.

³⁷ Para esse resultado, não consideramos os casos de *múltiplas funções e não-classificáveis*. Os casos de *inferíveis* foram substituídos pela função que designavam. Por exemplo: se pelo contexto julgávamos que o *estar* era uma ocorrência de *verbo principal*, consideramos essa ocorrência definitivamente como um *verbo principal*.

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM A FUNÇÃO NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Função	Forma Plena		Forma reduzida		Total	
	n	[%]	n	[%]	N	[%]
Verbo principal	42	4,5%	886	95,5%	928	24,3%
Verbo de ligação	30	3,6%	797	96,4%	827	21,7%
Verbo auxiliar	40	2,4%	1.637	97,6%	1.677	43,9%
Expressão cristalizada	4	1,7%	235	98,3%	239	6,3%
Marcador discursivo	0	–	145	100,0%	145	3,8%
Total	116	3.0%	3.700	97.0%	3.816	100%

Em termos labovianos, o fenômeno do apagamento fônico do *estar* é semicategórico, uma vez que mais de 95,0% das ocorrências desse item se dão na forma reduzida (LABOV, 2003). É possível que, em um futuro próximo, as ocorrências plenas de *estar* na fala sejam completamente substituídas pelas reduções. Algo que pode contribuir com essa erosão, além do apagamento semântico, é a frequência de uso. A expansão do *estar* para outros contextos mais específicos pode levar à sua redução devido à previsibilidade com que esse item é utilizado (BYBEE, 2003; 2016 [2010]).

Em síntese, pudemos observar a trajetória de gramaticalização do *estar* de *verbo principal* a *marcador discursivo*, constatando o quanto a diminuição do valor semântico e a perda de privilégios morfossintáticos influenciam nesse processo e como trazem consequência para todo o *continuum*, finalizando em sua redução fonética. Acreditamos, entretanto, que há outra maneira de ver essa mudança. A seguir, apresentaremos uma outra *trajetória*, mas com base na estrutura dos dados que analisamos no banco de dados do PortVix, com o objetivo de explicar melhor o surgimento das *expressões cristalizadas* e dos *marcadores discursivos*.

Para o quadro 8 que será apresentado mais à frente, manteremos a sequência de *verbo principal* > *verbo de ligação* > *verbo auxiliar*, pois nos parece clara a evolução do *estar* de um item lexical (o *verbo principal* com suas múltiplas significações concretas) que se gramaticaliza para uma categoria gramatical (o *verbo de ligação* com a função de cópula e a marcação de pessoa, número, tempo e modo) e que se gramaticaliza mais uma vez para uma categoria mais gramatical (o *verbo auxiliar*,

apenas com a função de marcar pessoa, número, tempo e modo). Uma base que sustenta essa decisão pode ser vista em Mendes (1999), que, em uma análise diacrônica da gramaticalização do *estar* em um *corpus* da modalidade escrita, verificou que a utilização desse item como *principal* datava do século XIII, enquanto nos dois séculos seguintes, o XIV e o XV, surgiram, respectivamente, sua função *de ligação* e *de auxiliar*.

A razão de propor uma nova trajetória é que observamos que não necessariamente a partir de *verbo auxiliar* surjam *expressões cristalizadas* e dessas se sucedam os *marcadores discursivos*. Como já dito, o propósito do primeiro *continuum* é indicar uma sequência que leve em conta a extensão, a dessemantização, a decategorização e a erosão fonética do item *estar*. Observando os exemplos abaixo, vemos que as estruturas das *expressões cristalizadas* feitas com o *estar* podem ser próximas dos *verbos principais*, *verbos de ligação* ou *verbos auxiliares*.

(79) Um bandido. Eu não vi o bandido, eles **tavam pra lá e pra cá**. Os caras com arma na mão (ininteligível) “Mãe, eu quero ser polícia”. Aí minha mãe falou: “Deus te abençoe”! Só falou assim. Mas aí, eu até então não sabia o quê que... nada sobre hierarquia de polícia, não. Só sabia que perseguia bandido, não sabia realmente o papel da polícia.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(80) (...) tem isso. Tem o carro, né? (ininteligível) Se for depender de ambulância, de taxi, de ônibus, eu **tô ferrado!**

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

(81) (...) porque em geral todas têm curso superior. Hoje em dia todas têm, é obrigada a ter... é... curso superior. A escola não contrata ninguém que tenha só magistério. Nenhuma professora e nem na creche também. As... as pessoas que são recriadoras... a partir de quatro anos... quatro? Acho que é quatro... elas têm que ser recriadoras... e as recriadoras... elas têm que ter pelo menos o magistério ou... hoje em dia, cada vez mais **tá apertando** mais essa exigência (...)

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

Em (79), o objetivo não é apontar a localização do sujeito (uma acepção típica de um *verbo principal*), mas, sim, indicar que os bandidos aos quais o informante se refere estão em constante movimentação. O mesmo vale para os exemplos (80) e (81): no primeiro, a intenção não é assinalar que o sujeito se encontra ferrado tal qual um cavalo (sendo, assim, um *verbo de ligação*), mas que a situação que ele vivencia ou poderia vivenciar é difícil e lhe causa muitos problemas; já no segundo, o conjunto destacado não se refere ao ato de apertar fisicamente (o que faria o *estar* desempenhar o papel de *verbo auxiliar*), a finalidade é indicar que uma determinada situação está se tornando complicada. Assim sendo, o que está em jogo não é o valor concreto e literal de cada uma dessas construções grifadas, mas o novo valor abstrato que os itens formam em conjunto. Portanto, verificamos que uma *expressão cristalizada* pode surgir a partir de qualquer uma dessas três funções.

O mesmo vale para os *marcadores discursivos*, eles podem se gramaticalizar tendo como fonte um *verbo de ligação*, como em (82), ou um *verbo auxiliar*, como em (83) e (84). Embora não haja ocorrências no banco de dados do PortVix, também acreditamos que os *marcadores* podem se desenvolver a partir de *verbos principais*, em casos como, por exemplo, “*está/tá bem*”. Contudo, vale ressaltar que a maioria dos dados averiguados são exemplares de *tá* sem nenhum item como acompanhante – o que nos faz pensar que, talvez, a cláusula *tá* seja um passo seguinte no processo de gramaticalização de conjuntos com *tá bem*, *tá bom*, *tá vendo?*, *tá entendendo?*, entre outros. No entanto, essa hipótese precisa de uma análise mais detalhada sobre os *marcadores discursivos* para ser comprovada.

(82) A gente podia vender tudo que tinha e num conseguia esse dinheiro. Sim! Ficaria a operação... agora, fora as coisas que você ia gastar... é... nestesia, nestesistas e mais outras coisas, tudo era pago, porque numa operação você num paga só a operação, não. Você paga o nestesista, você paga tudo, **tá bom?**

(PortVix, célula 18: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

(83) E1 – Não muda, é sempre a mesma coisa. É bife à rolê com... com bacon por dentro e... uma... [um pedacinho de cenoura.

E2 – [Uma cenoura.

I – Odeio bife à rolê, **tá vendo?** já começou... hã?

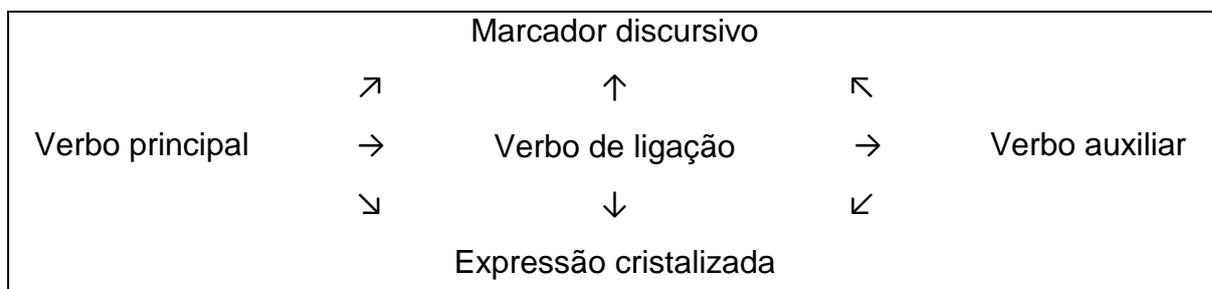
(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

(84) Me formei agora, esse ano. Então, estágio automaticamente você tem que sair direto pro estágio. Estágio você tem um emprego, aí você fica aí... quando você... aí você tem que arranjar padrinho pra arranjar estágio pra você... conhecimento com político... se você tem, por exemplo, político te arranja, se não tem, não arranja, **tá entendendo?**

(PortVix, célula 31: homem, 50 anos ou mais, nível médio)

Feitos esses esclarecimentos, formulamos agora um segundo percurso de gramaticalização do item *estar*, dessa vez considerando a estrutura das ocorrências:

QUADRO 8 – TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM *ESTAR* A PARTIR DA ESTRUTURA DOS ITENS ANALISADOS



Interessante notar que a extensão, a dessemantização e a decategorização também são atestadas nas trajetórias do quadro 8 apresentado acima, qualquer que ela seja. Se um *verbo principal* origina uma *expressão cristalizada* ou um *marcador discursivo*, por exemplo, a *expressão* e o *marcador*, conseqüentemente, são utilizados em contextos diferentes, são mais abstratos porque perderam conteúdo semântico e apresentam menos privilégios morfossintáticos. Perceberemos isso igualmente se o caminho percorrido for *verbo principal* > *verbo de ligação* > *verbo auxiliar* > *marcador*

discursivo ou *verbo principal* > *verbo de ligação* > *expressão cristalizada* e assim por diante até completarmos todas as combinações possíveis.

Seja com base na perda de conteúdo semântico e privilégios morfossintáticos ou na estrutura do item, o que se tentou mostrar nessa seção foram os possíveis caminhos que o *estar* percorre em seu processo de gramaticalização e quais as consequências dessa trajetória. Embora consideremos ter alcançado resultados satisfatórios, também entendemos que, inegavelmente, uma análise diacrônica pode apurar com mais confiança se esses percursos se concretizam ou não. Encerramos por aqui as nossas discussões sobre essa questão e deixaremos para pesquisas futuras um desenvolvimento mais afiado das trajetórias de mudança aqui propostas. Agora, partiremos para a discussão da análise quantitativa laboviana acerca da redução fonética do item *estar*.

5. A ANÁLISE ESTATÍSTICA DO ITEM *ESTAR* NA FALA DE VITÓRIA

Vamos agora apresentar os resultados da análise estatística da amostra da fala, considerando o banco de dados do PortVix – o Português Falado na Cidade de Vitória. Primeiramente, abordaremos as ocorrências globais do *estar* em sua forma plena e reduzida para, logo em seguida, explicarmos qual foi o tratamento efetuado para que pudéssemos prosseguir com nossa pesquisa.

Em termos gerais, captamos um total de 4.077 usos do item *estar* no *corpus* do PortVix. Desse contingente, apenas 125 ocorrências são casos de formas plenas enquanto os demais 3.952 dados são casos de formas reduzidas. Percentualmente, há 3,1% de formas integrais e 96,9% de reduções, o que configura um fenômeno semicategórico, no final do seu processo de mudança (LABOV, 2003).

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM A FORMA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Variantes	Ocorrências do item <i>estar</i>	
	n/N	[%]
Forma plena	125/4.077	3,1%
Forma reduzida	3.952/4.077	96,9%

Uma outra distribuição que queremos deixar clara para o leitor é aquela estabelecida a partir de cada uma das oito funções e categorias que indicamos para o item *estar* no capítulo 4., como se pode ver na tabela 3 a seguir. Os *verbos auxiliares* constituem a maioria das ocorrências da amostra com uma frequência de 40,3%. Depois, temos os *verbos principais* contabilizando 22,6% dos dados, seguidos de perto pelos *verbos de ligação*, que constituem 19,8% do resultado. As *expressões cristalizadas* e os *marcadores discursivos*, por sua vez, correspondem a, respectivamente, 5,8% e 3,6% do total. Os casos especiais (*múltiplas funções, inferíveis, não classificáveis*) somados não compõem 10,0% das ocorrências. Em relação à forma plena e reduzida, é interessante notar que nenhuma das categorias ocorre com menos de 95,0% de

apagamento da sílaba inicial, com especial destaque aos *marcadores*, que ocorrem exclusivamente sob a forma reduzida.

TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM AS FUNÇÕES E CATEGORIAS NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Função	Forma Plena		Forma Reduzida		Total	
	n	[%]	n	[%]	N	[%]
Verbo principal	40	4,4%	879	95,6%	919	22,6%
Verbo de ligação	30	3,7%	779	96,3%	808	19,8%
Verbo auxiliar	39	2,4%	1.606	97,6%	1.645	40,3%
Expressão cristalizada	4	1,7%	233	98,3%	237	5,8%
Marcador discursivo	0	–	145	100,0%	145	3,6%
Múltiplas funções	3	3,1%	95	96,9%	98	2,4%
Inferíveis	2	3,4%	57	96,6%	59	1,4%
Não-classificáveis	6	3,6%	159	96,4%	165	4,1%
Total	124	3,1%	3.953	96,9%	4.077	100,0%

Também de muita significância é notar a frequência com que cada um dos 46 informantes do que compõem o banco de dados do PortVix fazem o apagamento da primeira sílaba do item *estar*. 13 informantes utilizam categoricamente as formas reduzidas; 25 informantes utilizam semicategoricamente as formas reduzidas; e apenas 8 informantes apresentam uma frequência de formas reduzidas abaixo de 95%.

TABELA 4 – FREQUÊNCIA DE REDUÇÃO DO ITEM *ESTAR* POR INFORMANTE NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

ENTREVISTA	SEXO	IDADE	ESCOLARIZAÇÃO	N	REDUÇÃO
Célula 39	Homem	26 a 49	Universitário	137	100,0%
Célula 22	Homem	15 a 25	Médio	122	100,0%
Célula 14	Homem	26 a 49	Fundamental	105	100,0%
Célula 43	Homem	50 ou +	Universitário	89	100,0%
Célula 24	Mulher	15 a 25	Médio	79	100,0%
Célula 30	Mulher	26 a 49	Médio	72	100,0%
Célula 01	Homem	07 a 14	Fundamental	71	100,0%
Célula 12	Mulher	15 a 25	Fundamental	69	100,0%
Célula 25	Mulher	15 a 25	Médio	68	100,0%
Célula 46	Mulher	50 ou +	Universitário	56	100,0%
Célula 32	Homem	50 ou +	Médio	44	100,0%
Célula 02	Homem	07 a 14	Fundamental	41	100,0%
Célula 06	Mulher	07 a 14	Fundamental	18	100,0%
Célula 29	Mulher	26 a 49	Médio	179	99,4%
Célula 11	Mulher	15 a 25	Fundamental	146	99,3%
Célula 34	Mulher	50 ou +	Médio	122	99,2%
Célula 19	Mulher	50 ou +	Fundamental	122	99,2%
Célula 15	Mulher	26 a 49	Fundamental	93	98,9%
Célula 37	Mulher	15 a 25	Universitário	85	98,8%
Célula 45	Mulher	50 ou +	Universitário	137	98,5%
Célula 27	Homem	26 a 49	Médio	136	98,5%
Célula 04	Homem	07 a 14	Fundamental	63	98,4%
Célula 07	Mulher	07 a 14	Fundamental	59	98,2%
Célula 17	Homem	50 ou +	Fundamental	56	98,2%
Célula 26	Mulher	15 a 25	Médio	104	98,1%
Célula 31	Homem	50 ou +	Médio	47	97,9%
Célula 03	Homem	07 a 14	Fundamental	44	97,7%
Célula 38	Mulher	15 a 25	Universitário	115	97,4%
Célula 21	Homem	15 a 25	Médio	39	97,4%
Célula 42	Mulher	26 a 49	Universitário	164	97,6%
Célula 13	Homem	26 a 49	Fundamental	162	96,9%
Célula 33	Mulher	50 ou +	Médio	64	96,9%
Célula 08	Mulher	07 a 14	Fundamental	93	96,8%
Célula 36	Homem	15 a 25	Universitário	59	96,6%
Célula 16	Mulher	26 a 49	Fundamental	56	96,4%
Célula 05	Mulher	07 a 14	Fundamental	81	96,3%
Célula 18	Homem	50 ou +	Fundamental	88	96,2%
Célula 20	Mulher	50 ou +	Fundamental	125	96,0%
Célula 35	Homem	15 a 25	Universitário	68	94,1%
Célula 23	Homem	15 a 25	Médio	99	92,9%
Célula 41	Mulher	26 a 49	Universitário	95	92,2%
Célula 10	Homem	15 a 25	Fundamental	176	92,0%
Célula 28	Homem	26 a 49	Médio	62	91,9%
Célula 09	Homem	15 a 25	Fundamental	49	91,8%
Célula 44	Homem	50 ou +	Universitário	25	88,0%
Célula 40	Homem	26 a 49	Universitário	96	68,6%

Para gerar os pesos relativos a partir do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), entretanto, precisamos fazer algumas alterações nesses conjuntos de dados expostos anteriormente, como eliminar alguns fatores e agrupar outros.

Ao prosseguirmos com a nossa investigação, verificamos que algumas classificações estabelecidas no capítulo 4. não foram tão significativas quanto imaginávamos, embora tenham nos ajudado a ter um panorama geral da redução fonética do item *estar*. Seguindo o princípio lógico da navalha de Occam, nos lembramos que “uma teoria é melhor[ada] à medida que minimiza princípios explicativos e dá conta dos dados de forma mais geral” (GUY, 2007 [1993], p. 43). Ou seja, a diminuição das categorias de análise é algo natural na hora de se refinar uma pesquisa. Assim sendo, ao passarmos de 8 para 5 os componentes do grupo *Função do item*, excluindo os casos que não poderiam ser classificados e recodificando os inferíveis de acordo com a sua função correspondente (rever nota de rodapé 37), apuramos que chegávamos a um resultado mais sólido.

Não foram incluídos nas rodadas (mas não foram excluídos das análises, obviamente) os *marcadores discursivos*, os casos de *primeira pessoa do plural (a gente)* e *segunda pessoa do plural (vocês)* pois essas ocorrências foram categóricas para a redução. Os três níveis de escolaridade (fundamental – 1 a 8 anos; médio – 9 a 11 anos; e superior – mais de 11 anos) foram reduzidos a dois grupos: consideramos os não-universitários (com menos de 11 anos de escolarização) e os universitários (com mais de 11 anos de escolarização) – os pesos relativos obtidos anteriormente à amálgama não se mostraram satisfatórios e o teste de significância realizado assentiu favoravelmente a essa mudança.

Com os devidos ajustes feitos, passamos de 4.077 para 3.665 usos do *estar*. As alterações percentuais não foram, de maneira alguma, drásticas: do total de ocorrências, a maioria esmagadora ainda pertence às formas reduzidas com 3.546 casos (96,8%) enquanto os demais 119 dados (3,2%) são de formas plenas, como pode ser conferido na tabela 5 abaixo.

TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS OCORRÊNCIAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM A FORMA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX APÓS REVISÃO DAS FUNÇÕES E CATEGORIAS

Variantes	Ocorrências do item <i>estar</i>	
	n/N	[%]
Forma Plena	119/3.665	3,2%
Forma Reduzida	3.549/3.665	96,8%

Para as análises em peso relativo, então, foram consideradas apenas as funções *verbo principal*, *verbo de ligação*, *verbo auxiliar*, *expressão cristalizada* e os casos de *múltiplas funções*. A configuração percentual não mudou muito. Os *auxiliares* ainda compõem a maioria da amostra com 44,2% do total, seguidos pelos *verbos principais*, que representam 24,7% dos dados. Logo após, estão os *verbos de ligação*, responsáveis por 22,2% das ocorrências. As *expressões cristalizadas* e as *múltiplas funções*, configuram, respectivamente, 6,4% e 2,5% dos resultados.

TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM AS FUNÇÕES E CATEGORIA NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX APÓS REVISÃO DAS FUNÇÕES E CATEGORIAS

Função	Forma Plena		Forma Reduzida		Total	
	n	[%]	n	[%]	N	[%]
Verbo principal	42	4,7%	861	95,3%	903	24,7%
Verbo de ligação	30	3,7%	785	96,3%	815	22,2%
Verbo auxiliar	40	2,5%	1.580	97,5%	1.620	44,2%
Expressão cristalizada	4	1,7%	231	98,3%	235	6,4%
Múltiplas funções	3	3,3%	89	96,7%	92	2,5%
Total	119	3,2%	3.546	96,8%	3.665	100%

Por último, antes de partimos para a análise das variáveis independentes, gostaríamos de salientar que a nossa melhor rodada não obteve convergência³⁸. Um

³⁸ Definição de Guy e Zilles (2007, p. 238) para *convergência*: “A rotina matemática do Varbrul que calcula os pesos é baseada num algoritmo que faz ciclos (‘iterações’) de ajustes nos valores dos pesos,

número elevado de fatores investigados ou a não ortogonalidade entre eles podem resultar em tal circunstância, entretanto, acreditamos que a causa da falta convergência é a ordenação dos dados. Como veremos nas análises dos fatores sociais e linguísticos, a distribuição irregular faz com que muitas ocorrências fiquem concentradas em casos específicos, a própria relação entre formas plena vs. forma reduzida já demonstra isso. Na variável independente *Tempo verbal*, por exemplo, o *presente do indicativo* e o *pretérito imperfeito do indicativo* acumulam mais de 90,0% dos usos.

De qualquer forma, vale lembrar que “[e]mbora os valores obtidos de análises sem convergência não sejam, por definição, os melhores possíveis, na maioria dos casos aproximam-se suficientemente dos hipotéticos valores melhores para dar uma boa e confiável indicação dos efeitos” (GUY, ZILLES, p. 200) – ou seja, eles podem ser utilizados.

Isto posto, iniciaremos agora a análise de pesos relativos dos fatores condicionadores para verificarmos quais são os contextos estatisticamente significativos para a redução fonética do item *estar* na fala. Das sete variáveis independentes analisadas, três são de natureza social (*Sexo/gênero*, *Grau de escolaridade* e *Faixa etária*) e quatro são de natureza linguística (*Função do verbo*, *Contexto precedente*, *Tempo verbal* e *Pessoa do discurso*). Para a discussão dos resultados, respeitamos a mesma ordem de apresentação das variáveis independentes no capítulo 3. – dessa forma, iniciaremos as nossas análises pelas variáveis sociais e depois partiremos para as variáveis linguísticas.

No quadro abaixo, podemos verificar qual a ordem dos grupos de fatores selecionados pelo GoldVarb X e o seu nível de significância estatística e, também, aqueles que não foram selecionados pelo programa.

procurando um resultado otimizado ('best fit') entre o modelo matemático e os dados observados. Quando ele obtém tal resultado, pára de calcular; isso se chama 'obter convergência'. Em certas situações, porém, pode ser impossível chegar a este ponto (em casos de análises muito complexas, ou de 'infinite loop'). Quando isso acontece, o programa pára depois de um determinado número de iterações (geralmente 21) e dá os resultados obtidos até esse ponto.”

QUADRO 9 – VARIÁVEIS INDEPENDENTES ANALISADAS PELO PROGRAMA GOLDVARB X

Variáveis selecionadas:	Nível de significância
Pessoa do Discurso	0.000
Tempo Verbal	0.000
Escolaridade	0.000
Sexo/Gênero	0.000
Função do verbo	0.020
Variáveis não selecionadas:	
Faixa etária	
Contexto precedente	

5.1. A ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

No banco de dados do projeto O Português Falado na Cidade de Vitória – PortVix, consideramos três variáveis sociais no intuito de descobrir as motivações por trás da alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*. Foram elas: o *Sexo/gênero* do informante (homem ou mulher), o seu *Grau de escolaridade* (nível fundamental – 1 a 8 anos de escolarização; nível médio – 9 a 11 anos de escolarização; ou nível superior – 11 ou mais anos de escolarização) e a sua *Faixa etária* (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos ou 50 anos ou mais). O programa computacional GoldVarb X selecionou o *Sexo/gênero* e a escolarização como estatisticamente significantes.

5.1.1. Sexo/gênero

A variável *Sexo/gênero* foi a segunda selecionada pelo programa computacional GoldVarb X dentre as sociais e a quarta na seleção global. No geral, em termos de polarização, é o condicionador mais fraco a atuar sobre o fenômeno da redução fonética do item *estar*, com *range*³⁹ de valor 212.

³⁹ De acordo com Tagliamonte (2006, p. 242), o *range* indica a força de atuação dos grupos de fatores selecionados. Para obtê-lo, é preciso realizar a diferença entre o maior e menor peso relativo – o *range* mais alto indicará a restrição mais forte enquanto o *range* mais baixo indicará a restrição mais fraca.

Como aponta Labov (2001, p. 280), “as mulheres se encontram avançadas em relação aos homens na maioria das mudanças linguísticas em andamento estudadas por meios quantitativos nas últimas décadas”⁴⁰. Portanto, controlar a variável Sexo/gênero nos oferece um ótimo panorama da situação de um fenômeno variável e pode corroborar os resultados apresentados na tabela 7, que apontam que a alternância entre as formas plenas e reduzidas caminham para uma efetiva mudança na fala do português brasileiro – em que a redução está suplantando as formas plenas.

TABELA 7 – EFEITO DA VARIÁVEL SEXO/GÊNERO NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NO BANCO DE DADOS DO PORTIVIX

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
Homens	1.610/1.690	95,3%	0.386
Mulheres	1.936/1.975	98,0%	0.598
TOTAL	3.546/3.665	96,8%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,000			RANGE: 212

Tratando-se, na modalidade falada, de uma mudança que ocorre abaixo do nível da consciência social (LABOV, 2001) e que, portanto, não sofre nenhum estigma por parte dos falantes, é de se esperar as mulheres tomem a frente desse processo, adotando postura inovadora e sem conformidade com as normas vigentes. Os nossos resultados comprovam esse princípio laboviano: elas são favorecedoras da perda de massa fônica do *estar*, com frequência de 98,0% e peso relativo de 0.598. Os homens, por outro lado, inibem a erosão do item, com frequência de 95,3% e peso relativo de 0.386.

⁴⁰ Tradução nossa. Original: *Women have been found to be in advance of men in most of the linguistic changes in progress studied by quantitative means in the past several decades.*

5.1.2. Grau de escolaridade

A variável *Grau de escolaridade* foi a primeira selecionada pelo programa computacional GoldVarb X entre as variáveis sociais e a terceira em significância estatística no geral. Em nossa análise com os três níveis de escolaridade (fundamental, médio e universitário), obtivemos um *range* de valor 281. Após a amálgama (utilizada em nosso resultado final), obtivemos um *range* de valor 223, que é o segundo fator mais fraco a atuar sobre a redução fonética do item *estar*.

Como dito, consideramos, primeiramente, os três níveis de escolaridade disponíveis no banco de dados do PortVix – ensino fundamental, médio e universitário. Os resultados, entretanto, mostraram-se intrigantes. Não conseguíamos entender o motivo de os informantes que possuíam nível médio (9 a 11 anos de escolarização) serem aqueles que mais favorecem a erosão do item, com peso 0.619. Julgávamos que o apagamento da primeira sílaba do *estar* seria desfavorecido à medida que a escolarização dos informantes aumentasse. Dessa maneira, tal quociente nos levou a pensar na amálgama entre os níveis fundamental e médio, uma vez que poderia não haver uma diferenciação entre a atenção que se presta à fala dentro de uma instituição de ensino básico, mas, certamente, há uma rigidez maior em instituições de nível superior.

Outro ponto considerado para a realização da amálgama foram os pesos relativos do nível fundamental e médio de, respectivamente, 0.525 e 0.619. O efeito aproximado desses fatores nos levou a pensar que poderia não haver diferença estatística entre os dois.

TABELA 8 – EFEITO DA VARIÁVEL *GRAU DE ESCOLARIDADE* NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
Fundamental	1515/1558	97,2%	0.525
Médio	1069/1089	98,2%	0.619
Universitário	962/1018	94,5%	0.338
TOTAL	3564/3665	96,8%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,000			Range: 281

Para verificarmos se a distinção entre o fundamental e médio era significativa, realizamos o teste de significância (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 190-197). Calculando a diferença entre o *log likelihood* da rodada sem a amalgamação (3 fatores) e o da rodada com a amálgama (2 fatores), obtemos um valor de 0,946. Ao multiplicar esse produto por 2, alcançamos o qui-quadrado de 1,892 com 1 grau de liberdade, já que passamos de 3 para 2 fatores. Ao comparar o resultado alcançado com o valor presente na tabela do qui-quadrado para um grau de liberdade (3,841), constatamos que ele é menor que o valor tabelado. Assim sendo, a diferença entre os níveis médio e fundamental não é significativa e a amálgama deve ser feita⁴¹.

TABELA 9 – EFEITO DA VARIÁVEL *GRAU DE ESCOLARIDADE* NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* APÓS AMÁLGAMA DOS NÍVEIS FUNDAMENTAL E MÉDIO NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
Universitários	962/1.018	94,5%	0.340
Não-universitários	2.584/2.647	97,6%	0.563
TOTAL	3.546/3.665	96,8%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,000			RANGE: 223

⁴¹ Teste de significância realizado para a amálgama dos fatores da variável *Grau de escolaridade* e tabela do qui-quadrado encontram-se no Apêndice E, página 154.

Após a união dos níveis médio e fundamental, comparamos a influência dos informantes universitários (com mais de 11 anos de escolarização) e não-universitários (com menos de 11 anos de escolarização) no fenômeno em tela. Como imaginávamos, aqueles que possuem mais contato com a educação formal são os que mais desfavorecem a erosão, com frequência de 94,5% e peso relativo de 0.340. Enquanto isso, os menos escolarizados favorecem o apagamento, com frequência de 97,6% e peso relativo de 0.563.

Embora caminhe para se consolidar como uma mudança na fala, a redução fonética do *estar* ainda encontra alta resistência na modalidade escrita. Pinheiro (2016), com base nas condições de produção (concepção oral ou escrita) e recepção (meio sonoro ou gráfico) de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2015, p. 192 e 193), constatou que as produções que possuem concepção oral tendem a favorecer as formas reduzidas do item *estar* enquanto aquelas que possuem concepção escrita as desfavorecem.

Em instituições formais de ensino, a tendência é que as formas reduzidas sejam corrigidas para as formas plenas – textos acadêmicos, por exemplo, não admitem formas reduzidas. Por isso, compreendemos que quanto maior o contato de um indivíduo com o ensino regular, maiores são as chances de ele utilizar as formas plenas. Vale a ressalva, entretanto, de que a variação foco do nosso trabalho não causa alarde como a não marcação de concordância nominal ou verbal.

Entretanto, é interessante pontuar que a redução fonética do item *estar* já é encontrada solenemente na escrita de propagandas, por exemplo. A propaganda, como meio de persuasão, é uma excelente entrada de formas da fala na modalidade escrita, especialmente daquelas não estigmatizadas.

5.1.3. Faixa etária

Embora não tenha sido selecionado com uma variável estatisticamente significativa pelo programa GoldVarb X, achamos que seria interessante mostrar os resultados, ao menos em termos de frequência, da distribuição das formas plenas e reduzidas do item *estar* de acordo com a faixa etária de cada informante, já que a partir dela também

poderíamos constatar se o fenômeno em questão se trata de uma variação estável ou mudança em tempo aparente.

As alterações percentuais entre os intervalos estabelecidos são sutis, a diferença dos mais novos para os mais velhos é de apenas 0,1%. A utilização semicategórica por parte dos informantes, independentemente de sua idade, dá mais um indício do processo de mudança do *estar*.

TABELA 10 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PLENAS E REDUZIDAS DO ITEM *ESTAR* DE ACORDO COM FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Fator	Forma Plena		Forma Reduzida		Total	
	n	[%]	n	[%]	N	[%]
7 a 14 anos	9	2,1%	422	97,9%	431	11,8%
15 a 25 anos	36	3,2%	1096	96,8%	1132	30,9%
26 a 49 anos	57	4,6%	1183	95,4%	1240	33,8%
50 anos ou mais	17	2,0%	845	98,0%	862	23,5%
Total	3564	96,8%	119	3,2%	3665	100%

Na primeira faixa etária, temos um percentual de 97,9% de redução. Nos dois grupos seguintes, 15 a 25 anos e 26 a 49 anos, há uma queda subsequente desse valor, para 96,8% e depois para 95,4%, mas, como dito acima, nada muito brusco – talvez, essa diminuição possa ser explicada pelo fato de essas duas faixas etárias estarem, respectivamente, se inserindo e consolidada no mercado de trabalho, o que pode resultar em usos mais conservadores da língua. O último agrupamento, o dos mais velhos, aumenta novamente o percentual da erosão do item, quase se igualando aos mais novos, com 98,0%.

Na tabela 10 abaixo, podemos conferir os pesos relativos para cada faixa etária no último nível em que os fatores ainda possuíam chance de seleção. O resultado nos mostra que há pouca diferença entre os intervalos analisados: 7 a 14 anos tem um peso de 0.469; 15 a 25 anos, 0.510; 26 a 49 anos, 0.425; e 50 anos ou mais, 0.597.

TABELA 11 – PESOS RELATIVOS DOS FATORES DA VARIÁVEL FAIXA ETÁRIA EM SEU ÚLTIMO NÍVEL POSSÍVEL DE SELEÇÃO

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
7 a 14 anos	422/431	97,9%	0.496
15 a 25 anos	1096/1132	96,8%	0.510
26 a 49 anos	1183/1240	95,4%	0.425
50 anos ou mais	845/862	98,0%	0.597
Total	3546/3665	96.8%	
SIGNIFICÂNCIA: 0.080			RANGE: 101

Em casos de mudança linguística, o que se espera é que os mais velhos utilizem as formas mais antigas da língua, enquanto os mais novos utilizem a forma inovadora. O que vemos no banco de dados do PortVix, entretanto, é que as faixas etárias extremas possuem praticamente a mesma frequência de redução. Como já sublinhado anteriormente, há, no português brasileiro, uma carência de trabalhos que tratam do desgaste fônico do *estar*. Acreditamos que uma pesquisa que investigue um *corpus* constituído anteriormente ao projeto O Português Falado na Cidade de Vitória, como a *Amostra Censo*⁴², pode esclarecer as características da variação entre as formas plena e reduzida do referido item na fala. O que vemos a partir desses resultados é que o *estar* caminha para consolidar o seu processo de mudança.

5.2. A ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Em busca das motivações internas por trás da alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar*, investigamos, no banco de dados do PortVix, quatro variáveis linguísticas: a *Função do item*, o *Contexto precedente*, o *Tempo verbal* e a *Pessoa do discurso*. Com exceção do *Contexto precedente*, todos os fatores foram selecionados

⁴² <http://www.lettras.ufri.br/peul/amostras%201.html>

como estatisticamente significativo pelo programa GoldVarb X. Abaixo, apresentaremos os resultados obtidos.

5.2.1 Função do item

A variável *Função do item* é a última a ser selecionada como estatisticamente relevante pelo programa computacional GoldVarb X entre os fatores linguísticos e globalmente. Com *range* de valor 237, sua força de atuação é mediana em relação às outras variáveis selecionadas.

É por meio dela que podemos visualizar estatisticamente a influência da gramaticalização do item *estar* em sua redução fonética. Ao controlarmos suas funções como os fatores de uma variável independente, conseguimos perceber que quanto mais o referido item estende seu uso para novos contextos, perde em valor semântico e em propriedades morfossintáticas, mais favoravelmente ele condiciona o apagamento fônico.

TABELA 12 – EFEITO DA VARIÁVEL *FUNÇÃO DO ITEM* NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
Verbo principal	861/903	95,3%	0.397
Verbo de ligação	785/815	96,3%	0.423
Múltiplas funções	89/92	96,7%	0.509
Verbo auxiliar	1.580/1.620	97,5%	0.576
Expressão cristalizada	231/235	98,3%	0.634
TOTAL	3.546/3.665	96,8%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,020			RANGE: 237

O resultado demonstra uma sistematicidade surpreendente. Em termos apenas de frequências, já se nota que, do *verbo principal* (função fonte) à *expressão cristalizada* (função mais gramaticalizada considerada para a rodada), a porcentagem de redução aumenta gradativamente, até chegar ao uso categórico de formas reduzidas nos *marcadores discursivos* (extremo do continuum de gramaticalização do item *estar* de acordo com o apagamento semântico e perda de privilégios morfossintáticos).

Considerando os pesos relativos, notamos que a função fonte e a função menos gramaticalizada, o *verbo principal* e o *verbo de ligação*, são aquelas que mais desfavorecem a redução fonética, com valores de, respectivamente, 0.397 e 0.423. Por outro lado, quanto mais gramaticalizada a função, mais ela condiciona favoravelmente o fenômeno da erosão fônica. O *verbo auxiliar* e a *expressão cristalizada* apresentam, nessa ordem, pesos nos valores de 0.576 e 0.634.

Em relação às *múltiplas funções*, há uma neutralização de forças. Com peso relativo de 0.509, o efeito intermediário dessa categoria se deve ao fato de que a maioria de suas ocorrências são casos conjuntos de um *verbo principal* mais um *verbo auxiliar*, a forma fonte desfavorecedora do apagamento da primeira sílaba do item e uma das funções mais gramaticalizadas e favorecedora da redução.

Por fim, gostaríamos de enfatizar que esse resultado casa perfeitamente com o *continuum* (conferir Quadro 4) que estabelecemos para o item *estar* considerando os parâmetros de gramaticalização estabelecidos por Heine e Kuteva (2007), com as funções mais à esquerda do percurso desfavorecendo a redução enquanto as funções mais à direita condicionam favoravelmente a erosão.

5.2.2. Tempo verbal

A variável *Tempo verbal* foi a segunda a ser selecionada como estatisticamente significativa pelo programa computacional GoldVarb X entre as variáveis linguísticas e também no geral, considerando as variáveis sociais. Com *range* de valor 503, é o fator mais forte a atuar sob fenômeno em tela.

Entre todos os tempos verbais, apenas o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo favorecem a redução fonética do item *estar*, com pesos relativos de, respectivamente, 0.539 e 0.529. As demais categoriais desfavorecem o apagamento da primeira sílaba.

Acreditávamos que os tempos verbais mais frequentes seriam os responsáveis por favorecer a erosão. Embora isso se comprove no caso do presente do indicativo, o mesmo não vale para os resultados do futuro do subjuntivo e do pretérito imperfeito do indicativo. Tentamos contornar esse quociente fazendo a amálgama dos tempos verbais menos frequentes, porém, ao realizarmos o teste de significância, o valor obtido apontava que a junção não deveria ser feita⁴³.

TABELA 13 – EFEITO DA VARIÁVEL *TEMPO VERBAL* NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM *ESTAR* NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Fatores	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
Presente do indicativo	2.353/2.417	97,4%	0.539
Futuro do subjuntivo	41/42	97,6%	0.529
Pretérito imperfeito do indicativo	919/948	96,9%	0.463
Pretérito imperfeito do subjuntivo	33/35	94,3%	0.339
Infinitivo	109/117	93,2%	0.316
Futuro do presente	14/16	87,5%	0.185
Gerúndio	5/7	71,4%	0.152
Pretérito perfeito	8/9	88,9%	0.142
Presente do subjuntivo	2/7	42,9%	0.042
Futuro do pretérito	10/16	62,5%	0.036
TOTAL	3.494/3.613	96,7%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,000		RANGE: 503	

⁴³ Teste de significância realizado para a amálgama dos fatores da variável *Tempo verbal* e tabela do qui-quadrado encontram-se no Apêndice D.

Uma possível e plausível explicação para o futuro do subjuntivo favorecer a redução fonética do *estar* é que a conjugação reduzida desse item no referido tempo verbal é equivalente à conjugação do verbo *ter*, como podemos observar no quadro X abaixo:

QUADRO 10 – CONJUGAÇÃO NO FUTURO DO SUBJUNTIVO DE *ESTAR* E *TER*

Futuro do subjuntivo		
<i>Estar em forma plena</i>	<i>Estar em forma reduzida</i>	<i>Ter</i>
Quando eu estiver	Quando eu tiver	Quando eu tiver
Quando você estiver	Quando você tiver	Quando você tiver
Quando ele estiver	Quando ele tiver	Quando ele tiver
Quando nós estivermos	Quando nós tivermos	Quando nós tivermos
Quando vocês estiverem	Quando vocês tiverem	Quando vocês tiverem
Quando eles estiverem	Quando eles tiverem	Quando eles tiverem

Assim sendo, acreditamos que o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo favoreçam as formas reduzidas por motivos distintos. O primeiro, devido à sua alta frequência de ocorrência e o segundo, por associação com as conjugações verbais do verbo *ter*.

5.2.3. Pessoa do discurso

A variável *Pessoa do discurso* foi a primeira selecionada como estatisticamente significativa pelo programa GoldVarb X, tanto no domínio linguístico como em nível geral. Com um *range* de valor 424, é o segundo fator mais forte a atuar na redução fonética do item *estar*.

Seu resultado demonstra uma divisão bastante clara: enquanto as ocorrências singulares favorecem o desgaste fônico do item, os usos plurais o desfavorecem. A 1ª pessoa do singular é a categoria que mais favorece a redução, com frequência de 97.9% e peso relativo de 0.589. Em seguida, vem a 3ª pessoa do singular, com a frequência de 97.7% e peso de 0.543. Com um valor muito próximo ao anterior, a 2ª

pessoa do singular também favorece a redução, com frequência de 97.2% e peso de 0.540.

A 1ª pessoa do plural (nós) e 3ª pessoa do plural desfavorecem o apagamento da sílaba inicial do item, com pesos de, respectivamente, 0.136 e 165. Interessante notar, também, que suas frequências diminuem em relação às frequências dos casos singulares, pois, diferentemente delas, as ocorrências plurais não são utilizadas de maneira semicategórica.

TABELA 14 – EFEITO DA VARIÁVEL PESSOA DO DISCURSO NA REDUÇÃO FONÉTICA DO ITEM ESTAR NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

Função	Redução fonética do item <i>estar</i>		Peso relativo
	n/N	[%]	
1ª pessoa do singular	830/848	97,9%	0.589
3ª pessoa do singular	1.874/1.923	97,7%	0.543
2ª pessoa do singular	282/290	97,2%	0.540
3ª pessoa do plural	326/364	89,6%	0.165
1ª pessoa do plural (nós)	45/51	88,2%	0.136
TOTAL	3362/3476	96,7%	
SIGNIFICÂNCIA: 0,000		RANGE: 424	

Essa tendência demonstrada pelas ocorrências singulares e plurais encontra respaldo no princípio da marcação (GIVÓN, 1995). Sendo o plural mais marcado em relação ao singular, devido a sua complexidade estrutural, cognitiva e sua menor frequência de ocorrência, era de se esperar que ele desfavorecesse o fenômeno analisado. Em contrapartida e pelo mesmo motivo, também julgamos que o singular seria favorecedor da redução.

A 1ª pessoa do plural (a gente) e 2ª pessoa do plural (vocês) foram categóricas para a utilização das formas reduzidas. No caso do pronome pessoal *a gente*, vale lembrar que a sua conjugação corresponde a 3ª pessoa do singular, o que pode justificar a sua preferência pelas formas reduzidas ao se alinhar às demais pessoas do singular.

Outra razão que vemos para esse resultado é que tanto *a gente* quanto *vocês* se tratam de formas gramaticalizadas, o que talvez poderia incentivar o uso de variantes inovadoras, mas essa hipótese precisa ser testada em estudos futuros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um viés sociofuncionalista, no qual conjugamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico, analisamos a alternância entre as formas plenas e reduzidas do item *estar* na fala dos moradores de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, focando os fatores sociais e linguísticos que a condicionam. O resultado geral apontou que o fenômeno em tela é semicategórico para a utilização das formas reduzidas do referido item e se encontra no final do seu processo de mudança.

A frequência global de 96.9% das ocorrências com o apagamento da sílaba inicial nos leva crer que, em um futuro próximo, as formas plenas serão completamente substituídas. Essa hipótese encontra forças ao notarmos que, dentro do banco de dados do PortVix, há alguns falantes que categoricamente utilizam o apagamento e poucos são os que não se comportam de modo semicategórico em relação às reduções.

Outro dado interessante que merece destaque é a relação da erosão do item com as funções por ele desempenhada. A hierarquia estabelecida com base na expansão pragmática, na dessemantização e na perda de privilégios morfossintáticos dos papéis exercidos pelo *estar* (Quadro 4) demonstra, mesmo que de forma tímida, que, quanto mais se perde em significação e se ganha em funcionalidade, maior a frequência de formas reduzidas. Assim sendo, a redução, que já apresenta um índice elevado nos casos de *verbo principal* (função mais concreta), aumenta gradativamente até chegar ao seu ápice à medida em que caminha para se tornar um *marcador discursivo* (função mais abstrata). Constatamos, portanto, que a redução fonética do item *estar* e sua mudança se relacionam diretamente com o seu processo de gramaticalização.

Ainda sobre a gramaticalização do *estar*, damos especial destaque ao Quadro 8, que mostra a mudança entre as funções do *estar* de acordo com a sua estrutura. Nele, notamos que, por semelhança, *expressões cristalizadas* e *marcadores discursivos* podem surgir a partir de *verbos plenos*, *verbos de ligação* ou *verbos auxiliares*.

Em relação à análise estatística, concluímos que, no plano social, as mulheres tomam a frente dessa mudança ao favorecerem as erosões – esse resultado encontra apoio

nos princípios labovianos que apontam que, independentemente de a mudança ocorrer abaixo ou acima do nível da consciência, elas são líderes desse processo. Outro fator relevante é a escolarização dos informantes: aqueles que possuem mais tempo de contato com o ensino regular desfavorecem a utilização das reduções, ao passo que os que possuem menos contato as favorecem. Sobre a faixa etária, é importante notar que os mais novos e mais velhos utilizam as formas reduzidas em proporções quase idênticas, há apenas 0,01% de diferença.

Na esfera linguística, notamos que as funções mais gramaticalizadas e as ocorrências no singular são as mais favorecedoras do fenômeno. No que tange ao fator *Tempo verbal*, verificamos que o presente do indicativo favorece a redução devido à sua alta frequência de uso; o futuro do subjuntivo, por sua vez, condiciona favoravelmente a perda de massa fônica por causa da sua associação com a conjugação do verbo *ter*.

Um último apontamento que gostaríamos de fazer sobre a redução fonética do *estar* diz respeito à representação dos *verbos auxiliares* por um feixe de exemplares. De acordo com Bybee (2016 [2010], p. 43), as

[o]corrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares. Desse modo, um exemplar é construído a partir de um conjunto de ocorrências que são consideradas pelo organismo como as mesmas em alguma dimensão.

No português brasileiro, os verbos *ter* e *ser* são frequentemente utilizados como auxiliares para a formação de tempos compostos (ROCHA LIMA, 2017 [1958]; BECHARA, 2009 [1999]). O verbo *ir* é utilizado como auxiliar na construção das perífrases do futuro do presente (TESCH, 2011) e das perífrases do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do indicativo no âmbito do *irrealis* (TESCH, 2007). Assim sendo, formulamos a hipótese de que o item *estar*, por ser mais frequente como auxiliar (40,3%), se aproxima dos seus correlatos monossilábicos, tornando-se, na forma reduzida *tar*, um perfeito exemplar dessa categoria.

De maneira geral, acreditamos que a presente pesquisa demonstra o quanto é frutífero relacionar os mecanismos e princípios da mudança gramatical à refinada análise estatística proposta pela metodologia laboviana. A Interface entre

gramaticalização e variação potencializou os nossos resultados ao ampliar as nossas estratégias metodológicas para a delimitação do contexto variável, mas, como apontam Görski e Tavares (2017), ainda há muito o que se explorar desse cruzamento.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Por uma educação sociolinguística. In: _____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 59-86.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1999].
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Nova York: Holt, 1993.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- _____. **Língua, Uso e Cognição**. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, Willian. **The evolution of grammar**: tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CALMON, Elba Nusa. **Ponte da passagem**: você e cê transitando na fala de Vitória (ES). 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História da lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto. 2014 [2010].
- CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI JUNIOR, Celso (Orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 45-61.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armenio Amado, 1975.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Sueli Maria. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens TER, HAVER, ESTAR e IR na língua portuguesa**. 2006. 321f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CRUZ, Marcio Alexandre. Por que (não) ler o *Curso de linguística geral* depois de um século?. In: FARACO, Carlos Alberto. **O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 25-48.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1984].

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012a, p. 157-176.

_____. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo funcional). In: SOUSA, Medianeira; MORAES, Andrea S.; NASCIMENTO, Hervickton Israel de O.; TEIXEIRA, Marília; NASCIMENTO, Rosemberg G. **Sintaxe em foco**. Recife: PPGL/UFPE, 2012b. p. 29-49.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso e ensino de português. **Gragoatá**, Niterói, n. 36, p. 80-104, 2014.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-47.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

DIK, Simon Cornelis. **Functional Grammar**. Amsterdam: North-Holland, 1978.

_____. **The theory of Functional Grammar: complex and derived constructions**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. 2014. 165f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

GIVÓN, Talmy. **English Grammar: A function-based introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. O objeto de estudos na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Orgs.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. p. 35-63.

GUY, Gregory Riordan. Varbrul: Análise Avançada. Tradução de Ana Maria Sthal Zilles. In: GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Sthal. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 [1988]. p. 47-70.

_____. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. Tradução, adaptação e atualizações de Ana Maria Sthal e Leonardo Z. Maya. In: _____. _____. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 [1993]. p. 19-46.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Sthal. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London/Melbourne/Auckland: Edward Arnold, 1994.

HASPELAMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In: FISHER, Olga; NORDE, Muriel; PERRIDON, Harry. **Up and down the cline: the nature of grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 17-45.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. (Orgs.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd. KUTEVA, Tania. **The genesis of Grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.

HOPPER, Paul J. **Emergent grammar**. Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: 1987, p. 139-157. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/viewFile/1834/1606>. Acesso em 19 out 2018.

_____. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C; HEINE, Bernd (orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 59-90.

_____. Emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). **The New Psychology of Language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KURYŁOWICZ, Jerzy 1965, **The evolution of grammatical categories**. Diogenes 51:55-71. Reprint: KURYŁOWICZ, J. 1975, Esquisses linguistiques II. München: W. Fink (International Library of General Linguistics, 37); 38-54.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principles. In: Paulston, Christian Bratt; Tucker, G. Richard (Eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. Munich: LINCOM EUROPA, 2002 [1982].

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina**. 2014. 199f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora. 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Usos do marcador discursivo TÁ?. **Veredas** – Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v.1, n. 1, p. 89-106, 1997.

_____. Funções da linguagem. In: _____ (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 31-36.

_____. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, p. 82-136.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Eduardo. Funcionalismo, cognitivismo e dinamismo da língua. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 87-106.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XXI. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mario Eduardo (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. p. 11-20.

MARTINET, André. **Économie des changements phonétiques: traité de phonologie diachronique**. Berna: Francke, 1955.

MASCHLER, Yael; SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning and context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds). **The handbook of discourse analysis**. Malden, MA: Blackwell, 2001. p. 189-221.

MASSARIOL, Caroliny Batista. **A expressão do sujeito pronominal em cartas e postais capixabas do século XX**. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

MENDES, Ronald Beline. **A gramaticalização de “estar” + gerúndio no português falado**. 1999. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Estar + gerúndio e ter + particípio aspecto verbal e variação no português**. 2005. 179f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecilia, Braga, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-14.

NARO, Anthony Julius. Variação e funcionalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-120, 1998.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 43-50.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: _____. _____. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 15-25.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolingüística/gramaticalização. **Gragoatá**, Niterói, n. 9, p. 125-135, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

NEWMAYER, Frederick J. Deconstructing Grammaticalization. **Language Sciences**, v. 23, p.187-229, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. **Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal**. 1988. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PAVEAU, Marie-Anne. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PENA-FERREIRA, Ediene; GOMES, Marcela de Lima. Variação e mudança no português da Amazônia: Uma análise do marcador pragmático extra-cláusula tá no falar santareno (Estado do Pará). In: *Memoria Acadêmica: compartilmos lo que sabemos*, 2012. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3808/ev.3808.pdf. Acesso em: 25 jul. 2018.

PINHEIRO, Frederico Pitanga. **A influência dos gêneros textuais na variação do verbo *estar***. 2016. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017 [1958].

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006 [1916].

SCARDUA, Juliana Rangel. **Análise da concordância nominal na fala de vitória/es: o linguístico, o social e o estilístico**. 2018. 213f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 560f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, p. 121-146, 2011.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de *AÍ, DAÍ, ENTÃO* e *E* como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis**. 1999. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e mudança linguística. **Interdisciplinar** (Edição especial ABRALIN/SE), Ano VIII, v. 17, p. 27-48, 2013.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2015, 249-270.

TESCH, Leila Maria. **A variação no âmbito do *Irrealis* entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba**. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdades de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. 2011. 191f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdades de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TOMASELLO, Michael (Ed.). **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Stanford: Stanford University, 1995.

_____. Gramaticalização: uma entrevista com Elizabeth Closs Traugott. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Ana Carolina Spinelli. **ReVEL**, vol. 2, n. 22, p. 98-108, 2014.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 51-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

YACOVENCO, Lilian Coutinho. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, Maria da Penha Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho (Orgs.). **Caminhos em linguística**. Vitória: Nuples, 2002. p. 102-111.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 771-806, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DO BANCO DE DADOS DO PORTVIX

ENTREVISTA	SEXO	IDADE	ESCOLARIZAÇÃO	LOCALIDADE
Célula 01	Homem	7-14 anos	Nível fundamental	Jucutuquara
Célula 02	Homem	7-14 anos	Nível fundamental	Maruípe
Célula 03	Homem	7-14 anos	Nível fundamental	Praia do Canto
Célula 04	Homem	7-14 anos	Nível fundamental	Santo Antônio
Célula 05	Mulher	7-14 anos	Nível fundamental	Camburi
Célula 06	Mulher	7-14 anos	Nível fundamental	Praia do Canto
Célula 07	Mulher	7-14 anos	Nível fundamental	Santo Antônio
Célula 08	Mulher	7-14 anos	Nível fundamental	São Pedro
Célula 09	Homem	15-25 anos	Nível fundamental	São Pedro
Célula 10	Homem	15-25 anos	Nível fundamental	Jucutuquara
Célula 11	Mulher	15-25 anos	Nível fundamental	Centro
Célula 12	Mulher	15-25 anos	Nível fundamental	Santo Antônio
Célula 13	Homem	26-49 anos	Nível fundamental	Maruípe
Célula 14	Homem	26-49 anos	Nível fundamental	São Pedro
Célula 15	Mulher	26-49 anos	Nível fundamental	Jucutuquara
Célula 16	Mulher	26-49 anos	Nível fundamental	Maruípe
Célula 17	Homem	50 anos ou +	Nível fundamental	Santo Antônio
Célula 18	Homem	50 anos ou +	Nível fundamental	Maruípe
Célula 19	Mulher	50 anos ou +	Nível fundamental	Maruípe
Célula 20	Mulher	50 anos ou +	Nível fundamental	Centro
Célula 21	Homem	15-25 anos	Nível médio	Centro
Célula 22	Homem	15-25 anos	Nível médio	São Pedro
Célula 23	Homem	15-25 anos	Nível médio	Santo Antônio
Célula 24	Mulher	15-25 anos	Nível médio	Santo Antônio
Célula 25	Mulher	15-25 anos	Nível médio	Praia do Canto
Célula 26	Mulher	15-25 anos	Nível médio	Camburi
Célula 27	Homem	26-49 anos	Nível médio	Jucutuquara
Célula 28	Homem	26-49 anos	Nível médio	Santo Antônio
Célula 29	Mulher	26-49 anos	Nível médio	Camburi
Célula 30	Mulher	26-49 anos	Nível médio	Jucutuquara
Célula 31	Homem	50 anos ou +	Nível médio	Maruípe
Célula 32	Homem	50 anos ou +	Nível médio	Camburi
Célula 33	Mulher	50 anos ou +	Nível médio	Centro
Célula 34	Mulher	50 anos ou +	Nível médio	Praia do Canto
Célula 35	Homem	15-25 anos	Nível universitário	Maruípe
Célula 36	Homem	15-25 anos	Nível universitário	Praia do Canto
Célula 37	Mulher	15-25 anos	Nível universitário	Centro

ENTREVISTA	SEXO	IDADE	ESCOLARIZAÇÃO	LOCALIDADE
Célula 38	Mulher	15-25 anos	Nível universitário	Centro
Célula 39	Homem	26-49 anos	Nível universitário	Praia do Canto
Célula 40	Homem	26-49 anos	Nível universitário	Maruípe
Célula 41	Mulher	26-49 anos	Nível universitário	Praia do Canto
Célula 42	Mulher	26-49 anos	Nível universitário	Centro
Célula 43	Homem	50 anos ou +	Nível universitário	Praia do Canto
Célula 44	Homem	50 anos ou +	Nível universitário	Centro
Célula 45	Mulher	50 anos ou +	Nível universitário	Jucutuquara
Célula 46	Mulher	50 anos ou +	Nível universitário	Maruípe

APÊNDICE B – OCORRÊNCIAS DE *EXPRESSÕES CRISTALIZADAS* NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX QUE UTILIZAM O ITEM *ESTAR*

Ao total, encontramos 239 ocorrências de *expressões cristalizadas* no banco de dados do PortVix que utilizam o item *estar*. Abaixo, listamos esses casos a partir do seu número de ocorrências:

- **Estar aí (37 ocorrências):**

Porque, é o seguinte também, num tem? Pouco carro, menos poluição. Cê você vai na cidade, você vê que a cidade é aquele sufoco... Cê vê esses carro e mais carro... carro... e mais carro... e a poluição **tá aí** oh! Em cima!

(PortVix, célula 18: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

- **Está bom (23 ocorrências):**

Aí então ele falou assim: “eu quero que você venha conversa toda semana”. Falei: “**Tá bom**”. Aí passei a ir toda semana conversa com ele, né? E tomar o remédio dele pra ele fazer acompanhamento, e eu não sei que, pode ser que essa gripe violenta que eu tive com tudo quanto é ite, sinusite, tararararara, seja uma catarse, uma eliminação de problemas.

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

- **Estar ali (13 ocorrências):**

Eu acho que tem nada a ver, gente... você é humano, você também, a outra também... **tá ali** esperando, vai pó ordem, né?

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

– **Estar a fim de (10 ocorrências):**

A gente costuma ir/eu costumo ir ali na Ilha do Boi, na curva da jurema também, mas... eu prefiro a... Ilha do Boi. Esse verão, eu aproveitei pouco esse verão. Eu não **tava a fim de** praia não...

(PortVix, célula 24: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

– **Estar lá (9 ocorrências):**

Não. Não é questão de ser mais violenta, mas que é violenta é! E se for analisar, Vitória... é um miolo... olha a quantidade de gente que tem aqui em Vitória! A cidade cresceu muito... é isso que faz aumentar a violência, o assalto (ininteligível). Não em termo de indústria, é população. Esses aumentaram/a população tende a aumentar... você sobe (ininteligível). em cada família de três, **tá lá**. E sem contar, como diz o outro, é... uma parada até... tem os invasores, que olha o nosso bairro o que tem de baiano no nosso bairro...

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar certo (7 ocorrências):**

Não... o Frade e a Freira é indo pro... pro Sul. É... Sul... **tá certo!** É... ah... não... não sei mesmo. Não sei de lenda, não. A gente conhece mais, assim, a história, né? O que a gente aprende na escola e tal, mas lenda... historinha que... os pais... os avós contam pra gente, agora, não me ocorre nenhuma, não.

(PortVix, célula 36: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Estar na hora (5 ocorrências):**

Ele... lá ele fala muito sobre os adolescentes, entendeu? Que... os adolescentes gostam assim muito de namorar, aí... ele começou a falar que... adolescentes num/num pode namorar, **num tá ainda na hora**... a pessoa só pode namorar depois que... passa dos quinze anos, dezesseis, que já tem um.../sua moradia, entendeu?

(PortVix, célula 04: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Aí é que está/Aí que tá (5 ocorrências):**

Aí que tá! Se você for fazer simplesmente por fazer, não vai dá. Mas se você for fazer com/por causa de uma manifestação, aí não tem jeito (...)

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Você está doido/Está doido (5 ocorrências):**

A polícia chega falando assim: “você tem/você pode denunciar”. **Cê tá doido!** Já aconteceu e eu vi colegas meus falando que o próprio cara pediu... que passou um policial lá... o cara foi lá e denunciou. Falou: “olha isso, isso, isso e isso”. Foram lá e pegaram o cara... o cara foi lá e “quem foi?”. Aí falaram “fulano de tal”. O policial falou pro cara: “foi um vizinho/foi não sei quem”. Eles descobrem, cara... então, isso é safadeza... então, é melhor você ficar de boca calada ainda... eu preciso ficar calado... enquanto não acontece nada com a minha família, eu acho que você não tem que tomar providência nenhuma, entendeu?

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar nem aí (5 ocorrências):**

E ele nem/**tá nem aí**, aí as vezes ele fala “levanta desse sofá, menina! Vai lavar um copo”. É jeito de falar, ele até riu. “Vai arranjar uma coisa pra fazer, uma roupa pra lavar, não sei o que, aí terço pra rezar...” “eu não rezo terço!”

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

– **Estar ótimo (4 ocorrências):**

A beleza e depois cozinhar (risos). Se desse pra associar beleza com inteligência, já **estaria ótimo**, né?

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário).

- **Estar ligado (4 ocorrências):**

Minha mãe, quando papai morreu, ela... ela ficou, assim, meio... sem **tá muito ligada**, sabe? Depois... de uns tempos pra cá que a gente sentiu que ela... assim, deu uma arriada, sabe? Começou a sentir muita dor... assim... sem mais nem menos. Muita coisa assim... muito baqueada, de não querer sair, de não querer fazer nada. Aí... a gente achou que... agora que ela sentiu mesmo depois de tanto tempo, né? que papai vai fazer três anos em fevereiro, né?

(PortVix, célula 30: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

- **Estar no meio (4 ocorrências):**

(...) ficava no meio desses colegas, não **tava no meio** que/das pessoas que fizeram... ah... né? Que mataram o menino. Aí hoje, ele/eu... e... infelizmente ainda usa drogas. Só que a gente não sabe como lidar com isso.

(PortVix, célula 24: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar tranquilo (4 ocorrências):**

Não, eu não quero ir embora. Quero assistir às aulas. Aí que eu acho legal e acho bom também, ir pra escola, por exemplo. Trouxe o remédio também, caso se eu passasse/na dor, tomava de seis em seis horas e era assim. Se tivesse febre, era três horas sem febre, aí tinha que voltar a tomar de novo daqui a seis horas pra febre passar novamente. Então, tranquilo, aí, tô bem, até hoje num tive nada, **tá tranquilo**.

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

- **Então está bom (3 ocorrências):**

É... eles falam que eu jogo bem, eu não acho que/que eu não sou lá aquelas coisas, mas diz que jogo, **então tá bom**.

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar por fora (3 ocorrências):**

Até preço de passagem, eu **tô por fora**. Eu andava bastante de ônibus, bastante mesmo. Eu só andava de ônibus. Mas depois que eu comprei o carro, eu parei. Mas eu num tenho muita noção, não. Bairros distante, assim, eu não vou de ônibus. É muito difícil. Eu já vi pessoas reclamarem, principalmente... é... no final de semana, de transporte, né? Mas eu acredito que atende bem.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

- **Estar com cabeça (3 ocorrências):**

Por exemplo, esses dias teve/hoje teve de fazer um texto de português e eu não consegui fazer porque eu não **tava com cabeça**. Aí eu falei com a professora “oh professora, hoje não vai dá, não. Eu desisto”. Aí eu peguei, joguei o texto fora e falei que eu ia fazer quando eu tivesse... boa cabeça.

(PortVix, célula 05: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

- **Estar ferrado (3 ocorrências):**

Hoje... assim... hoje eu/a menina chegou, assim, na bola na queimada e tacou bem aqui em mim. Aí eu falei assim: “cê **tá ferrada**... eu vou te queimar”.

(PortVix, célula 07: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

- **Estar assim (3 ocorrências):**

Ah... porque de repente vinha uma pessoa... pior do que ela... pra cá e a gente nem/não conhece... e agora que ela começou, assim, reunir, porque antes ela era nova... ela era nova... aí... aí que ela foi, entendeu? Melhorando... aí agora ... que ela **tá assim**...

(PortVix, célula 02: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

- **Está beleza (3 ocorrências):**

(...) eu tinha acabado de passar... eu chamo ele de tio Dário, né? “Aí, tio Dário, **tá beleza?**”

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar vendo (3 ocorrências):**

(...) Ah, minha filha, aí meu irmão falou assim: “**tá vendo? tá vendo?** Bem que eu falei a você... que elas têm namorado, todas duas!” A minha irmã já tava quase noiva, e eu também já tava caminhando, né?

(PortVix, célula 20: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

- **Do jeito que está (2 ocorrências):**

Na década de 70, eu acho que o pessoal foi mais rebelde, assim, mas eu acho que tinha que exigir mais... eu heim! Fica essa coisa **do jeito que tá** a gente pagando e não tendo!

(PortVix, célula 25: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Ele está isso, ele está aquilo (2 ocorrências):**

(...) **Ele tá isso ele, tá aquilo...** a questão é como é que eu vou fazer um trabalho com um menino de dois anos? Cê não faz muita coisa. Você não vai fazer muita coisa que vai fazer um efeito, porque eu vou trabalhar uma, duas vezes por semana aqui. Então eles, os pais, ACHAM que é o menino que tá em atendimento, mas na verdade é o pai.

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar abaixo (2 ocorrências):**

Atualmente, eu não é... a po/existe os postos, as graduações da polícia. Por exemplo, se eu for saí na rua com um grupo de cabos, soldados, sargentos e subtenentes, ou seja, pessoas que **estão abaixo** na hierarquia, vamos assim dizer, então eu vou ser o comandante.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar ao lado (2 ocorrências):**

Eu acho que... pelo/bastante tempo... até um certo ponto, até um certo período, os pais tinha que **tá sempre ao lado** dos filhos. Alguns/por exemplo, eu me acostumei com a minha mãe viajando aí... não sou muito acostumada com ela não. Só que eu vivo/de vez em quando a gente briga, só que eu vivo perto dela.

(PortVix, célula 05: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar de pé (2 ocorrências):**

É... não é buscar, porque 07:00 horas eu tenho que **tá de pé**, porque 08:00 horas abre a loja lá, eu vou ter que ir lá.

(PortVix, célula 01: homem, 7 a 14 anos, nível médio)

– **Estar difícil (2 ocorrências):**

Meu horário, tomara que aumente, né? (ininteligível) **tá meio difícil**, né? Negócio de voltar pra casa 10:00, 10:30, muito ruim.

(PortVix, célula 01: homem, 7 a 14 anos, nível médio)

– **Estar atrás (2 ocorrências):**

É um bicho grande, grande, grande, aí é... alguém fica, assim... parece (ininteligível) sei lá... depois eles saem correndo porque o bi/o... bicho **tá atrás** deles.

(PortVix, célula 02: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar bem (2 ocorrências):**

(...) Um rasga seda, né? Aí ele: “Fulana, vem cá”, chamou a secretária, né? É que é uma senhora também. “Apanha por favor aqui no chão”. Ela não, “porque cê não pode fazer isso com o corpo, virá pro lado assim pra apanhar, cê não pode fazer isso”. Falei: **“Tá bem”**.

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 29 anos, nível universitário)

– **Estar tudo bem (2 ocorrências):**

Cê quer ver uma coisa? Tudo bem. Lá em cima tem câmara, tem o socorro na hora. Seu carro quebrou? chegou, **tá tudo bem** (...)

(PortVix, célula 28: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar dentro (2 ocorrências):**

Não sei. Pode ter algumas coisas. Eu acho que tem... mas, depois de muito tempo que você **tá dentro** e convivendo junto, tem uma hora que você mostra realmente quem você é, eu acho. Não tem como você ficar fingindo tanto assim.

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Estar na moda (2 ocorrências):**

Que eu lembre, é... fui lá no shopping Vi/Shopping Vitória. Foi o restinho. Aí que meu pai comprou SKY. Aí a gente deixa aí pra assistir o filme em casa ou aluga um filme,

entendeu? Ou aluga em DVD agora que **tá na moda** e já tem em algumas locadoras. Aí dá pra assistir legal em casa, né?

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Como é que está (1 ocorrência):**

Lá, eu vou começar fazendo visita nas famílias. Meu plano é esse: começar a fazer visita nas famílias, conversar, né? Uma conversa, assim, primeiro conversar. Vai ser só conversar, **como é que tá**, se eles são costumados tratar de dente, essas coisas assim. E depois eu vou fazer palestra mesmo, ensinar fazer escovação, falar da importância do uso de escova, do fio dental, que, às vezes, eles só pensam que só precisam escovar os dentes na hora que acordam, né?

(PortVix, célula 46: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

– **Deixar como está (1 ocorrência):**

Tipo... Tipo... é... um sistema de bolsa de estudo... de cobrança... uma série de coisa. Mas o governo tá aí? Tchi! Fe-de-ra-li-zar! Ah! **deixa como tá**... pra ele, tá ótimo... a universidade pública, quer dizer... é... a universidade... é... particular... tá crescendo, né?

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

– **Do jeito como está (1 ocorrência):**

É/é... na verdade, assim, eu acho que não existe uma... uma... receita muito não, mas... infelizmente, a violência tá... **do jeito como tá**... não tem como a gente se trancar dentro de casa e, se... botar grade, alarme e fingir que não existe aí... (...)

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Então está (1 ocorrência):**

Então tá, vou falar! Eu acho péssimo. Por quê? porque... o que que acontece o... sistema... acontece muita coisa errada e eles abafam, você entendeu?

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

– **Está desse jeito (1 ocorrência):**

(...) não sei se tá errado ou tá certo... mas... isso tudo dificulta. Se é uma família que tem esses problema e que o pai chega depois... a mãe... mas que não tem um momento, pelo menos pra juntar todo mundo... sair... pra... tirar umas férias, pra conversar, pra/tem que ter... então é por isso que **tá desse jeito**.

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

– **Está deixando a desejar (1 ocorrência):**

Eu acho que o nosso sistema/o sistema público de saúde **tá deixando a desejar**.

(PortVix, célula 17: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Está enchendo de água (1 ocorrência):**

Pedacinho de... é... aí é... pezinho de porco, orelhinha de porco, aquele negócio... carne seca, linguiça, tudo no feijão... a minha boca **tava enchendo de água!**

(PortVix, célula 19: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Está nada (1 ocorrência):**

E 2: então o casamento deve está saindo por aí?

I: O casamento? **Tá nada!** (risos) Comecei a namorar com ele com quinze. Com/agora com vinte e um... fiz vinte e um semana passada.

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

- **Está vendo aí (1 ocorrência):**

(...) compras também. Eu subo e desço (ininteligível), não tem jeito. Mas eu preciso praticar esporte... infelizmente... mas como eu tava falando da saúde... **tá vendo aí?** Greve na saúde?

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

- **Estar aí fora (1 ocorrência):**

Mas... é muita gente pra distribuir. Quer dizer, tem que ter um valor pra arrecadar, senão na não dá pra cobrir. Tem o salário de cada um. Não dá pra engrossar as conta que **tão ai fora** (ininteligível). Com dois anos, eles já têm apartamento em Miami, rapaz! É brincadeira oh, eu hein! Cê gosta de jaca?

(PortVix, célula 28: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

- **Estar a par (1 ocorrência):**

E1: É... você já ouviu falar que, por exemplo, em cadeias femininas... algumas cadeias liberam as mulheres terem... é... visitas íntimas. Eles colocam, né? Você concorda com isso? (risos)

I: eu não **tô muito a par** dessa situação não...

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar acima (1 ocorrência):**

Quem **tá acima** são seus comandantes. Mas a função atual que eu ocupo dentro da polícia que eu trava/eu trabalho na seção de planejamento, (ininteligível) batalhão.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

- **Estar alerta (1 ocorrência):**

Não. Sim. Por uma, no/tem duas, um, duas. Eu creio que deveria ser frequentemente, né? Pro pessoal **tá sempre em alerta**, correto. Pra eles ficarem cientes do que que eles tão fazendo, que pode prejudicar no amanhã ou depois. Eu/e aqui, nesse ano passado mesmo, não teve nenhum. Ano passado não teve nenhuma esse/não sei qual projeto deles com escola, com esse novo diretor, né?

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

- **Estar aqui (1 ocorrência):**

Não, fez também. Eu tive um ponto, mas eles me colocaram pra dormir, não sei porque eles me colocaram pra dormi. Aí, quando eu acordei, vi assim, olhei assim, tinha... três, dois pontos, assim, mais ou menos. Olhei dois ou três pontos, não sei. Tava meio tonto ainda por causa da anestesia, que eu dormi. Aí minha mãe foi pra casa, falou com o pai dele, aí o pai dele falou: “não... qualquer coisa, se precisar, **nós estamos aqui**”.

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

- **Estar assim, assado (1 ocorrência):**

E1: quais são os problemas assim?

I: Em geral é... elas vêm com uma demanda da mãe e do pai de que “ah! ele **tá muito assim... muito assado...**”

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar bem de vida (1 ocorrência):**

E1: o que que ele falou?

I: ele/ele não **tá bem de vida**, né? Então ele tava falando que Renato Aragão bota no programa dele gente completamente... fora do... aquele Jacaré da/do Tchan, aquele Bam Bam que ganhou o negócio (...)

(PortVix, célula 33: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

– **Estar cheio de (1 ocorrência):**

É porque eu acho que eu gostaria de morar numa cidadezinha onde não houvesse violência, que o pessoal tudo vivesse bem... não na cidade que aí **tá cheio** de violência... São Paulo...

(PortVix, célula 05: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar dando ouvidos (1 ocorrência):**

Eu acho que vota em quem conhece. Porque ninguém vai por promessa mais. O pov/eu mesmo já/eu/o sujeito tá cumprimentando ali e eu não dou nem... não dou nem ouvido... **tô dando nem ouvido**.

(PortVix, célula 13: homem, 26 a 49 anos, nível fundamental)

– **Estar de olho (1 ocorrência):**

Aí chegar lá (ininteligível) deve ser estranho, não? Chegar assim... olhar pra você... “vamos namorar”? Eu acho que a pessoa toma um susto, assim, na hora... aí, por exemplo, se for uma pessoa que você **tá de olho**... “lógico agora! Ago/vamos lá, vamos lá falar com a pessoa!”.

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar de prova (1 ocorrência):**

A primeira escola do Di Vitor foi... a melhor escola que eu estudei, porque... eles exigiam bastante do aluno. A média pra passar ela... tinha que ser acima de sete, então... não tinha manha. Ou você tirava nota boa ou você... não passava. Graças a Deus eu sempre passei... sempre tirei nota boa! (ininteligível) lá de casa **tão até de prova**.

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar doida (1 ocorrência):**

É... vo/é... nossa ama/agora tô... **eu tô doida**, não fui ainda, não, mas eu queria ir no hospital dos aidético... aí é Tabuazeiro, né? Então, esses dia mesmo nós tava com uma campanha de levar leite, né? Que eles tão precisando muito de leite. Eu mesmo comprei seis caixa de leite e levei, mas mandei pra igreja, não fui lá não.

(PortVix, célula 19: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

- **Estar em cima (1 ocorrência):**

Ai... eu acho que num deixa a pessoa viver direito. A mulher num pode nem... que ele já **tava em cima**... ai, pelo amor de Deus! A mulher num podia pentear o cabelo diferente que ele já tava falando. Queria dormir sozinha, num podia porque ele num queria, queria que ela dormisse com ele... ah, eu hein! acho que assim já é demais... pessoa num tem liberdade pra fazer nada!

(PotVix, célula 30: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

- **Estar em foco (1 ocorrência):**

Na minha família e com amigos, que eu me lembre, eu não tenho. Agora isso **tá tão em foco**, assim, por causa daquela história daquele médico lá... do... (ininteligível) tiro em todo o mundo, matou cinco é... impressionante, né?

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

- **Estar em tempo (1 ocorrência):**

(...) é... tem esse negócio de um passar pro outro faz sinal, num tem aqueles negócio pra atravessar? Aí o outro lá na frente passou e parou o carro, começaram a discutir e o rapaz tirou só revólver... e atirou. Não pegou no pai, pegou na filha. Matou a menina assim linda, cinco aninho... pegou o tiro na cabeça... a mãe **tava em tempo** de enlouquecer. Passou ontem no jornal.

(PortVix, célula 19: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

- **Estar ficando (1 ocorrência):**

Tipo assim, cê **tá ficando** com um cara... você depois fala assim: “ah... vamos/vamos começar a namorar?”. Aí aquilo ali/aí ele fala bem assim: “vão... mas primeiro vão/vamos conhecer um o outro melhor”. Aí cê vai conhecendo, aí cê vai... tendo a confiança pelo outro... aí vai vendo a diferença.

(PortVix, célula 11: mulher, 15 a 25 anos, nível fundamental)

- **Estar frita (1 ocorrência):**

É... quando dá o comercial, eu começo a escrever, assim.... aí eu começo a escrever um monte coisa, assim... aí eu vou lembrando várias coisa que aconteceu. Ah... tem num sei o quê e vou escrevendo. Aí, quando começa a novela, eu pá fecho e vou ver. Minha mãe não pode nunca ver essa minha agenda, porque eu tenho tanta coisa... aí, então, se um dia ela ver eu tô ferrada! (risos) **Tô frita!**

(PortVix, célula 07: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

- **Estar lá em cima (1 ocorrência):**

Por que aquele que já **tá lá em cima** vai fazer nada pra ninguém. Se quiser fazer, é fazer pra eles mesmo.

(PortVix, célula 16: mulher, 26 a 49 anos, nível fundamental)

– **Estar na cara (1 ocorrência):**

Ah! Mas já **tava na cara**, que o Domini ia ganhar, desde o começo.

(PortVix, célula 01: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar na dele (1 ocorrência):**

(...) assim, brincando não, mas... **tá na dele** ainda. Escuta um som e tal mas... não é coisa/aquela coisa de sair. Não sei se é porque meu pai não deixa. Ele sempre/meu pai sempre... como meus pais são separados, ele sempre falou que eu era... eu fui muito precoce, eu e minha irmã.

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Estar na onda (1 ocorrência):**

(...) Agora **tô na onda** do MP3. Então gravo tudo em CD, gravo MP3. Cê ocupa menos espaço. Um CD, cê faz um CD com cento e oitenta, duzentas músicas fica tranquilo.

(PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar na pior (1 ocorrência):**

Aí tinha um pote de fezes e um pote de mel. Aí chegou assim o português: “ah! Sempre é o português que **tá na pior**, eu vou levar o pote de fezes” aí o satanás “nã nã nã nã não você vai pro pote de mel, o brasileiro é que vai no pote de fezes”. Aí o brasileiro foi aí eles saíram um cheio de fezes, outro cheio de mel. Aí... é... o satanás falou “agora um lambe o outro” (risos) o português tinha que lambe as fezes e o brasileiro lambe o mel (risos).

(PortVix, célula 03: homem, 7 a 14 anos, nível fundamental)

- **Estar na rua (1 ocorrência):**

(...) Eu fui trabalhar que eu sempre trabalhei em casa de máquina, arranjei emprego nos ateliê. Trabalhei, criei minha filha, que meu filho eu criei, né? Porque tinha pensão do meu marido. Ele também, eu conseguia até os dezoito ano... mas dele, ele num tinha nem carteira assinada. Ele trabalhava de pintura, mas já tinha eu incentivado a d/assinar a carteira. Quando saiu, ele já **tava na rua**.

(PortVix, célula 20: mulher, 50 anos ou mais, nível fundamental)

- **Estar na mão (1 ocorrência):**

Porque você ouve notícia... notícia é... pode ser uma indução. Você... tendo/você fala assim: "ah! Se eu fosse presidente, eu vou fazer isso eu vou fazer aquilo e tal", mas você não sabe o que é que **tá na mão** do presidente.

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar no caminho (1 ocorrência):**

E2: Então você acha que o Espírito Santo, assim, sabe explorar bem esse potencial turístico?

I: Agora... eu acho... não é questão nem de saber, né? Eu acho que ele tá indo né? **tá no caminho**...

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

- **Estar numa fase (1 ocorrência):**

Eu também **já tô numa** fase de escolher, então eu já escolho. Quando eu comecei a trabalhar, era adulto, adolescente, mas eu gosto mais de trabalhar com crianças e, conseqüentemente, com a mãe e com o pai, porque você não vai trabalhar sozinho.

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

- **Estar numa situação (1 ocorrência):**

Eu acho que é culpa do governo? Sim! também. Mas existem situações e situações. Se a gente **tá numa situação** que o governo não dá conta do recado sozinho, porque quem/se a gente pode ajudar por que não ajudar, entendeu? Eu acho que... esse problema de... de incentivo, assim, às pessoas... virarem voluntários e tal e... ajudarem as pessoas que mais precisam, eu acho válido.

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

- **Estar se achando (1 ocorrência):**

Acho Beletti um jogador... mais... mais garra. Cafu já tá naquela condição de... de **tá se achando** gostosão, né? Então... às vezes relaxa um pouquinho, mas eu concordo com a escalação.

(PortVix, célula 23: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

- **Estar tipo (1 ocorrência):**

(...) cê tirou, por dentro ela vai ficar dourada. Por fora e por dentro, ela **tá tipo** rosbfefe... com um sanguezinho por dentro.

(PortVix, célula 32: homem, 50 anos ou mais, nível médio)

- **Estar uma coisa (1 ocorrência):**

Eu acho... eu acho... eu acho que **tá uma coisa**, assim, de... as... as pessoas se gostam, acha que é aquele e di/depois descobre que num é... que num é aquilo que queria, né?

(PortVix, célula 30: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar pra lá e pra cá (1 ocorrência):**

Um bandido. Eu não vi o bandido, eles **tavam pra lá e pra cá**. Os caras com arma na mão (ininteligível) “Mãe, eu quero ser polícia”. Aí minha mãe falou: “Deus te abençoe”! Só falou assim. Mas aí, eu até então não sabia o quê que... nada sobre hierarquia de polícia, não. Só sabia que perseguia bandido, não sabia realmente o papel da polícia.

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar falando (1 ocorrência):**

(...) Casada, ela é mãe dessa menina. Não **tô falando** que elas quiseram casar? É assim... eu... eu fu/sou casada a trinta e um anos, só separada a quatro anos, vai fazer em fevereiro, porque meu marido ele... arrumou outra. Enquanto ele/eu não descobri ele me chi/galinhou né? Quando eu descobri eu mando/convidei ele pra pocar fora... aí ele não queria sair de casa, aí eu falei com ele que se ele não saísse eu ia chamar a polícia, entendeu?

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

– **O bicho está pegando (1 ocorrência):**

(...) mas quando olhei assim, não tinha um de castanheiro do meu lado. O que, rapaz, é pedra mesmo! Aí junto aquilo, quatro a cinco moleques assim, eu fui, “ih, rapaz! **O bicho tá pegando!** Vão bora!”. Aí eu chamei.

(PortVix, célula 10: homem, 15 a 25 anos, nível fundamental)

– **Aí está o problema (1 ocorrência):**

(...) só que passa de ser uma preocupação com a saúde pra ser uma preocupação estética... e eu acho que **aí... tá o problema** (...)

(PortVix, célula 37: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Está apertando (1 ocorrência):**

(...) porque em geral todas têm curso superior. Hoje em dia todas têm, é obrigada a ter... é... curso superior. A escola não contrata ninguém que tenha só magistério. Nenhuma professora e nem na creche também. As... as pessoas que são recreadoras... a partir de quatro anos... quatro? Acho que é quatro... elas têm que ser recreadoras... e as recreadoras... elas têm que ter pelo menos o magistério ou... hoje em dia, cada vez mais **tá apertando** mais essa exigência (...)

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar até o pescoço (1 ocorrência):**

Não vejo como fraude, mas eu acho que tudo... faz parte de um grande contrato da Nike por trás mandando mais do que CBF, até porque Ricardo Teixeira **tá até o pescoço** com a Nike, né?

(PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar com tempo (1 ocorrência):**

Vamos dizer, de transar. Eu tô a fim de transar. Eu falo bem assim: “oh! Hoje! Aí eu vou... vou fazer uma bagunça aqui dentro de casa”. Eu falo e é por isso que eu tô falando. Eu sou realista, que eu falo o que vou fazer antes, entendeu? Igual se perguntarem ali: “Ah, cê **tá com tempo?**”

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

– **Estar dando a hora (1 ocorrência):**

Eu falei até assim: “T., você liga?”, de eu ir atrás dele, assim, né? Quando **tá dando a hora**. Daí ele: “Não, não. Eu não tenho vergonha de você”. Eu me preocupo com ele vir sozinha, entendeu? Então eu não tenho medo, eu ando qualquer hora... não tenho medo, porque acho que é porque eu cresci aqui, então todo mundo me conhece. Eu não tenho medo.

(PortVix, célula 29: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar de fora (1 ocorrência):**

Eu sem carro... minha vida, é... dependeria, assim... eu demandaria um tempo muito maior. Eu faria muito menos coisa. Então, eu não sei andar de ônibus... é... não sei aonde é a rota deles. E que eu vejo é o seguinte, eu vejo de fora, de quem **tá de fora**... é... e de quem usa e que comenta, né? Minha empregada, meus funcionários, né? Que, sup/em horários de... de pique, são superlotados.

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Estar ficando feio (1 ocorrência):**

Eu falei com ele: “T., você é um rapaz. **Tá ficando feio** já eu na escola. não é, não?”

(PortVix, célula 29: mulher, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Estar indo (1 ocorrência):**

Não. Acho que do jeito que o mundo **tá indo**... num/num é muito bom colocar uma criança no mundo, não. Acho que a gente prejudicaria elas... pô! Tanta droga, violência... Por que que eu vou botar um filho no mundo? Pra ele entrar em droga, em violência? E... não dá certo, não...

(PortVix, célula 05: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar morrendo de X (1 ocorrência):**

Agora, se ele pegasse uma galinha de/prá comer, que **ele tá morrendo** de fome, a cara dele aparecia, sim, igual aquele cara, igual uma cara de (ininteligível). Foi o quê?

(PortVix, célula 18: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Estar muito assim (1 ocorrência):**

É... eu acho que a... a vida humana tá muito desvalorizada. Por vinte reais, outro dia, o cara matou, né? O outro por vinte reais. Qualquer coisa é... é... matar. Você mata,

you não sabe nem o nome de quem you matou, nem quem morreu sabe seu nome. Eu acho, assim... o pessoal... não tem amor ao próximo, né? **Tá muito assim...** todo o mundo quer enriquecer, quer... ser melhor que o outro. Tem que dar chance pros mais humildes, né? Falta emprego, falta casa, falta escola, alimentação... Acho se todo o mundo tivesse um trabalho, uma casinha pra morar... o básico como... consta na constituição, né?

(PortVix, célula 33: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

– **Estar não sei o que (1 ocorrência):**

É porque é database em agosto. Eles ficam fazendo corpo duro pra não melhorar a situ/o salário. Eles fala que o correio tá trabalhando no vermelho, **tá não sei o que**, mas eu considero que isso não é verdade. Não é verdade porque é muito de serviço que aparece, contrato.

(Portvix, célula 17: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Estar pegando (1 ocorrência):**

(...) e you vê e não pode fazer nada, isso entristece muito. É... you vê criança, em maternidade mesmo que eu trabalhei, de eu ver a mãe de primeiro filho morrendo de dor e a mãe/e a médica dormindo. Quando a gente vai lá chamar “ah! Primeiro filho é assim mesmo...”. Aí daqui a pouco a mãe começa a sangrar sangra... aí eu ia lá correndo, chamava a médica, quando a médica via que o negócio **tava pegando** mesmo (...)

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

– **Estar nessa coisa (1 ocorrência):**

Tem não... tem uma coisa até que eu tava falando agora de jardim que eu lembro bem que foi uma coisa que fizeram comigo. Tinha um acho que mais levado mesmo... tinha/a gente **tava nessa coisa** de brincar no jardim, então a gente tava...

jo/guardando as minhocas que a gente tirava guardava num vasinho... pra... botava dentro de um/um vasinho (...)

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Estar chegando lá (1 ocorrência):**

E1: Ah! você já tá sabendo!

I: É... eu... tô mais ou menos... **tô chegando lá..** quase sendo/eu sou melhor no/no saque por baixo... sei lá como é que se diz, e... rebatendo de vez em quando...

(PortVix, célula 05: mulher, 7 a 14 anos, nível fundamental)

– **Estar correndo atrás (1 ocorrência):**

Eu falei assim: “Oh! Eu aceito! Esse ano eu não vou fazer greve, não!” Porque eu **tô correndo atrás** da aposentadoria, né?

(PortVix, célula 17: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Estar entre X e Y (1 ocorrência):**

UFMG, UERJ, UFRJ, UFF... mais uma no/em Minas Gerais que eu ainda não sei não resolvi... **tô entre Juiz de Fora e mais uma...** e... Emescam.

(PortVix, célula 26: mulher, 15 a 25 anos, nível médio)

– **Estar nessa (1 ocorrência):**

Não, meu amigo falou comigo “vão... vão... vão fazer um negócio aí” e tal tal etc. Você entra na política, assina a ficha, aí eu falei “não, mas eu não quero isso, não, rapaz”. “Não, mas vai... inclusive, você vai ficar seis meses sem trabalhar... se for candidato você pode ficar seis meses sem ir no serviço”, eu falei “opa! Então eu **tô nessa**”.

(PortVix, célula 44: homem, 50 anos ou mais, nível universitário)

- **Estar morta (1 ocorrência):**

Você já é uma doutora, era uma médica, você passou mal aqui, chega lá “não, doutora, (ininteligível) vão correr, vão correr!”. O cara tá lá se (ininteligível) assistindo o jornal “ah, meu Deus! **tô morto!**” Ele não vai ser atendido porque você chegou... mas porque ele não é um ser humano igualmente. Você/por isso que eu digo pra você, tinha que ter um hospital pra pessoas assim e as pessoas que não tem emprego... agora sendo que pago pelo mesmo governo, não plano de saúde.

(PortVix, célula 18: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

- **Tá que (1 ocorrência):**

Aí de 3 em 3 meses tem que faze exame de sangue, pra vê se num... num.../o sangue num tá sobrecarregado com o remédio, entendeu? Se o rim num tá eliminando, por que o rim **tá que** elimina. “Porque dá uma retenção, se vai ficá um pouquinho inchadinha, que esse remédio dá uma retenção de líquido”.

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

APÊNDICE C – OCORRÊNCIAS DE *MARCADORES DISCURSIVOS* NO BANCO DE DADOS DO PORTVIX QUE UTILIZAM O ITEM *ESTAR*

Ao total, encontramos 145 ocorrências de *expressões cristalizadas* no banco de dados do PortVix que utilizam o item *estar*. Abaixo, listamos esses casos a partir do seu número de ocorrências:

– **Tá redução de Tá bom (71 casos):**

Empregar um maior policiamento na/no centro da cidade. Porém, devido aos tipos de pessoas que são moradores da Praia do Canto: empresários, políticos até mesmo, querem mais policiamento lá, que eles não querem ver seus filhos com celular de última geração roubado, cordão, relógio, essa coisa toda. Então, o Governador do Estado/isso é um exemplo, **tá?**

(PortVix, célula 40: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

(...) o pessoal faz greve, mas e o sindicato? Que vai... que... que... os cabeça do sindicato que vai e leva, quer dizer, a uma greve... até na saúde! Agora, se não tivesse oh... acho se... pra não existir greve, deveria ter no caso pessoas competentes, **tá?**

(PortVix, célula 27: homem, 26 a 49 anos, nível médio)

– **Tá preenchedor de pausa (51 casos):**

Aí... **tá**... aí, se acontece isso, um pula a cerca e o outro pula... aí virou bagunça! (risos)
Aí só vai morar junto só! (risos)

(PortVix, célula 35: homem, 15 a 25 anos, nível universitário)

(...) a pessoa... **tá**... ir lá na igreja... se ela... frequenta aquele lugar... respeita aquilo ali... você tá ali porque você quer, entendeu? Ninguém tá te obrigando a ficar ali (...)

(PortVix, célula 38: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Tá bom (13 casos):**

A gente podia vender tudo que tinha e num conseguia esse dinheiro. Sim, ficaria a operação... agora, fora as coisas que você ia gastar... é... anestesia, anestesistas e mais outras coisas, tudo era pago, porque, numa operação, você num paga só a operação não! Você paga o anestesista, você paga tudo, **tá bom?**

(PortVix, célula 18: homem, 50 anos ou mais, nível fundamental)

– **Tá vendo (4 casos):**

I: É... vamos ver... como é que é a o cardápio, assim, da semana?

E2: Vai no dia que tiver salpicão!

E1: Não, muda é sempre a mesma coisa. É bife à rolê com/com bacon por dentro e... uma... [um pedacinho de cenoura

E2: [Uma cenoura

I: odeio bife à rolê, **tá vendo?** Já começou... hã?

(PortVix, célula 27: mulher, 15 a 25 anos, nível universitário)

– **Então tá (4 casos):**

“A hora que você tiver uma coisa mais pra falar, você... você vai na hora do recreio. Você me procura. Então, depois da aula... a gente bate um papo... conversa... tá?”

“Não, professora... não... sabe por quê, né? Eu até entendo... eu entendo!” **então tá!**”

(PortVix, célula 45: mulher, 50 anos ou mais, nível universitário)

- **Tá entendendo (1 caso):**

Me formei agora, esse ano. Então, estágio automaticamente você tem que sair direto pro estágio. Estágio você tem um emprego, aí você fica aí... quando você... aí você tem que arranjar padrinho pra arranjar estágio pra você... conhecimento com político... se você tem, por exemplo, político te arranja, se não tem, não arranja, **tá entendendo?**

(PortVix, célula 31: homem, 50 anos ou mais, nível médio)

- **Não tão (1 caso):**

(...) Não... os professores, tipo assim, o professor, ele tem que fazer o seu... o seu... a sua matéria do dia, não é isso? Pra dar aquele ensino do dia, a aula dele. O que eles têm na mão, eles vão fazer o que eles aprendem dia-a-dia, porque a prefeitura tá sempre dando qualificação aos professores, **não tão?**

(PortVix, célula 34: mulher, 50 anos ou mais, nível médio)

APÊNDICE D – TIPOS DE SOBREPOSIÇÃO DE FUNÇÃO DO ITEM ESTAR (CASOS DE *MÚLTIPLAS FUNÇÕES*)

Ao total, encontramos 98 ocorrências do item *estar* desempenhando *múltiplas funções* no banco de dados do PortVix. Abaixo, listamos os tipos de sobreposições que encontramos:

– Principal + ligação (20 ocorrências):

Todos os tipo de assunto. E criança, criança? Criançada toda vinha aqui pra casa, vizinhança toda (risos). Depois, quando mudava da/a maioria já mudou, né? Aí vinha com a mãe, queria me visitar, queria me visitar, de 6 ano de idade assim (risos). Era gozada. Eu tava mal lá na cama, aí me chamava ali: “V...”

(PortVix, célula 42: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– Principal + auxiliar (63 ocorrências):

É... na verdade, eu vivo ensaiando. Como isso me cansa muito... e a escola... essas coisas urgentes do PL, do projeto... do planejamento... é... são coisas que não dá pra deixar pra amanhã... então... isso... enquanto eu tô lá trabalhando de uma às sete é impossível sentar e pensar e refletir um projeto que eu quero fazer (...)

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

– Ligação + auxiliar (7 ocorrências):

(...) Incentiva. Aqui tem... tem escolinha de futebol, entendeu? E... e já saiu com colegas meus daqui lá pros Estados Unidos. Eles fo/fizeram uma excursão lá pros Estados Unidos, jogaram lá. Não sei se perderam, não sei se ganharam, não fiquei sabendo de nada, eu tava... muito entrosado estudando, né?! Aí eu não sei te dizer se... eles ganharam.

(PortVix, célula 22: homem, 15 a 25 anos, nível médio)

– **Auxiliar + expressão cristalizada (5 ocorrências):**

(...) então, já ganha um destaque internacional. O passe dele já vai lá em cima. Então, na verdade, essas convocações são os cartolas que **tão por trás manejando o negócio** pra poder manipulando/prá poder ganhar dinheiro.

(PortVix, célula 39: homem, 26 a 49 anos, nível universitário)

– **Mais de duas funções (3 ocorrências):**

(...) e a criança tava lá... brincando... quietinha... realmente eu não avisei... pra... pra... secretária da escola lá na frente dizer “olha... se as mães do fulano, quando elas chegarem...” e as salas são uma ao lado da outra, né?!

(PortVix, célula 41: mulher, 26 a 49 anos, nível universitário)

APÊNDICE E – TABELA DO QUI-QUADRADO E TESTES DE SIGNIFICÂNCIA

Graus de liberdade	0,95	0,90	0,10	0,05	0,01
1	0,004	0,016	2,706	3,841	6,635
2	0,103	0,211	4,605	5,991	9,210
3	0,352	0,584	6,251	7,815	11,345
4	0,771	1,064	7,779	9,488	13,277
5	1,145	1,610	9,236	11,071	15,086
6	1,635	2,204	10,645	12,592	16,812
7	2,167	2,833	12,017	14,067	18,475
8	2,733	3,490	13,362	15,507	20,090
9	3,325	4,168	14,648	16,919	21,666
10	3,940	4,856	15,987	18,307	23,209

Fonte: Guy e Zilles (2007, p. 234)

- **Teste 1: amálgama dos fatores nível fundamental e nível médio na variável independente *Grau de escolaridade***

Log likelihood = -442.016 (com amálgama) / Log likelihood = -441.070 (sem amálgama)

$$442.016 - 441.070 = 0.946$$

$$0.946 \times 2 = 1.892$$

3 - 2 = 1 grau de liberdade (passamos de 3 para 2 fatores)

valor na tabela: 3.841

1.892 < 3.841 – a amálgama é significativamente estatística

- **Teste 2: amálgama dos tempos verbais menos frequentes na variável independente *Tempo verbal***

Log likelihood = -442.016 (sem amálgama) / Log likelihood = -451.725 (com amálgama)

$$451.725 - 442.016 = 9.709$$

$$9.709 \times 2 = 19.428$$

10 - 4 = 6 graus de liberdade (passe de 10 para 4 variantes)

Valor na tabela: 12.592

19.418 > 12.592 - A amálgama não é estatisticamente significativa